

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

OLIVEIRA LIMA <i>da Academia Brasileira</i>	Ainda existe o Direito Internacional? 111
MONTEIRO LOBATO	Pedro Alexandrino (com illustrações) 120
MARIO DE ALENCAR <i>da Academia Brasileira</i>	Flôr do campo (poema) . 131
AMADEU AMARAL	Um poeta do relevo e da côr 146
JACOMINO DEFINE	As razões de Tagore . 159
DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALENCAR <i>(Cartas de José de Alencar, Lourenço Viana, Barão de Pirapama, Visconde de Maranguape, Antonio Teixeira de Macedo, Henriques Leal).</i>	164
COLLABORADORES	Resenha do mez 170

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 26 - ANNO III

VOL. VII

FEVEREIRO, 1918

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Bibliographia — Movimento artistico (*Carlos Oswald-Tulio Mugnaini*), com oito illustrações — N. — A educação e a defesa nacional (*Afranio Peixoto*) — O Estado como factor da organização nacional (*A. Chateaubriand*) — O poeta Chiado (*João Ribeiro*) — Os "congós" (*João do Norte*) — Arthur de Oliveira — Brasil e Argentina (*J. Pires do Rio*) — Capistrano de Abreu intimo (*A. Prado*) — Os impostos internos — A sciência e a industria na Inglaterra e na Allemanha — As estradas de ferro do mundo — Um precursor de Tolstoi — A personalidade sentimental — Onde está a alma na inconsciência? — O mimetismo dos animaes — As caricaturas do mez. — **ILLUSTRAÇÕES:** Pedro Alexandrino e C. Oswald, por W. Rodrigues; O "atelier" de Pedro Alexandrino; quatro telas de Alexandrino; seis reproduções de C. Oswald; quadros de T. Mugnaini.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETTO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto
ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Numero avulso	1\$500
Numero atrazado	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

S. PAULO

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



AINDA EXISTE O DIREITO INTERNACIONAL? ⁽¹⁾

Meus caros amigos:

Manifestastes o desejo de que vos recebesse nesta para mim tão honrosa e grata visita, que summamente vos agradeço, dizendo-vos algumas palavras sobre o direito internacional. Mas para isso não era á sombra destas arvores que vos deveria acolher: pareceria preciso armar uma camara ardente. O direito internacional está reputado morto, e os raros neutros que restam, o estão velando como a morto pobre, posto que não morto sem choro. Se com effeito Grotius resuscitasse hoje, buscaria em vão em torno de si esse idéal da liberdade dos mares que elle julgou deixar vivo *ad omnia secula seculorum*. O que enxergaria elle? Oceanos desertos de navegação e apenas cobertos de destroços causados por uns monstros submarinos de que elle não podia ter tido a previsão, em re-

(1) Preleção feita a 19 de Outubro de 1917 no Recife, por occasião da visita dos membros do Congresso Academico ao seu presidente honorario.

presalia a um gigantesco bloqueio de populações inteiras, populações sommando muitos milhões e abrangendo combatentes e não combatentes: isto é, nações, que se procura fazer capitular pela fome, como qualquer guarnição de fortaleza.

O velho hollandez rasgaria, estou certo, o frontispício do seu tratado da guerra e da paz, para só se occupar da guerra, tendo a paz por desapparecida do planeta. Aos seus labios tremulos de commoção afloraria a maxima romana, de novo em actualidade, como se não houvesse de permeio dous mil annos de civilização: "Inter arma silent leges".

Porque semelhante eclipse? Os guias do pensamento americano, quando chegou a hora do nosso continente se organizar sobre a base da sua autonomia, foram todos elles, Jefferson como Bolivar, o padre João Ribeiro como Mariano Moreno, homens educados na philosophia européa do seculo XVIII, philosophia de tendencias humanitarias e de predilecções pacificas. Teria tal philosophia sossobrado para sempre no furor das luctas crueis a que não tem escapado o Novo Mundo numa forma reflexa? O que é feito de todo esse prolongado esforço do mundo civilizado para codificar o direito das gentes, para humanizar a guerra, para a prevenir pelo arbitramento obrigatorio e pela redução dos armamentos, para estabelecer sobre fundamentos solidos essa sociedade das nações de que só escarnecem os imbecis?

Nada mais parece respeitar-se na destruição pavorosa que por além vai de cidades e de campos, onde milhares de vidas são diariamente immoladas ás divindades infernaes da inveja e da cobiça. Não ha socego para os que acordam entremunhados ao estourar das bombas lançadas pelos aeroplanos; não ha garantia para a propriedade dos que levaram o melhor dos seus annos a formarem peculio para a velhice; não ha piedade para os que expiram na horrivel dyspnéa produzida pelos gazes asphyxiantes; cessaram as liberdades de locomoção de trafico, até de pensamento, tão caras aos corações dos homens cultos.

A situação só fez peorar em comparação do que era nos começos do seculo findo, quando o commercio dos neutros sof-



fria o duplo embate de inglezes e francezes, empenhados em se destruirem economica e politicamente, e se organizava adrede numa liga de defeza propria. Esta liga pretendeu oppor-se ao direito de busca, no caso de estarem os navios mercantes escoltados por navios de guerra das suas nacionalidades, só trazendo porém sua attitude em resultado o bombardeio de Copenhague e a destruição da esquadra dinamarqueza, isto é, de uma das nações neutras.

No emtanto o que a liga dos neutros reclamava era o que ha de mais razoavel; era o que ainda hoje reclama o direito e consiste na liberdade do transporte de mercadorias feito sob bandeira neutra, com excepção do contrabando de guerra o qual deve tão somente comportar armas e munições de guerra. Consiste mais na liberdade de navegação de embarcações neutras para portos não bloqueados effectivamente, immunes do vexame da busca quando comboiadas pela frota de guerra. Em vez disso temos hoje as listas escandalosas de artigos de contrabando de guerra, abrangendo quanto ha, até viveres, e temos o bloqueio á distancia e o bloqueio por submarinos em zonas declaradas de guerra e mares declarados em estado de clausura. Temos até a prohibição de embarques de generos de porto neutro para porto neutro, pelo risco ou suspeita da mercadoria alcançar por via do territorio neutro o territorio inimigo — isto sem fallar nas estranhas listas de proscricção commercial operando entre populações não belligerantes e attingindo em muitos casos nacionaes de paizes neutros. Chega-se até ao absurdo de estabelecer embargos para generos alimenticios destinados a paizes neutros quando nenhum embargo fôra decretado para armas e munições, a saber, o contrabando de guerra, realmente inequívoco e que só um dos lados belligerantes se achava em condições de receber.

Acontece porém com o direito o que acontece com a moral, a religião ou a politica. isto é, qualquer dos systemas creados pela intelligencia e pelo esforço do homem, obedeça elle nesses casos a puras conveniencias sociaes ou a mal definidos, mysteriosos instinctos do seu espirito. Differentemente do que acontece na vida physica, ha sempre possibilidade, pode



mesmo esperançosamente dizer-se que ha sempre certeza de resurgimento para cada uma daquellas expressões da alma collectiva da sociedade apoz o eclipse do seu fulgor: este reaparece sempre que a tolerancia e a equidade primam de novo a violencia e o crime.

Se o direito desaparecesse da superficie da terra, cessaria toda organização e cessaria toda sociedade. O direito internacional não é mais do que um ramo que brotou do tronco common e, como todo o direito, tende á universalização. As questões do direito internacional já possuem mesmo o caracter de universalidade: o publico põe em jogo os tratados, as convenções, as regras que devem presidir ás relações entre Estados; o privado cuida de ajustar os conflictos entre direitos nacionaes e de assimilar o estrangeiro ao nacional na esphera dos interesses particulares.

Como conceber, pois, o mundo sem um direito das gentes? Os clamores que suscita seu desaparecimento ou, melhor dito, seu eclipse, são a melhor prova da sua existencia real e da necessidade que delle experimenta a consciencia universal. Talvez que esse eclipse venha a ser um bem, porque na próxima Conferencia da Paz já os problemas da guerra não poderão mais ser discutidos com um espirito por assim dizer academico. Elles serão discutidos deante da sinistra realidade de uma guerra que a todas as outras excede em horrores.

O interessante é que, mesmo durante a guerra, o direito internacional tem dado signaes de vida. Nós sabemos pouco do que se está passando na Europa — apenas aquillo que nos permiltem saber fontes suspeitas — e as cousas porventura mais importantes nos escapam. Acaba por exemplo de dar-se um caso de arbitramento relativo á guerra no decorrer da guerra. Foi o primeiro, porque a Allemanha recusára resolver por esse modo o caso do torpedeamento do *Palemborg* e adiára até o fim da guerra — *et pour cause* — o do torpedeamento do *Tubantia*. Agora Allemanha e Hollanda decidiram submeter a uma cõrte arbitral composta de um sueco, um dinamarquez e um argentino (victoria ineruenta alcançada pela neutralidade argentina sobre a nossa semi-guerra), a questão



da entrada dos submarinos nas aguas territoriaes das nações neutras por motivos que não de força maior ou avaria.

Não é occasião de apreciar se o recurso ao arbitramento deve ser absoluto ou de conveniencia: menciono apenas o facto para mostrar a vitalidade de semelhante principio, que resurge quando lhe querem passar certidão de obito. De resto, apoz a guerra, haverá uma porção de casos novos a regular, no genero da classificação dos navios mercantes armados em guerra para se defenderem dos submarinos, cuja actividade exercerá desse modo não pequena influencia sobre as futuras regras do direito a serem admittidas pelas nações.

Logrará manter-se deante das aggressões invisiveis daquelles instrumentos tremendos de guerra a ficção da soberania nas aguas territoriaes? Desde o momento em que se alteram as bases ou condições, ha que alterar os principios ou normas, já que é relativo o conceito do direito. A violação das aguas territoriaes, cuja fixação depende aliás da balística, pois que o seu limite das trez milhas já não corresponde aos canhões modernos, não é nem jámais foi considerada tão grave quanto a violação do proprio territorio, e menos grave ainda é a do espaço atmospherico onde operam os aviões. Um publicista estrangeiro assim estabelece a gradação denunciada pelo diapásio diplomatico diverso das respectivas reclamações: "Se uma esquadra de zeppelins atravessa o territorio hollandez, fendendo os ares, o governo da Haya faz uma advertencia; se uma peleja naval ocorre nas suas aguas, o governo em questão protesta energicamente; se um soldado allemão passasse armado a fronteira hollandeza a Hollanda entraria na guerra" As violações de neutralidade não são, pois, afe-ridas por identica craveira.

Existe comtudo em toda a evolução do direito um elemento fixo e inalteravel que se chama a moral. As circumstancias da applicação das regras que formam os codigos podem variar: no amago cousas ha que serão eternamente reprovaveis e outras que serão eternamente louvaveis. Um exemplo daquellas é a imposição aos civis de um territorio occupado militarmente de trabalharem para o inimigo em detrimento da



sua patria; um exemplo destas é a assistencia prestada aos feridos inimigos. Como e porque se distinguem uma das outras? Pelo character moral que as distingue. O direito tem de ser posto de accordo com a moral, de modo tão cabal que elimine quanto possivel do organismo social o que Mazzini chamava a philosophia de Cain, a qual tem sido a desgraça do mundo biblicamente e tambem historicamente.

Não é que tenham faltado apóstolos desse credo de justiça internacional. Depois da paz de Utrecht o abbade de Saint Pierre propoz um vasto e generoso plano em que entravam a mediação, o arbitramento e a penalidade para o soberano culpado de haver pegado em armas por sua propria iniciativa ou recusado executar uma decisão do senado das nações. Esse refractario á disciplina internacional seria declarado inimigo da sociedade européa e contra elle se voltariam os exercitos dos confederados.

E' claro que semelhante recurso tornaria impossivel a guerra, a menos que o réo não fosse um Imperio Allemão capaz de arrostar o mundo inteiro; mas não bastaria para tornar a paz eminentemente justa, porque de todo tempo se conheceram as coalisões de interesses. Nem o momento historico comportava então ou comporta sequer hoje remedios tão drasticos. Nas conferencias da Haya os Estados Unidos tornaram bem claro que não abriam as porteiros americanas: nesse immenso cercado elles sós poderiam intervir, mesmo para fim tão altruista quanto a preservação da paz, por sua vez se compromettendo a não intervirem na Europa.

Resta saber que influencia exercera o desvio dessa politica secular de abstenção traçada por Washington sobre os destinos da doutrina de Monroe, que constituia o que se pode chamar a sua *contrepartie*.

A saneção tem que se exercer pela reprobção geral da offensa commettida contra a paz universal. Qualquer saneção mais positiva ultrapassaria a meta desejada. A cousa essencial a fazer é estabelecer e promover a acceitação da carta fundamental da sociedade internacional, ou mais precisamente firmar os direitos e os deveres das nações. A Córte Internacio-



nal de justiça que ha de forçosamente constituir-se, ahí encontrará sua lei organica.

O segredo do éxito está porém em promover apenas o que fór realizavel, e por isso é conveniente renunciar, por enquanto pelo menos, ao emprego da força no intuito de compellir ao respeito do direito. Este respeito deve partir do consenso da opinião, de uma deliberada sujeição da razão; motivo de mais para que o nosso paiz, que na sua lei fundamental veda a guerra de conquista e estabelece o recurso ao arbitramento, se colloque na primeira linha dos que adherem a semelhantes processos da equidade internacional. O nosso sentimento juridico, que é felizmente um facto incontroverso, impõe-nos tal obrigação e acarreta-nos tal distincção. Para merecel-a, é todavia preciso que não abandonemos a brandura pela violencia.

O internacionalismo começa por ser o agrupamento, a ampliação dos differentes nacionalismos, antes de ser um sentimento differente, isto é, dotado de uma natureza propria, de uma feição comprehensiva. Entrará a ser semelhante sentimento quando estiver fundada a ordem juridica super-nacional: a saber, o que Fiore baptizou como direito do genero humano. Então o novo direito internacional gosará dos attributos que pertencem a outros ramos do direito, o civil ou o criminal, quer dizer, a obrigatoriedade e a sanção penal, e a sociedade humana poderá orgulhar-se de ser um organismo onde reina a harmonia e uma creação onde prevalece a justiça.

OLIVEIRA LIMA



PEDRO ALEXANDRINO

O genero de pintura a que se dedicou Pedro Alexandrino é dos mais ingratos. Força o pintor a extrahir poesia justamente dos materiaes de si menos aptos a suggerir-nos impressões poeticas. Uma jarra, um prato, um copo difficilmente esper-

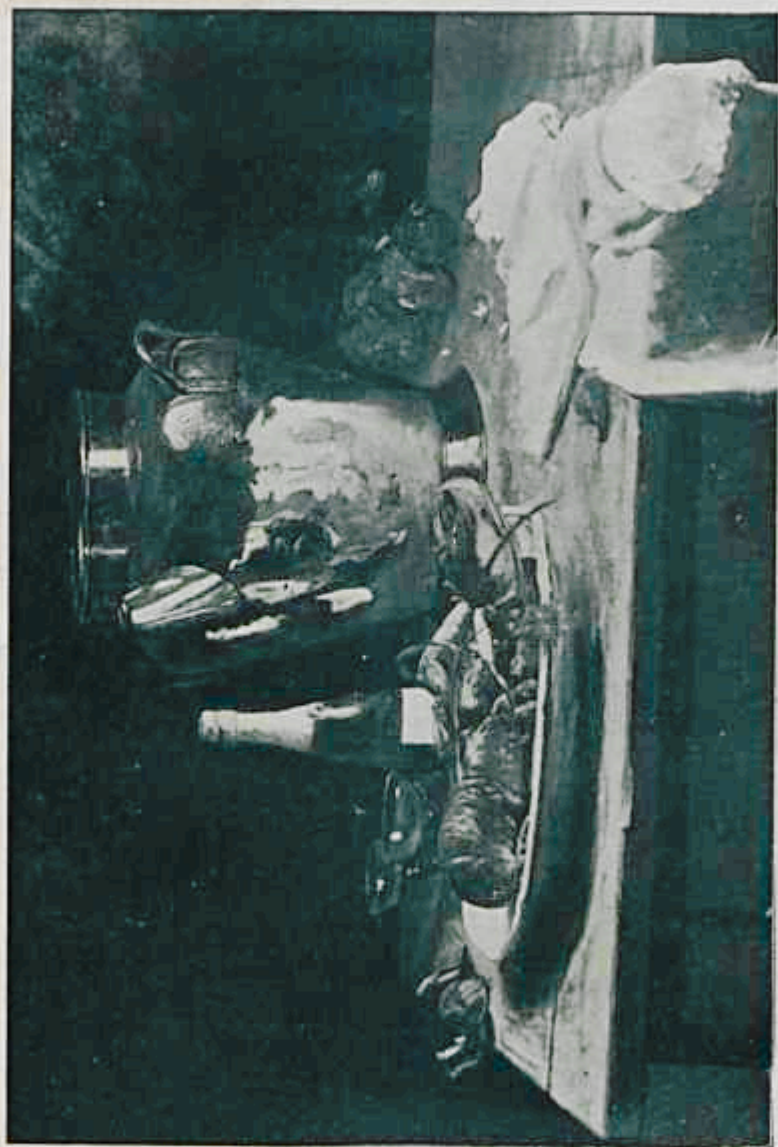


tam outras ideias que não as utilitarias decorrentes do uso caseiro que fazemos desses objectos.

Em face duma talhada de melão os olhos recebem a sensação da cor pura e fresca, e o paladar sente irritarem-se-lhe as papillas gustativas. Reacções puramente physiologicas que se não associam no cerebro de modo a criar e emoção esthetica, fim supremo da arte.

Não obstante taes precalços, se o pintor é homem de talento e o traz a serviço duma sensibilidade de escol, é possível obterem-se effeitos emotivos

com os mais prosaicos objectos caseiros. A sua aggremação intencional, uma sabia escolha dos mais adequados ao thema e uma technica larga, impecavel, constituem o segredo desta arte. Um exemplo: se o pintor mette na tela uma garrafa nova em folha ou em vaso que inda chia ao contacto da'agua, poucas probabilidades tem de guindar-nos o espirito acima





de ideias correlatas á industria vidreira ou ao commercio barato de louça.

Mas se ao invéz disso escolhe uma garrafa typica d'algum vinho famoso, recamada de vetustissima poeira de adega, sugere-nos logo uma fieira de ideias consociadas a reminiscencias de festas idas onde se bebeu tal vinho, ou a saudades de factos consequentes; a poeira encrostada abre campo a revoos da imaginativa passado afora — e está criada em nosso espirito a emoção esthetica. Assim os vasos antigos, moveis d'antanho, velhos estofos, tudo quanto relembre epochas extinctas da vida humana; este copo veneziano, envasado como funil, feito á mão, d'um vidro impuro, producto d'uma arte ingenua inda no nascedeiro: — quantas ideias nos semeia no cerebro? Aquelle zingelo candieiro de azeite de cinco bicos, — quem ao vel-o na tela não se sente arrastado ao arripio dos seculos, e não devaneia scenas do viver humano que elle outróra allumiou com sua luz bruxoleante?

Um quadro de natureza morta assim composto, com esta preocupação dum effeito que transcenda á materialidade dos sentidos, tem elementos para librar-se ás altas regiões da grande pintura figurista ou paisagista, porque como estas suggere estados d'alma civados dessa coisa indefinivel que chamamos emoção esthetica.

Pedro Alexandrino Borges é no Brasil o cultor primacial desta arte. E' mestre indiscutido, e indiscutivel. Na parte puramente technica alcançou uma virtuosidade rara — consagrada por voz unanime como sem rival aqui, e parceira das mais afamadas nos velhos centros artisticos. O que sae do seu pincel com a nota de definitivo desafia a lente escabichadora de senões do mais exigente critico. No que diz respeito aos fundos não ha restricção a lhe fazer. Todo quadro exige um certo fundo — e aquelle só. E' um segredo do mestre achal-o a esse, a precisamente esse que é o unico e insubstituivel pela consonancia perfeita com o thema desenvolvido e do qual advem o ambiente de harmonia, que é grande parte no encanto da tela. Pedro Alexandrino possui este segredo.

Nos toques de luz, na gradação da resistencia que os objectos offerecem aos raios luminosos, já repellindo-os, se são de metal,



já absorvendo-os, se têm a composição balofa dos estofos, ha uma infinita sciencia cujo senhoreamento só longos annos de pacientes estudos dão. Elle a tem.

Quem visita seu *atelier* comprehende o porque e o como da sua tonalidade. Ha ali um ambiente que é o de todas as suas telas. As paredes revestidas de quadros e estudos, velhos móveis d'arte por todos os lados, crystaes e vidros antigos, panoplias, alabardas, acha d'armas, punhaes, sabres japonezes, louça de cem annos, bules, jarras, aquecedores e uma alluvião de objectos de metal, cobre ou latão, desencovados das ruinas dos seculos, estofos raros e quanta coisa mais a sua paciente faina de colleccionador ajuntou ali em annos de ronda ás "vendas d'arte" e ferro-velhos, cream um quadro magnifico de luz esbatida dentro do qual passa elle o seu tempo. Nesse ambiente caricioso onde tudo fala ao sentimento artistico, onde elle respeita até a poeira que lentamente patina ás queridas *trouvailles* o pintor subconscientemente adquire a mestria do tom seductor que dá aos seus trabalhos.

Sua obra vastissima é pura de truques, de preoccupações mesquinhas de escola; é honesta e sincera como poucas.

Pedro Alexandrino nasceu em S. Paulo no anno de 1862. Aos 11 annos de idade accentuou-se-lhe a vocação e já por todos os meios procurava approximar-se dos artistas da epocha. Levado por esta impulsão ingenita tomou as primeiras lições de um francez Brandier, que viera ao Brasil commissionedo para trabalhar na decoração da matriz de Campinas. Depois de cinco mezes de estudo passou a trabalhar com outro decorador francez, Estiveau, por espaço de dois annos. Em terceiro entrou para a officina de José Lucas Medeiros ganhando uma pataca diaria, collaborou em numerosas decorações de casas e igrejas, entre ellas a casa Aguiar e Barros na Luz e a igreja de Sta. Thereza que por essa epocha se restaurava.

Mais tarde frequentou o *atelier* d'outro portuguez, Adriano Ferreira Pinto, já então vencendo dez mil réis por dia; entre os trabalhos desse tempo, cita-se a decoração do palacete do commendador Cantinho e a d'uma residencia episcopal no







Braz. Este Adriano, seduzido pelas muitas qualidades raras que notava no seu auxiliar, deliberou-se a mandal-o para a Europa a estudos,—o sonho dourado do jovem artista. Cuidava-se disso com urgencia quando máus fados obstaram ao intento: Ferreira em rixa com um subalterno recebe na cabeça a pancada dum acha de campeche e morre. Mallograda esta primeira ensancha para o passo decisivo de sua vida como artista, continuou Alexandrino na tarefa modesta de decorador a serviço d'outro empreiteiro portuguez, José Carreira. Também a este impressionou a vocação vigorosa do moço, e tanto, que, encampando as idéias do fallecido Ferreira, deu-lhe ordem de aprestar-se para ir á sua custa frequentar academias europeas. Realisava-se o sonho desta vez? A fatalidade interveiu novamente: o novo protector cae na Varzea do Carmo espetado a canivete pelo cocheiro Justino. Resigna-se Alexandrino, e reenceta o viver de até ali, agora sob a direcção de Joaquim de Andrade com quem decora, entre outros, o palacio do Marquez de Tres Rios, hoje Escola Polytechnica. Entretanto as manifestações continuadas dum talento fóra do commum continuam a chamar sobre elle as attentões dos homens de vistas largas. Entre estes estava o commendador Martim Francisco de Almeida, thezoureiro do Santuario de Pirapora. Desta vez iria á Europa. Iria... se uma desastrosa queda de cavallo não viesse pela terceira vez, com a morte do terceiro protector, oppor o veto do destino. Alexandrino já tinha medo de ver-se protegido: era isso signo de desastre.

Acabrunhado com a má sorte retomou o trilho costumario, agora com Boaventura da Cruz; neste periodo trabalhou no *plafond* da igreja de Pirapora. Em seguida emancipou-se da tutela dos empreiteiros passando a viver e produzir por conta propria; decoração de interiores, retratos, retoques de velhos painéis foram o seu labor destes annos. Retocon as pinturas da Igreja do Carmo e compoz uma Virgem que ainda lá existe.

Estava nisto quando recebe pensão do Estado para cursar a Escola do Rio. Lá estuda durante dois annos sob a direcção do professor Medeiros, e ao cabo retorna a S. Paulo onde trava conhecimento com Almeida Junior. Juntos trabalharam por oito annos, associados em obras diversas. Foi quando pintou



os primeiros quadros de natureza morta. Surprehendeu-se ao vel-os Almeida Junior, e disse-lhe como quem sente uma revelação: não pinta senão isto, é a tua arte. Alexandrino deu lento no conselho, persistiu no genero e breve a consagração chegou sob forma da admiração geral, de incitamentos, de louvores pela imprensa, e por fim, de pensionamento pelo Estado para um curso na Europa. Partiu em 1896.

Em França cursou as aulas de Chretien, e as de Vollon até á morte deste; passou-se depois á Academia Cormon e rematou os 7 annos de pensionato na escola communal de Quineleau. Desde ahí tem sempre vivido em Paris, exclusivamente do producto da sua arte. Recebido seis vezes no "salon", teve logo bem cotada a sua pintura e hoje orgulha-se de ter numerosissimas telas esparsas pela França inteira, ornamentando fidalgas vivendas, e de ver tantas outras transporem as fronteiras levando o nome de Mr. Borgés a varios outros paizes de intensa cultura artistica.

Na parte anecdotica de sua vida ha um caso digno de menção — lance de romance romantico escripto pela mão do acaso.

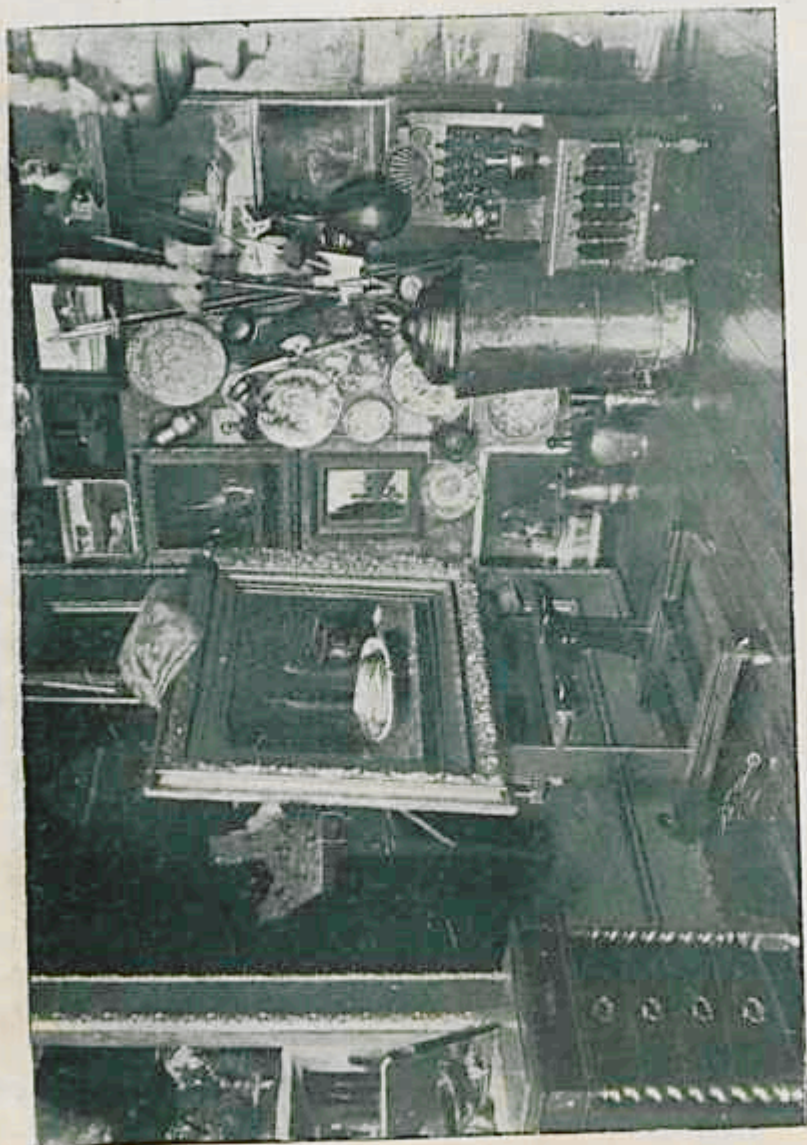
Logo que Alexandrino pison a França e após a tonteira causada pelos thesouros da arte europeia na alma dum filho destes sertões da America, tomou-o grande admiração pela arte prestigiosa de Antonio Vollon, membro do Instituto de França e mestre de natureza morta então no apogeu. Planeou incluir-se entre o numero dos seus discipulos, mas viu logo que era isso um sonho, tantas difficuldades havia. Vollon era-lhe inacessivel. Resignou-se, guardando sempre consigo a secreta ambição. Como a pensão recebida de S. Paulo era annual, vivia elle em transes permanentes, sem nenhuma garantia do futuro.

Certa vez, em risco de ter a pensão podada no Congresso, já em fim de anno e ameaçado de ir para rua dum momento para outro teve os azares ainda mais amargurados por molestia em sua esposa. Resolveu então mudar-se para commodos mais modestos e deu ordem ao porteiro para espetar na porta





UM ASPECTO DO "ATELIER"



OUTRO ASPECTO DO "ATELIER"

a placa do *A louer*. Começam a entrar pretendentes, que examinam os aposentos, indagam, e partem. Entre estes apparece um velho de feição austera. Inspecciona o atelier e depois fixa a attenção nos quadros demoradamente, louvando sobretudo os metaes com palavras de entendido. Sahe. No dia immediato volta. Examina tudo de novo e adquire uma ou duas telas. Em baixo informa-se do *concierge* a respeito do pintor, e commenta os informes com um sentido — *paucré garçon!* Dois dias depois surge novamente o mysterioso velho.

— Venho fazer-lhe uma proposta...

— Mas a quem tenho a honra de falar? pergunta, intrigado, Alexandrino.

— Antoine Vollon.

O nosso pintor sente na espinha o *frisson* dos grandes momentos, e goza um instante inesquecivel de victoria quando o membro do Instituto, proseguindo, diz ao que vem:

— Tenho um filho meio amalucado, e procuro um filho mais velho a quem ensine a minha arte. Quer ser esse filho?

Dataram d'ahi, desse lance romantico do acaso, as relações cordialissimas que ligaram os dois artistas cuja arte era profundamente affim. Vollon foi seu mestre e amigo paternal até ao fim da vida, e a elle legou muitos segredos da sua grande technica.

Pedro Alexandrino está representado na Pinacotheca do Estado por varias telas magnificas das que mais honram aquelle inicio de museu que a cuscuvilhice de certos paredros cuboideos da esthetica pollitica, cegos natos em assumptos d'arte, atravanca de pinoias inconcebiveis adquiridos por preços phantasticos. Ha lá um peru' e umas ostras que valem dez gazu'as de Salinas e outros tantos Amisanis cavatorios. Nada custaram ao Estado essas telas, e porisso lá estão; se fossem apreciadas, por modesto que fosse o preço, lá não estariam. Nunca ha verba para adquirir arte honesta afim de que sempre haja verba grossa para o malabarismo negociista da arte pé de cabra



Numa palavra resume-se a psychologia de Pedro Alexandrino: como homem é um paulista *vieux jeu*, plasmado nesse molde que está a esborcinar-se por injuncção da avalanche de condes que foram engraixates na vespera; como artista lembra um anachoreta medioevo a cultuar sua arte com o enlevo mystico, o respeito, a honestidade e a fé de quem vê nella a religião verdadeira.

MONTEIRO LOBATO



FLÔR DO CAMPO

(NARRATIVA)

I PARTE

Para o coração doente,
Para o espírito magoado,
Ares do campo innocente,
Amor puro e repousado:
Fica o espirito contente,
Fica o coração curado.

I

Entre os moços da Corte que a esse tempo
Primavam nas maneiras e no garbo
Do vestuário, e davam leis á moda
E leis ao coração das moças, Flavio
Era o mais venturoso, e tinha a fama.

Ora no amor, e em tudo neste mundo,
O ter a fama de feliz é tanto,
Senão mais do que sel-o : é ter victoria
Sem esforço e sem lucta. Assim na guerra,
Assim na industria, na arte e na riqueza ;
Na mesma intelligencia vale a fama.
Deusa alada e sollicita, discorre
Aqui e allí, e vae a voz deixando
Dos meritos que ouvltu, e amplia, e inventa
Por fado proprio, ou por zombar dos homens.
Na guerra, o brio desalenta e esfria
O sangue aos mais ardidos ; tanto exalta
O poder do que acaso favorece,
E ante esse os deixa, os mais ousados, trémulos.
Não differente zomba a inquieta fama



Dos femininos corações, nas luctas
Do amor, tão brutas não como as da guerra,
Mas ás vezes de igual, rúde porfia,
E igual desfecho de sangrenta morte...

II

Ah ! porém, Musa, a mente me transvias
E a côr me turvas ao estylo brando,
Se a mascara antepões já da tragedia !
O meu thema é risonho; e é antes frívolo
O tom que mais lhe quadra, agora ao menos.
Ia eu dizendo pois que a Fama zomba
De todos e de tudo; e como esvoaça,
Invisível e célere, e murmura
No ar, na terra, no somno, e aos que não dormem
Quanto lhe apraz... E tudo lhe é sujeito.

Socegada uma dama estava e alheia
Aos cuidados do amor, e a deusa passa,
E adejou e partiu; e foi com ella
Toda a isenção, todo o socego da alma.
Forceja embora em afastar dos olhos
A imagem que a memoria lhe desenha;
Telme em não vê-lo, busque não ouvir-lhe
Os feitos e as palavras; aos requebros
De que elle usa por filtro, fuja embora
Em vão; se elle é minado pela fama,
Ell-a, a esquivá mulher, enfim rendida.

E assim Flavio venceu quantas queria,
Ou a fama por elle. Acaso, industria,
Olhos em que seus olhos insistissem,
Já outra luz não tinham, outra imagem,
Que a imagem delle, a luz dos olhos d'elle.

Mas a sorte é mulher, e em ser volúvel
Sabe que tem a graça e o seu segredo,
Com que se faz dos homens desejada.
Assim a Flavio, heroe de amor invicto,
Oppoz-lhe a sorte quem o enfim venhesse:
E ell-o sobre vencido, desdenhado,
Ell-o, o activo que fôra, agora humilde,

Submisso, inquieto, triste e lacrimoso,
Como um bisonho namorado às tontas.
E então, ai delle ! sem tardar a fama
Divulga-lhe, contrária, o soffrimento.

III

Vexado e já descreído, o pobre moço
A todos se esquivava. Os camaradas
Em vão lhe persuadiam passatempos,
Baldavam seducções : que o desencanto
Da vida, o desespero da alegria
Fechara-lhe o horizonte da existencia.
Desceu turvo crepusculo á sua alma,
Dobrada sob o tedio. Os mesmos livros,
Em que o espirito tanto delectava,
Agora o inerte olhar nem lhe attrahiam.
E as forças alquebrou-lh'as o desanimo.

IV

Medicinas e medicos — recurso
Tanta vez illusorio de quem soffre,
Esperança que ajuda a soffrer menos —
Tudo lhe deram, mas á toa ; o enfermo
Carecia daquella medicina
Que não se estuda em livros nem doentes.
Só o Acaso é que a dá ; medico astuto,
E antigo e sabio, mas incerto e esquivo.
Se, como muitos medicos, não raro
Usa da therapeutica suprema
Que acaba o mal com a vida ; muitas vezes,
Melhor que os outros todos, faz a cura,
Sem exame, sem drogas, sem conselhos,
Que a humanidade misera atordoam.

V

Sem ser chamado nem ouvido, o Acaso
Tomou de Flavio um dia e transportou-o
Para uma villa, no sertão de Minas.
Oh quanto vales tu, solerte acaso,



Que o feito milagroso conseguiste
 Sobre o leão da moda, inda que enfermo !
 Para Flavio deixar o patrio Rio
 Fora de certo como ao rei das selvas
 Deixar as selvas. Só Paris pudera
 Attrahil-o e arrastal-o como um sonho.
 Tu, porém, com teus magicos recursos
 De tal maneira insinuaste o tedio
 Dos homens e das cousas da cidade,
 Que a Flavio repugnava a só idéa,
 Por ti mesmo de plano suggerida,
 De viajar á Europa; e ao triste moço
 Accendeste o desejo incontrastavel
 De ir para o ermo. E com pasmado espanto
 Ouviram-lhe os parentes e os amigos
 A extranha nova, e esse inaudito gosto
 De viver como rustico fruindo
 O encanto velho de acabados usos
 Da boa terra, aos poucos desterrados
 Pelos usos e gentes de outras terras.
 E, ainda com incredula surpresa,
 Foram com Flavio amigos e parentes
 Na manhã de partir ver-lhe a partida.
 Acenando-lhe adeuses, lhe diziam
 No *até breve!* a certeza do regresso
 Breve, de poucos dias que bastassem
 A fazer-lhe a sandade do conforto
 Da vida do seu caro e patrio Rio.

VI

Olhos ennevoados de tristeza
 Que olham sem ver, e como espelho gasto
 As lúgubras fronteiras não refletem;
 Olhos assim, vazios, que não fixam
 As inquietas, multiplas figuras
 Da cidade ruidosa; o aspecto calmo
 Da simples natureza lhes dá vida.
 Um breve e rude trecho do deserto
 Mais os attrahe e surprehe e occupa
 Que quantos espectaculos variados
 Na cidade conjuga o humano engenho.
 Tal nos olhos de Flavio foi surgindo
 A formosa paysagem que bordeja

A estrada, além do extremo dos suburbios,
Ia a manhã descendo nas montanhas.
Flocos de nevas alvas balouçavam
Sobre os cimos dos montes e ascendiam,
Leves, e aos poucos tenues e desfeltas.
Nos valles fundos só e nas quebradas
Das serras, nos grotões, onde é tardia
A luz do sol, parava o nevoeiro,
Denso e estendido, como o véo da noite
Ainda não desperta. Mas em cima
Como o dia contente se agitava
Folgando e rindo! Tudo ao toque delle
Folgava e ria, as arvores, os passaros,
E as mesmas cousas brutas e insensíveis.
Das choupanas de colino que assomavam
Aqui e allí, nos campos e nos morros,
Já subia no espaço o fumo alegre.
E os moradores dellas se detinham
Junto ás portas, sentindo as doces ondas
Da luz, em que banhavam corpo e alma.
E que alma, sábia ou rude, ficaria
Indifferente, olhando a natureza
Sob a gloria da luz! O olhar de Flávio,
Tocado de surpresa, mal podia
Repartir-se entre os quadros que apontavam
Ora a um lado ora do outro. Um livro, á toa —
Ficava-lhe entreaberto ás mãos, e inútil.
Esquecia-se delle o moço, entregue
Ao imprevisto enlevo da payzagem;
O céu aberto, os campos, as collinas
Os valles fundos, e a altanada *Serra*
Do mar, que vai subindo em ampla curva
Sobre o horizonte immenso; e de repente,
Vencida a grande serra, o Parahyba,
Farto, sinuoso e lento, ou resultante
Em crebra cachoeira á flor do leito...
E á beira d'agua, ou no alto das collinas
Os casarões antigos das fazendas,
Onde a vida parece que se alarga,
Co'a amplitude da terra e do horizonte.
E os costumes roceiros, presumia-os
Flávio, olhando-os de longe e de relance:
Cavalleiros em rancho num atalho,

Um chlador carro de bol descendo
A encosta sobre o rio; em pé n'um campo
Um lavrador, nobre figura antiga
De heroe guerreiro, cujas alvas barbas
Ao pecto lhe desclam, realçando
A robustez do corpo e a juventude
Do gesto alegre e calmo, em que se lia
A singeleza e a placidez da vida
Rude dos campos. Flavio confrontava-os,
Os costumes roceiros, tão conformes
A' tranquillia ventura da existencia,
Tão naturaes e simples e diversos
Na egualdade apparente em que se voivem;
Confrontava-os com os outros que sabia,
Da sociedade culta e artificiosa,
De alegrias ephemerass e postigas,
Que o homem desnaturam, desgraçando-o.
E elle, o moço da Córte, elle, o modelo
Da moda, o inspirador dos balles, guia
Da elegancia e dos usos da cidade;
Alli os abjurava para sempre,
Contracto, como um peccador teimoso,
Que, ao sentir os effeitos do peccado,
Discerne a bemaventurança eterna.

VII

Não rias, tu, leitor sagaz, do engano
Que embalava esse moço e o seduxia
Com o debuxo risonho da existencia
Feliz dos campos. Tudo sobre a terra,
Obra dos homens, acto e idéa, tudo,
Sentimento e impressão, desejo e posse,
E a mesma vida, que mais é que um sonho?
E inda bem que assim é. Ao moço Flavio
Esse engano do espirito valla
Pelo melhor de todos os viaticos:
E alli no trem, ao fim de tardas horas
De incommoda viagem, quando os outros
Passageiros dormitam fatigados,
Elle, unico, o acharias sem fatiga,
Contente de alma e corpo e prazenteiro.

VIII

Era já noite ao termo da viagem.
Mas Flavio ainda se entretinha olhando
Na espessa treva, em que rolava o estrepito
Do trem. A espaços rutilas fagulhas
O serpentino curso rastreavam
Da machina que em roucos ufos galga
A dura rampa, e roda. Um silvo subito,
Agudo e intermitente; e o dobre crebro
Da sineta despertaram Flavio absorto.
Ante os seus olhos surge então apenas
Tosco e pequeno alpendre, allumiado —
Sobre um fundo de sombras. Olha e esperta-se,
E já desilludido arrependia-se,
Palpando o que era a realidade do ermo.
Mas sacudiu os hombros e a poeira,
E as impressões do animo indeciso ;
E o coração alçou.

IX

Com pouco o somno

Solicito adejava-lhe nas palpebras,
Silvisando o extranho desconforto
Do novo leito, a que os cansados membros
Podem repouso.

X

Alegre luz bemvinda

Essa que os olhos abre ao viajante,
Que a um novo sitio chega e pouza á noite !
Flavio desperta, e pressuroso culda
De percorrer a villa sertaneja.
E cil-o arroubado ante o clarão da aurora,
Espectaculo antigo e sempre novo
Que sorprehende os olhos e extasia-os,
Por mais presos que os tenha o corpo á terra
Mas só no descampado ou no oceano,
Pode gosar-o o olhar inteiramente ;
Que ahí não quebra a habitação dos homens



O horizonte em fragmentos de cenário,
Nem os costumes cidadãos embotam
O encanto e o amor da larga natureza,
Nascer do sol, vira-o em pintura Flávio
E em verso e prosa; mas que artista pode
Em traço, ou tinta, ou verso, ou prosa, as côres
Reproduzir da antemanhã suave,
Quando a treva desmala em luz, e a doce
E a um tempo viva ondulação do brilho
Do sol que se presente, vibra e corre
Sobre a sombra como o halito da aragem
Na flor d'agua de um lago adormecido!
E o silencio de subito sorpreso
Da terra, e o alvoroço com que acorda,
E as mil sonoras vozes com que canta
A presença do sol maravilhoso!
Flávio enfim o sentia, deslumbrado
Ante o horizonte aberto que o planalto
Desdobra em breve ondulação de cumes
Com vagas de oceano somnolento.
Queda pasmado o moço, e, como outrora,
Ao tempo em que os milagres se operavam
Sob os olhos mortaes, as almas cegas
A' luz se abriam, credulas, submissas,
Banhando-se nas aguas da fé nova;
Assim Flávio em si mesmo jura e aceita
Com o baptismo da luz a fé e o culto
Da religião da eterna natureza,
E ell-o que vae, com a alma renovada,
A pequenina villa percorrendo,
Em tudo interessado, desde a planta
Rasteira e humilde ás arvores soberbas,
Desde o insecto até o homem, por ventura
Mais do insecto que do homem...

XI

VII palavra,

Illusoria expressão de um pensamento
Só nos tablos nascido. Quem já houve,
Nunca, na terra toda, e em todo tempo,
Homem afortunado ou desditoso,
Que, como ser humano, não sentisse
O sentimento humano, e não pensasse



O humano pensamento? Metaphysica,
Religião, direito, sciencia, tudo
No homem é do homem; nasce-lhe moldado
No coração que é o cerebro supremo
Onde a imagem suprema é o proprio homem.

XII

Vês allí Flavio; mal sentiu surgir-lhe
A feição nova do problema eterno
E julga resolve-o, Illuminado
No panthelismo; e a Idéa já o occupa
De annuncial-o ao mundo; e já vaidoso
Sonha, indecisamente, a gloria humana.
E tão subido leva o pensamento
Que em seu caminho não distingue o insecto.
Das arvores que os braços lhe sobrem
Sente só que dão sombra, e são formosas
Para o prazer da vista. O rude banco
Em que descansa allí da caminhada,
Lembra-lhe acaso em seu aspecto bruto
De detorado tronco, a arvore ergulda
Que a acha cruel roubou ao livre espaço
E a alma sonora da folhagem verde
Desfez, rachando-a e repartindo-a em lenha,
De que esse tóro é o resto desprezado?
Lembra-lhe acaso aquella vida morta?
E esse bezouro que ora em torno zune
E a sua mão repelle trada? lembra-lhe
Que é uma expressão da vida do universo,
Parte, como elle é, do ser divino?
Oh que não! Elle, o enfermo entediado
Dos homens, vão-lhe os olhos curiosos
Aonde vozes humanas crystallinas
Ouviu ha pouco, entre arvores passando.
Nos olhos foi-lhe o pensamento alerta.

XIII

Vendo-as antes que o vissem, ponde Flavio
Concertar a attitudo indifferente
Com que buscava ser esquivo a todos,
Mas o olhar de relance que sorpresa,

Que imagem trouxe que o entretem de novo
Seguindo ao longe os já passados vultos ?
Tinha passado como um vôo arisco
De um par de pombas rolas assustadas.
Menina e moça uma e outra ; mas no aspecto
Diferentes as duas.. diferentes
Como o passaro nado num viveiro
E o que nos ramos foi nascido e é livre ;
Como as flores domesticas de estufa
E as espontaneas flores da campina.
Flavio notou esse contraste, e os olhos
Viu sorpreso que menos se agradavam
Nas formas educadas de espartilho
Que no flexivel talhe ingenuo e tosco
Como uma haste de silvestre planta.
Vira-lhe o rosto de perfil somente,
Quando de longe e a furto ella o volvia,
Para o ver, ou talvez certificar-se
De não serem seguidas, ou quem sabe ?
Por convite indeciso a que as seguisse.
Moças... o que não tentam? que desejo
Por mais extravagante não acode
A's cabecinhas dos quatorze annos ?
Não as segua Flavio, mas seus olhos
Apox ellas se foram, e loda sem vel-as
Alongam-se nas sombras do caminho.

XIV

Dias depois... Tangeda um sino alegre
Signal de missa. E na egrejinha branca,
Singela, sem nenhum festivo apresto,
Havia emtanto um lepido alvorico
Como de festa nova. E gente em grupos
Vinha surgindo, subita, na praça
De cada canto della e a cada instante,
E enxameava á porta da egrejinha.
E as vozes concertavam-se alteando-se
Em mutuas saudações alvicaireiras,
Em riso alegre, a estribilhar o sino
Bimbalhado no tom de viva festa.
Que festa havia, a missa de domingo.
Nesse arraial era uma festa a missa,



E a egrejinha calada um grande templo
Que atrahia de todos os recantos -
As almas simples que têm fé ingenua
Como as flores de aroma têm aroma.

Doce, piedosa religião de Christo,
E' no campo, entre os simples, que se sente
A verdadeira poesia tua
Como illumina, e exalta sem valdade,
Como alenta e consola e fortalece,
E como apraz ao coração, e basta
Para leval-o desde o berço ao tumulo,
Nasceste humilde num recanto agreste,
E, luda que todo o mundo está curvado
Ao teu domínio, a tua força pura,
A tua graça não condiz com a força,
Com o tumulto e o apparatus das cidades,
Com o pomposo esplendor dos aureos templos.
Humilde, é na humildade que mais vales,
Simplez, na singeleza mais avultas;
E te mostras então divina e doce,
Como dos labros puros tu cahiste
Balsamo eterno para a dor eterna.

XV

Flavio passava, e alguma voz antiga
No coração lhe despertou, levando-o
A' pequenina igreja. E mal entrara,
Mal o olhar divagou pelo ambiente,
E logo, em vulto feminino absorto,
Toda a religião recém-nascida
Lhe foi nos olhos para os olhos della.
E os olhos della a turno repartiam
A oração e o cuidado para o livro,
Para a imagem do altar e o rosto delle;
Sem quebra entanto do seu culto; othava-o
Como as crianças olham curiosas
E innocentes as cousas que as encantam.
Ao lado della, a mesma companheira
Da manhã do passelo estava, e Flavio
Ponde melhor sentir-lhes o contraste



Das feições, das maneiras e do aspecto.
Tambem os olhos desta se voltiam
Frequentes para olhal-o, ou antes ver-se.
Flavio, sem conhecer-lhe os lindos olhos,
(Que lindos eram, grandes, garços, fulgidos)
Pensou já tel-os visto muitas vezes.
A expressão era a mesma de outros tantos
Olhos bonitos, que no olhar contemplam
Somente a imagem de sua propria dona.
Estes não lhe diziam nada. Aquelles
Foram as duas laudas entresbertas
De um livro, em que a sua alma fatigada
Presentia o repouso, o encanto e o sonho.
Não era já um sonho o que elle via ?
Coadas por vitraes cor de violeta,
A luz do sol, na meia sombra ambiente
Ia esbater-se sobre a meiga fronte
Formando um halo: a luz entretecida
Do fluido que ha no céu de alem das nuvens,
Transfigurou-se a imagem. Parecia,
De olhos erguldos para o altar e extaticos,
Um anjo a ponto de assumir o vôo ;
E um lento movimento dos seus braços
Foi como desdobrar de azas no surto.
E mal cessava essa illusão da vista,
Viu Flavio que era a mesma imagem santa
Que descida do altar volteasse o rosto
A ver no altar o nicho seu deserto.
E sem querer, sem o sentir, abstracto
Na visão luminosa que surgia
A um tempo de anjo, de mulher, de santa,
A pouco e pouco Flavio ajoelhava.

XVI

Que incerta e sorprendente cousa é a alma!
Pensava Flavio um dia retornando
Do passeio diario em que ia e vinha
Ao mesmo ponto, no teimoso enlevo
Que a ave e o insecto, que só de noite vivem,
Faz gravitar em torno a um lume extranho,
Tal era, na alma d'elle em sombra, o effeito



Da imagem simples dessa Ingenua moça,
Pouco mais que menina e Inconsciente
Do encanto e graça, dons nativos della,
E do quanto vallam para os outros.
E elle, o experto em conquistas femininas,
Costumado aos salões, de Indole ousada,
Todos os seus recursos seductores
Esquecia-os em tímida attitude
Junto de Laura, (Laura se chamava,
E a outra moça, Alice, e era sua prima.)

O pai de Laura, grande fazendeiro
Tinha a fazenda a cerca de seis legoas;
Mas a familia grande parte do anno
Passava alli na chacara da villa.
E alli co' as tias veraneava agora
Alice a esbelta moça carioca,
Que ao lado sempre da gentil roceira,
Mais realçava nesta o encanto simples,
Não fol preciso a Flavio se informasse.
Em torno delle nunciadoras vozes
Iam, por gosto de vagar palreiro,
Novas de tudo e todos murmurando.
Flavio a principio ouvía-os desattento,
Depois interessado, e achou maneira
(Elle, o exilado do convívio humano)
De conhecer, tratar as duas moças.
Mas, em presença deBas, acanhava-se;
E só fallava a Laura pelos olhos,
Longos, abertos, no furtivo instante
Em que os della pousassem distrahidos.
E o que não lhe dizia, por confuso,
Derivava-o em palavras irrequietas,
Soltas, vagas, brincadas e risinhas,
Com que elle e Alice o assumpto improvisavam
De saltitante, vivo colloquio,
Torneio de engraçados commentarios,
Folga de leve espirito que salta
De impressão a impressão, frívolo e a esmo,
Qual beija flor de flor em flor sem pouso.
Laura sorria, ouvindo-os, sorprendida
Da volubillidade das idéas,
Que o seu ingenuo espirito suppunha



Ser a expressão contente de um namoro.
 Tantas palavras que da flor dos lábios,
 Mais do que do pensamento, lhes rompiam,
 Não eram como beljos esboçados?
 Laura sorria, e os olhos seus, cobertos
 De leve sombra de indistincta magoa,
 Não discerniam as palavras mudas
 De admiração, de encanto, de desejo
 Que o olhar de Flavio illuminavam rapidas
 Entre as brincadas phrases que o entretinham
 Em disfarce, a seu lado, tantas horas.

XVII

E como amor que tímido abotoa,
 E receia ser visto, e não espera.
 E refine e reforça-se e recresce,
 Tanto mais quanto mais busca velar-se,
 Temendo o desespero: assim em Laura
 O amor foi dia a dia dominando
 Todo o seu coração. Anceio extranho
 Abria na sua alma uma luz-nova.
 Sentia-o e tinha medo de mostral-o
 Ao moço, por suppor-se indigna delle,
 E a Alice, porque não quizera ouvir-lhe
 Num gesto, num olhar, numa palavra,
 A affirmação de equal amor, que fôra
 O breve desengano do seu sonho.
 E embalava-se em duvida, que a duvida,
 Se faz a magoa, alenta as esperanças.

E era tambem a duvida que a Flavio
 Acalentava o amor. Não distinguia,
 Naquelles modos tímidos e esquivos,
 Certeza que bastasse, nem repulsa
 Que o induzisse a teimar em ser querido.
 Coração, que soffreu no rude choque
 Da intensa vida, e soube as amarguras,
 E se abeirou do abysmo e viu a treva;
 Se o bafeja a caricia da esperança,
 Deixa-se ir socegado, adormecido,



Contente já do mundo e de si mesmo.
Assim de um barco fragil que a tormenta
Assalta, sacudiu no oceano turbido,
Entre erriçados subítos escolhos,
No vortice das vagas empinadas;
Quando torna a bonança já descrida,
O piloto repõe-lhe a vela, e ao sopro
Da mansa aragem, sobre as ondas lisas,
Confia o barco e a rota e o leve somno,
Que o lasso corpo trabalhado aquieta.

(Continua).

MARIO DE ALENCAR



LIVROS

UM POETA DO RELEVO
E DA CÔR

*Martins Fontes: "Verão".
Santos, 1917.*

Ha muitos annos que não apparece no Brasil um livro de versos tão interessante, como o *Verão* de Martins Fontes. Interessante por varios motivos, á parte o motivo capital de ter sido composto com um robusto e galhardo talento: pelo temperamento de artista que nos revela, pela radiosa juvenillidade que o illumina, e pela orientação esthetica que este poeta escolheu e defende com opiniatica decisão.

Quanto a temperamento, nada mais destacado, mais nitido. Basta folhear o livro por instantes e ao acaso, para se notarem as linhas grossas e as côres vivas dessa organização. Estamos deante de um poeta que exerce a sua arte com entusiasmo, com delicia e com orgulho, e que o declara, ou deixa perceber sem difficuldade. Ama a poesia com apaixonado fervor, e tem fé na poesia, no seu poder sobre as almas, na sua funcção humana e social (1). Con-

(1) Vê que a tu'alma, tua essencia impura,
Nesta religião se transfigura!
E que, apesar do tempo e do destino,
A Arte somente, intrepida, perdura!

(*Parthenon*)

fere um caracter mystico e aristocratico ao poeta (1). Cultiva admirações ardentes e profundas, como só os moços, em pleno verdor da mocidade, sabem cultivar. E adora com igual exuberancia a technica do verso, que é para elle um manancial de emoções agudas e ineffaveis (2).

Esse mesmo enthusiasmo, elle o tem igualmente pelos themas que elege, pelas idéas que exprime, ou pelas coisas que pinta: o seu tom, quer nos desvende uma paisagem, quer nos conte o que lhe vai na alma — ainda que aquillo que lhe vai na alma seja magua, desespero, ou tédio, — é sempre um tom energico e vivaz, de quem está satisfeito com o seu *assumpto* e o trata com volupia.

Tudo isto é de um temperamento typico de artista. E' o artista que ama o seu mister sobre todas as cousas, e que tudo refere, na vida e no mundo, á sua arte. O temperamento de Martins Fontes apresenta, portanto, um interesse psychologico que por si só justificaria um longo estudo. Na realidade, esse temperamento é, essencialmente, o de todos os verdadeiros artistas; mas o que não é vulgar, sobretudo entre nós, é encontral-o tão marcado, tão evidente, tão affirmativo, e tambem tão sincero, como no autor do *Verão*.

Para viver neste jardim romantico
E' necessario praticar um bem:
Deixar na terra a musica de um cantico,
Que purifique a alma de alguem.

Basta, ás vezes, um verso apaixonado
Para fazer chorar. E o teu amigo
E' aquelle que, ao julgar-se interpretado
Na tua dôr, chorar contigo.
(“No Jardim da Morte”)

Porque dizer em verso o que a nossa alma encerra
E' o consolo melhor que existe sobre a terra,
Para nós, meu irmão!
(“Sonata apaixonada”)

- (1) Sô, duplamente, artista e cavalleiro,
Mixo de sacerdote e paladino.
(“Parthenon”).
O Poeta é o Deus do Amor! E' o Amor infinito!
(“Hymno ao Amor”).

(2) “Parthenon”, “Hephaistos”, “Sonata apaixonada”, “Madrigal de Don Juan”, “Ballada dos sons velados”.



A orientação esthetica do nosso poeta é interessante pela sua rara firmeza e pelo facto de ter vindo, retardariamente, ao arripio das tendencias da nossa poesia de hoje. Fontes tem opiniões assentes e entusiasticas sobre arte, e não transige. Traço pouco vulgar, principalmente nos dias que correm. Amortecido o impeto triumphal do parnasianismo, nenhuma outra escola se nos impoz com igual energia e igual precisão de programma. Muitos dos poetas vindos por ultimo ainda assimilam alguma cousa do parnasianismo, no que toca á forma em geral e á mecnica do verso, mas têm inquietações e duvidas secretas quanto ao resto, e já não ousam definir-se: tacteiam, esperam, deixam-se ir. Desleixam insensivelmente o rigor das formulas aprendidas, permitem-se diversões por campos extranhos, guardam-se prudentemente de exaltar com a decisão e ufania de outrora o credo solenne dos *artistas*. Outros buscam evidentemente novos caminhos, — novos motivos, novas idéas, novos processos, — mas cada um por sua conta pessoal e sem profissões de fé decididas. Martins Fontes, não: escolheu a sua trilha, pisa-a firmemente, e sabe, ou julga saber para onde se dirige.

A sua trilha é justamente a mesma que Bilac e Alberto de Oliveira tomaram ha trinta annos, e que foi palmilhada em seguida por multidões de poetas crentes de andarem no unico bom caminho possível. Fontes apresenta-se, de ponto em branco, clamando, com voz vibrante, sem hesitação, como Bilac no proemio das suas *Poesias*, em versos admiravelmente lavrados, a religião augusta da Forma.

Quero que a estrophe, como um relicario,
Tenha aquelle primor extraordinario
De Fray Juan de Segovia, rendilhando
O relevo de prata de um sacrario.

Assim, de modo delicado e brando,
Mostra, sobre os esmaltes desenhando,
E mantendo a leveza em cada friso,
Titans em marcha ou satyros em bando.


A peça é longa, e ainda o pensamento se repete em varios relanços do livro, com a insistencia das convicções



“O BRASIL”

Esta obra em preparação, pela empresa Monte Domecq & C., constituirá uma invejável demonstração gráfica e litteraria dos progressos que nas diversas classes da actividade alcançou este grande paiz, e para realizar em maior escala os fins de propaganda, serão editados simultaneamente em varios idiomas, abarcando em seus numerosos capitulos uma descripção das condições geographicas e uma resenha tão completa como se póde exigir, de sua capacidade productora e situação financeira, assim como de sua civilização politica e aperfeçoamento social.

Collaboradores:

- Dr. Hello Lobo, Secretario da Presidencia da Republica;
 - Dr. Mauricio de Lacerda, Deputado federal;
 - Dr. Castro Menezes, Secretario do Ministerio da Agricultura e redactor do “Jornal do Commercio”;
 - Dr. Graeco Cardoso, jurista e politico;
 - Dr. Humberto Gotuzza, medico do Hospicio Nacional e redactor do “Jornal do Commercio”;
 - Dr. Thomé Reis, Secretario do director da Estrada de Ferro Central, e redactor do “Jornal do Commercio”;
 - Dr. Alcides Maya, membro da Academia de Letras;
 - Dr. Mario de Alencar, membro da Academia de Letras;
 - Dr. Humberto de Campos, poeta e redactor d’“O Imparcial”;
 - Dr. Pereira da Silva, poeta e jornalista;
 - Dr. Augusto Ramos, engenheiro e economista;
 - Dr. Octavio Ayres, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro;
 - Dr. C. Tavares Bastos, publicista;
 - Dr. Léo d’Affonseca, Director da Estatistica Commercial do Ministerio da Fazenda;
 - Agenor de Souza, jornalista;
 - Dr. Victor Vianna, publicista e redactor do “Jornal do Commercio”;
 - Dr. Luis Silveira, redactor do “Correio Paulistano”;
 - Dr. Costa Pinto, Director-Secretario do Centro Industrial do Brasil;
 - Dr. Ivo Arruda, Chefe da Secretaria da Liga da Defesa Nacional;
 - Elmano Gomes Cardim, Secretario do Ministerio do Interior, e redactor do “Jornal do Commercio”;
 - Leopoldo de Freitas, publicista;
 - Dr. Vital Brazil, sabio brasileiro de renome europeu. (*Jornal do Commercio*, 12-1-1918).
- 



O Garoto. — Escreva: LACTA, o melhor chocolate.

arreigadas. E' sempre a mesma linguagem dos parnasianos da primeira hora, ainda cálidos do enthusiasmo da insurreiçãõ recente. E' a mesma intransigência no culto escrupuloso e tenaz da technica. E' a mesma factura metálica do verso, a mesma affeição especial pelas imagens da estatuaria, da pintura e da ourivesaria, e com isso a mesma tendencia a operar as "transposições de arte" em que foi mestre Gautier — a fazer baixos relevos, *bibelots*, quadros, ou joias em poesia. E, por fim, é o mesmo culto dessa Hellade de phantasia e de sonho, patria ideal de todas as perfeições (1). Os nomes que apparecem no livro, ou são de parnasianos, ou de precursões: Hugo, Baudelaire, Catulle Mendès, Eugène Manuel. E os nomes que não apparecem, mas que se sente pertencerem á prateleira favorita da estante mais frequentada do nosso poeta, são Gautier, Banville, Leconte, Heredia, Lahor.

Ora, é curiosa esta como revivescência do puro espirito parnasiano, que mesmo no Brasil vai emfim languendo, na arte de um joven que nasceu quando o parnasianismo já havia passado em França, e que formou o seu espirito em pleno reinado do symbolismo. Temos aqui um moço que resolutamente se furta ás influencias envolventes da sua epoca e, remontando o curso da evoluçãõ geral, vai refugiar-se no seio de um movimento episodico que se produzia ha quatro ou cinco decadas passadas.

Como se explica essa attitude curiosa? E' facil conjecturar. A explicação está, muito provavelmente, no temperamento do nosso poeta. Esse temperamento — sente-se bem isto através do seu livro, como através da sua conversação, — é um temperamento excepcionalmente *marcado*.

O seu traço distinctivo é a exuberancia, ou o enthusiasmo, um enthusiasmo persistente e diffuso, que é como a perenne palpação da alegria de viver e da ansiedade de viver: enthusiasmo pela vida, pela belleza, pela arte, pelo amor, pela gloria, enthusiasmo por tudo, enthusiasmo cósmico. A sua palavra é ardente, colorida, torrentosa. O seu

(1) V. a serie dos "Poemas hellenicos".



olhar fusila. O seu gesto mobil e nervoso pinta, desenha, sublinha, realça, limita, vinca as idéas e as intenções, completa o que a sua palavra deixou suspenso. Todo o seu ser pede, exige, impõe, em tudo, relevo, precisão, recorte, e côr. A sua alma não tem desvãos nem obscuridades. O seu character não tem dubiedades, nem reticencias. As suas dôres são dôres, as suas coleras são coleras, as suas alegrias são alegrias, tudo extreme e typico, sem ligas nem concomitancias, sem as indecisões dos estados complexos e intermediaros. Os seu desejos são definidos, as suas affeições activas e irradiantes, as suas vontades rapidas, claras e fortes. Todo elle, emfim, se mostra, amplamente, com a mesma naturalidade com que — sem comparação — um pavão desprega e passeia o leque vistoso...

Ora, a arte parnasiana calhava admiravelmente a essa natureza sedenta de nitidez, de justeza e de transparencia. E' comprehensivel que elle não sentisse e não tolerasse as indecisões, as dormencias, as lentezas, as flutuações e obscuridades dos symbolistas e symbolizantes. Era natural, sobretudo, que não gostasse das harmonias desconcertadoras e das liberdades indefinidas da technica nova. Lendo Hugo e Baudelaire, Leconte e Mendès, Heredia e Lahor, sentiu-se deslumbrado: tudo lindamente visivel, tudo recortado, acabado, polido e rebrilhante, — como quadros apertados na moldura, como estátuas que vivem e fulguram inteiramente dentro das suas linhas e superficies, como pedrarias que lucilam no solido engaste dos labores de ouro e de prata, delicia dos olhos, exaltação do tacto. Era aquillo a sua arte. — era aquillo "a arte". E, com a promptidão do seu genio affirmativo e resolutivo, filiou-se de corpo e alma á religião do Parnaso.

E' certo que ha, na sua formação, um largo credito a favor de Victor Hugo. O gigante do romantismo é mesmo a maior admiração poetica de Martins Fontes. O que elle diz de Hugo, numa poesia que lhe consagra, em versos rebojantes de entusiasmo religioso, tem quasi um sabor de *blague*, — de uma *blague* onde não houvesse resquicio de ironia ou irreverencia, de uma dessas explosões affectivas,



comparaveis á *blague*, nas quaes o sentimento impetuoso reveste espontaneamente a forma de enormidades racionais... (1). Além de tudo, uma das partes do livro se denomina justamente "Palavras romanticas". Mas o que Martins Fontes sobretudo admira na arte de Victor Hugo, ou o que della retém, é a sua forma prodigiosa, mais especialmente o vigor das suas imagens e a maravilhosa mechanica da sua versificação. E quanto ás "Palavras romanticas", não ha nellas muito mais romantismo do que em toda a poesia lyrica e amorosa de qualquer tempo.

A sua necessidade organica de precisão e de nitidez revela-se em todo o volume, em todos os seus versos. Como elle proprio diz, e tão bem,

Ha certas imagens
Chelas de siderico
Mysterio.

Que a expressão mais viva,
Representativa,
Nem de sequer de leve
Descreve.

A palavra humana,
De pesada, empana
A finura extrema,
Suprema.

(1) Que imagem haverá dentro da Natureza
Capaz de traduzir o esplendor da tua Arte?

A arvore ?
A floresta ?
O oceano. ?

O Infinito, onde canta a musica dos mundos,
E onde, na orchastração das espheras em cõro,
Plangem os carrilhões dos teus versos profundos,
Teus soluços de bronze e tuas bençãos de ouro?

Sim! — contemplando os ceos, dentro da noite calma,
E idealizando o Azul, é que afinal senti
Que somente a amplidão se compara á tua alma,
Porque eu não creio em Deus, mas acredito em ti!

("Victor Hugo").

Desses nebulosos,
Vagos tons brumosos
Que ha em certos sonhos
Tristonhos.

A observação é justa. Mas aquillo que a *palavra*, instrumento da intelligencia, não consegue exprimir, póde ser talvez traduzido, como na musica, pelos recursos do som e do rythmo, pela indecisão voluntaria da phrase, pela dissolução do sentido logico nas intenções do metro, da sonoridade e da rima, por tudo, enfim, que, no verso, não é intelligivel, mas sensivel. E' isso justamente o que tem tentado fazer a maior parte dos poetas dos ultimos vinte annos, enamorados e penetrados de imprecisões musicaes como os predecessores o foram de desenho e de plastica. Dahi toda essa arte em que o elemento intellectual se atenua, se esbate, se alonga por horizontes remotos, e chega a desapparecer por completo, de quando em quando, sob o deslizar liquido do verso *frou* e esgarçado, portador de meras impressões não cristalizadas. Dahi toda essa arte em que ao contorno "arreté" se substitue o indefinido dos limites, e em que ás visões estaticas succede o movimento constante.

E' isso precisamente que o temperamento de Martins Fontes não soffre. As impressões que elle traduz são aquellas que se podem reduzir á classica estreiteza da expressão verbal castigada, firme e solida como um relevo de esculptura, certa e incisiva como um traço de buril. Estas imagens são approximadamente as mesmas de que elle proprio se serve para affirmar o seu credo artistico. Acontece-lhe, ás vezes, por excepção, ter de exprimir sensações ou sentimentos indefinidos, ou difficilmente definiveis. Vale-se então da comparação e da imagem, tornando objectivo e descriptivel o que lhe vai na alma. E o verso não modifica o seu andamento regular e medido, a phrase não destôa da constante cristalinidade grammatical.

Nos affectos, como no mais, a mesma vehemencia. O amor, em Martim Fontes, é, inconfundivelmente, o *proprio amor*, o amor primevo, nuclear, universal e eterno, o amor "em bruto". O poeta deixa, como um pagão, sem malicia, e sem hypocrisia, que o instinto ullule, fareje e salte. Não o mascara, não o subtiliza, não o alinda. Descobre-o, vergasta-o, açula-o, e parte, ansioso e veloz, para o objecto cubiçado (1).

Materialismo? Não. Antes de tudo, *estheticismo*. O amor assim masculino, primitivo e dominador é mais "bello" — mais simples, mais energico, mais violento, mais affirmativo... e mais grego. Depois, se Fontes tem o amor carnal e sensual, não quer isto dizer que o reduza á carnalidade e á sensualidade. Não o reduz. Varias poesias ha no seu livro, a demonstrarem que elle sobe dessa concepção basica e positiva do amor a puras idealidades. Começa por santificar o amor, desde que o amor é mutuo e sincero, quando realiza a dupla união dos corpos e das almas. A simples sensualidade sem amor, sem correspondencia, indigna-o e horrorisa-o como um crime hediondo (2).

Mas a união das almas é bem menos precisa do que a outra... Analysada na poesia amorosa de Fontes, a "alma" talvez se reduza a "desejo" e a "fantasia" momentanea, florações immediatas do instinto. Elle proprio reconhece que, na união mais ardente, não raro as almas se conservam completamente apartadas:

Certas estrellas coloridas,
Estrellas duplas são chamadas,
Parece estarem confundidas,
Mas resplandecem afastadas.

Assim, na terra, as noesas vidas,
Nas horas mais apaixonadas,
Dão a illusão de estar unidas,
E estão, de facto, separadas...

(1) V. "Othello", "Paraiso perdido", "Mais forte do que a Morte", "Truth is stranger than fiction", "Incontentado", "Canção do cair das folhas", "Fascinação", "Madrigal de Don Juan", "Luar de verão, cantando ao sol", etc.

(2) V. "Canção dos Cavalleiros da Belleza".

O amor e as forças planetarias,
Trocando as luzes e os abraços,
Tentam fundil-as e prendel-as...

E, eternamente solitarias,
Dentro do tempo e dos espaços,
Vivem as almas e as estrellas...

Como quer que seja, o amor é uma das grandes preocupações do poeta e enche-lhe a maior parte do livro. A elle se devem algumas das composições mais formosas e mais perfectas da collecção, como, para não citar senão uma, essa admiravel "Sonata apaixonada", em que cada estrophe realiza de véras alguma coisa de bello (1).

A technica de Martins Fontes já está sufficientemente caracterizada, melhor do que pelas nossas interpretações, pelos exemplos transcriptos. Dentro dos seus princípios e normas, essa technica é perfeita, e francamente admiravel.

- (1) O' Mar! Poeta do Amor! meu velho e triste amigo!
Quero, secretamente, em palestra contigo,
Contar-te a minha dor...
Porque, pulsando em mim teu coração de oceano,
Só tó comprehenderás o desespero humano
De viver sem amor!

Amas, meu pobre irmão, com o mesmo ardor com que amo,
Choras, como eu tambem, que, em segredo, reclamo
A bençãem de um olhar!
Dessa que é, como a lua, indifferente e fria...
E que jamais calculará nossa agonia,
Porque não sabe amar!

A perenne oração que consagras à lua,
E' inutil, porque — ó Mar! ella não será tua...
Nem ao menos sequer,
Tão distante de ti, teu supplicio adivinha,
Porque ella é como alguém que nunca ha de ser minha,
Sendo estrella e mulher!

("Sonata apaixonada".)



Lendo-se Martins Fontes, tem-se quasi a tentação de lhe censurar a insistencia com que fala no *verso*, no jogo das *vogaes*, nos effeitos da *rima*. Parece á primeira vista que elle reduz toda a technica ás questões attinentes ao "verso", esquecendo a carpintaria estructural da composição e o labor do estylo. Mas é preciso não ter pressa de julgar. O que é preciso é comprehender. Elle nunca teve, muito provavelmente, o intuito de fazer uma "arte poetica"... Os pontos de technica em que não toca, tem-nos, naturalmente, por esclarecidos e resolvidos. A versificação é que lhe parece ainda susceptível de duvidas e carecente de aperfeiçoamentos. Mas nem aqui o animam intenções didaticas. O seu movel é definir-se; a sua intenção recondita é tirar da technica do verso motivos para fazer bellos versos, — realizando assim, sem pensar nisso, um reviramento nas relações do fundo com a forma, isto é, a inspiração a tomar por ponto de partida os seus proprios meios de expressão (1).

Demais, verifica-se facilmente, lendo com o devido cuidado, que elle, em regra, tanto prima na architectura geral

- (1) O' Dens ourives! Mestre do meu sonho!
Tendo o teu culto na mais nobre estima,
Quando burilo a phrase que componho,

Como tu', modelando uma obra prima,
Penso que, num collar de estrophes, penho
No ouro do verso a perola da rima!

("Hephaistos".)

Dentro da gaza do luar supponho,
Na embriaguez de um mystico desejo,
Que vou colher, no lirial do sonho,
A rima do teu beijo...

("Romance".)

Amo nos versos a surdina,
Os tons de opala oriental
Do luar das noites de neblina,
As mortecôres de um vitral.
Quero que o verso seja tal
Que em cada som tintinabule,
Tornando a phrase musical
Como a canção do rei de Thule.

("Ballada dos sons velados".)

V. ainda "Parthenon".



dos poemas, como no seu acabamento — o que aliás era indispensavel para se manter a logica da sua arte, toda ordenada e calculada. Só numa das suas composições, a que lhe serve de prefacio, "Parthenon", se poderá notar, ao lado de uma versificação magnifica, certas desconnecções demasiado violentas entre imagens subordinadas a um mesmo pensamento. Nestas quadras, por exemplo:

Quero que sintas, como bom pedreiro,
 Como um pobre *operario* verdadeiro,
 Ao levantar-te, *pedra a pedra*, um poema,
 As mãos honestas de um illustre obreiro.

E que, sangrando no peso desta algema,
 Talhado o bloco da visão suprema,
 Tenhas, por mais que o metro se comprima,
 Os exageros da minúcia extrema.

Realça os contornos, aprimora e lina,
 E a palavra, sem par, da tua estíma,
 Engasta em ouro, como um lapidario,
 Wateau do verso, *Becorrit* da rima.

E a serie continúa ainda por varias estrophes, é continuam as metamorphes bruscas do artista. E' possível, é mesmo provavel que tudo isto seja perfeitamente intencional. O effeito não será porisso mais feliz.

Em regra, porém, ao polimento benedictino do verso corresponde a disciplina estreita da composição. Releia-se, para exemplo, o soneto transcripto logo atraz. E citamos essa peça, porque tem a vantagem de nos deparar, juntas num pequeno espaço, as qualidades essenciaes da arte de Martins Fontes. Em primeiro lugar, note-se como a idéa é simples e clara, como o assumpto é determinado e transparente. Esse assumpto vasa-se por completo na forma do soneto, sem ingurgitamentos e sem falhas, isto é, sem versos excessivamente condensados e rebatidos a par de versos insufficientemente cheios, onde as palavras excedam as necessidades do pensamento. A idéa desdobra-se gradualmente, de verso em verso, de quadra em quadra, de terceto



em terceto, accomodando-se ás divisões regulares e symetricas da forma escolhida. Na primeira quadra, as estrellas apparentemente duplas; na segunda, as almas illusoriamente unidas, — precisando-se o parallelismo pelos dois ultimos versos de cada quadra, identicos pelo sentido, quasi iguaes pela forma. As quadras encerram, por inteiro, uma divisão do assumpto, a primeira parte deste, a sua apresentação. Nos tercetos, os dois termos — almas e estrellas — se entrelaçam, sem se confundir. Desenha-se no primeiro terceto a semelhança, suggere-se a identidade das forças que movem os astros e as almas, attracção e amor,

— "L'Amor che muove il sole e l'altre stelle"... —

e nota-se de leve a impossibilidade da approximação real. O segundo terceto, condensação da idéa e resumo do plano, é, quanto ao pensamento e quanto á arte, o duplo coroa-mento do fundo e da forma: a presença dos mesmos elementos, o mesmo parallelismo dos sentidos e das expressões, a mesma symetria e, finalmente, a melancolica reflexão que dahi se extrae, como uma gôta doirada e transparente de veneno a cair de um geometrico frasquinho de cristal.

As bellezas abundam por todo o livro, e ha nelle peças que por si só valeriam um volume. O poema "Na Floresta da Agua Negra" está repleto de lindos primores, de deliciosas minucias de factura. Mas contém muito mais do que isso: contém largas e poderosas descripções, que nos desvendam differentes aspectos da monstruosa selva amazonica, ao sol, sob a tempestade, ao crepusculo e ao luar, fazendo-nos sentir ao mesmo tempo a piethora delirante de vida e o formilhar dos seres em luta, no laboratorio tormentoso da mata. No "Madrigal de Don Juan", Fontes mostra como sabe desenhar, com igual mestria, sob o mesmo rigor de technica, depois da brutalidade da cyclopica natureza tropical, finas paisagens e encantadoras silhuetas á Watteau.



Com igual virtuosidade, evoca em versos fulgurantes as fulgurações dos espaços, numa "Symphonia" em que o enlevo e o deslumbramento acabam de subito num relampago de ansiedade metaphysica.

Por tudo, em summa, sente-se a presença de um poeta de raça, dotado de uma alta e nobre inspiração, dono de uma lyra de muitas cordas, probo e escrupuloso até ao exagero. Aqui temos "uma personalidade". Abramos alas.

AMADEU AMARAL



AS RAZÕES DE TAGORE

A hora é pouco propicia para os problemas de esthetica e de philosophia. Em todo o caso, como a verdade é sempre util, mesmo quando não aproveita a nós mesmos, não convem perder-se nenhuma occasião de alcançal-a ou entrevel-a.

Tagore, o celebre poeta indiano, tão calorosamente acolhido pelo publico letrado do Occidente, aproveita a sua nascente gloria para dizer com mais autoridade e mais desinvoltura o que pensa da civilização occidental.

Não ha duvida que os factos que se estão passando agora na culta e hyper-civilisada Europa, lhe dão direito a todas as duvidas e todas as censuras. Mesmo o desprezo e a crueldade, seriam nelle, até certo ponto, justificaveis. Não digo que chegue a tanto, mas uma certa rudeza epica, um alevantado sarcasmo justiceiro, tingem-lhe a alma e o discurso.

Mais uma vez, pela sua palavra, fronteiavam-se e medem-se as civilizações do Oriente e do Occidente, fazendo esta as despezas do processo; e não ha negar que a sua voz fira justo e castigue altaneira, em muitos pontos.

Ha, porém, na sua critica defeitos de visão e de comprehensão que lhe tolhem o alcance e lhe empannam o brilho.

Demais, essas censuras e esses antagonismos de vistas, não são novos, nem para admirar.

Ha alguns annos, um principe letrado de Sião, que



então visitava Paris e era acolhido com inúmeras festas, aproveitou a ocasião para externar as suas impressões e os seus juízos sobre o novo mundo que elle via e observava, tão em contraste com o outro de onde vinha.

No fundo, as suas censuras e as suas preferencias eram as mesmas que as de Tagore, externadas porém, com mais graça e brandura, e sem, já se vê, o estribilho da guerra.

Lembra-me que nesse artigo o principe lamentava sobretudo a existencia febril e atarefada dos homens do Occidente, o seu afan em buscar o ouro, o conforto, o luxo; as preocupações rasteiras e vegetativas sobrepujando e afogando as outras: — as moraes, as estheticas, as religiosas; a vida material e grosseira esbulhando o homem do seu quinhão celeste, da infinita doçura e da infinita grandeza da sua alma.

E em appetecedor contraste, mostrava-nos em seguida o Oriente, molle, languido, sonhante. Um doce e resignado fatalismo banha os seres. A ancia do mando e das riquezas não entre-devora os irmãos.

O tempo, a velocidade, a concorrencia voraz, não tyrannizam o homem, antes o proprio tempo se amodorra e estira no socego das almas e das coisas.

Um suave mysticismo enche e dilata os espiritos, immerge o homem em mysterio e volupia. Sem esforço, sem atribulações, cada um se contenta com o muito bem que ha na terra ao alcance da mão, com a riqueza que lhe aflora da alma, perenne e bemfazeja.

E não é só; ninguem como o oriental soube crear e usufruir os esplendores do fausto, as delicias da arte, os requintes do goso. Diante de uma tal civilisação, todas as outras são verdadeiras creanças, embora cheias de orgulho e presumpção.

Assim fallava o principe.

Tagore analisa o problema mais a fundo e mais duramente.

O que mata o Occidente é a sua propria estrutura social, o seu organismo compacto, feito para o assalto e

para a defesa, para o açambarcamento e para a conquista.

Não n'ò constituem povos livres, vivendo pacifica e philosophicamente na terra dadivosa, sob a benção luminosa das estrellas. Elle é feito de nações, isto é, de organizações poderosas, rivalidades armadas e aggressivas, conflictos latentes ou patentes de interesses e appetites.

Onde, a sabedoria divina da India, a sua civilização nobre e hieratica, o seu espiritualismo dominante e radioso?

Ahi vivem e confraternizam as raças ha millenios, sem nunca se arvorarem em nações.

Que o amor da sua terra e a intima aversão que elle deve ter pelo Occidente expoliador e especialmente pela Inglaterra, fallam pela bocca de Tagore, é evidente.

Dir-se-ia que elle só vê da Europa a ferrea estructura, os mecanismos e os armamentos formidaveis, um monstruoso organismo que traz na sua propria monstruosidade os germens da ruina e da decomposição.

Para a misera Europa, nenhuma attenuante, nenhuma admiração.

Assim, o labor fecundo, o immenso e glorioso esforço que creou e ordenou um mundo novo, as maravilhas da technica, a divisão e a multiplicação do trabalho humano, a cohesão e a organização de todas as forças vivas, de todos os valores sociaes, para a grandeza e o bem geral da nação, são para elle ambições egoistas, modalidades combativas do espirito de rapina e de conquista.

Elle não vê as fatalidades historicas que pesam sobre o mundo europeu, não vê que o "nacionalismo" não é uma criação voluntaria mas imposta, a condição mesma da existencia, para os povos que querem viver.

Mas é porventura esse aspecto pratico e activo, o unico da civilização occidental?

Não ha tambem os cantos de sombra e doçura, os jardins encantados em que as almas mysticas e sonhadoras, amam, sonham e crêam? Não ha nella uma fulgente irradiação do espirito humano, um labor fecundo das almas e das intelligências dilatando a atmospherá espirital da



terra, exhalando-se em pensamento e poesia, alargando os dominios da humanidade e da justiça, creando essa nova grandeza moral que se chama — a consciencia collectiva?

Quem com mais ardor do que ella amou e buscou a liberdade e a justiça, a egualdade e a redempção dos homens?

Não ha duvida que ella não é perfeita.

Muitos males a envenenam e corroem: — O ouro cada vez mais poderoso e corruptor, o centralismo que accumula essas gigantescas colmeias humanas em que se apertam e combatem, se aguçam e degladiam appetites e interesses sempre crescentes, o industrialismo e o commercialismo á *outrance*, que acabam por perverter e inquinar a economia do paiz, o são equilibrio da estirpe e a harmonia das classes e das nações.

Grandes males não ha duvida. Mas esses males têm seus equivalentes, senão peiores, no Oriente, nessa mesma India, que tanto nos gaba o poeta.

O odio das castas, a dissociação da nacionalidade em mil *clans* inimigos que se guerreiam surdamente, são desgraças peiores do que as guerras entre as nações do Occidente. A apathia, a ignorancia, a ignavia da população hindú, são outras tantas carcomas que a envenenam e decompõem.

As nações do Occidente serão talvez organizações de-feituosas, caducas, destinadas a desaparecer, mas entretanto vivem e luctam e se governam.

E o Oriente? Que é o Oriente senão uma decrepita e disconforme ruina sob a tutela do estrangeiro?

De todos os paizes orientaes, o unico capaz de engrandecer-se e erguer a voz, foi o Japão, que soube approximar-se e penetrar-se dos methodos, da cultura, da organização do Occidente.

E essa mesma India, que pela bocca do seu poeta, investe contra a pesada armadura e as compactas organizações do Occidente, poderia talvez ser outra, se não tivesse renunciado á existencia, acurvada sobre si mesma na eterna contemplação umbelical, se não tivesse espedaçado o tempo



e as energias melhores, em luctas intestinas e molle resignação.

Por não ter sabido ser uma nação, ella é hoje uma simples dependencia, uma escrava amimada e bemquista pela mais liberal e bemfeitora das senhoras, mas sempre uma escrava.

Só isso bastaria para annullar e voltar contra elle todos os argumentos e invectivas do poeta illustre.

Assim, o crime de ser nação nos apparece mais como um bem e uma necessidade vital, do que como um erro imperdoavel.

As nações da Europa, embora arcando com impecilhos, sacrificios e males inevitaveis, são o que são, ao passo que a India nem ao menos é... India.

Terá cada povo a sua rota e o seu destino inevitavel? Ou haverá tambem uma especie de livre-arbitrio na historia?

Nós não sabemos bem o que é a historia, mas dentro de certos limites, cada povo, como cada individuo, forja elle proprio a sua vida e a sua historia. A agremiação das vontades e das intelligencias, a continuidade do esforço, a vontade de viver, o poder de adaptar-se aos tempos e ás circumstancias, são pois factores essenciaes da vida collectiva, verdadeiros e beneficos elaboradores da historia de um povo.

Mas nem todos os povos sabem consciente ou instinctivamente achar o seu caminho, nem todos sabem inteirar-se e compenetrar-se das suas necessidades vitaes, e nem sempre a massa sabe acompanhar a voz e o exemplo dos iniciados que a illuminam.

Afinal, cada um dá o que tem, e não mais. Mas ao menos não encubramos as nossas chagas com enredos de palavras, e sobretudo, não lancemos aos outros culpas que elles não têm, e que, mesmo reaes, não podem apagar nem remediar as nossas.



DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALENCAR ⁽¹⁾

(TRES CARTAS SOBRE A CONSTITUINTE)

Ilmo. e Exmó. Conselheiro J. M. Lourenço Vianna.

Tendo-me V. Exa. autorizado a invocar o seu Illustrado e severo testemunho a respeito da questão que presentemente discute da dissolução da Constituinte, vou rogar a sua resposta aos seguintes pontos:

1.º Qual o juizo que forma V. Exa. a respeito da exactidão dos factos expostos nos artigos que ultimamente publiquei no *Jornal do Commercio*?

2.º Se na sessão de 10 de Novembro, como V. Exa. me referiu, appareceram punhaes, e foi algum membro da assembléa ameaçado de ser assassinado, e qual?

3.º Se eram da propria assembléa constituinte que partiam os apellos ao Imperador para que salvasse a ordem publica ameaçada pelos demagogos?

4.º O que a V. Exa. parecer conveniente para esclarecimentos dos factos relativos á dissolução, de que foi coevo e testemunha.

Com a plena confiança que tenho no character severo e independente de V. Exa., espero se dignará responder-me, autorizando-me a publicar o seu testemunho valioso.

Sou com a maior estima e consideração

De V. Exa. attento venerador e obr.o

José Martiniano de Alencar

. . . . de Novembro de 1863

(RESPOSTA)

Permitta V. Exa. que aqui mesmo responda aos quesitos acima indicados, e o farei como coevo e testemunha ocular dos mesmos factos em que elles tiveram logar.

Quanto ao 1.º — Que tanto julguei exacto e judicioso o juizo critico por V. Exa. formado e descripto nos artigos a que se refere, sobre os factos que produziram a dissolução da Constituinte, que

(1) V. n. 25 da *Revista do Brasil*.

em mesmo, pela primeira vez, sem ter relações com V. Exa., o procurei em sua casa para lhe agradecer esse mesmo juízo crítico, que hum dia será confirmado pela Historia imparcial, quando as paixões e os delírios dos partidos e da demagogia tiverem desaparecido.

Quanto ao 2.º — Bem que eu não estivesse presente a essa sessão de 10 de Novembro, pois que, nessas occasiões, todo o Cidadão honesto e pacífico se recolhe espavorido, foi publico e notorio, que a sessão se tornou sobremaneira tempestuosa e revolucionaria a ponto de muitos Deputados tremarem da sua existencia, por se dizer que muita Gente do Povo, que invadiu o proprio recinto da Assembleia, estava armada de punhace; e tão verosimelns erão essas vezes que ainda hoje existe o official da Secretaria da Justica (José Tiburcio), que me disse, que tremendo tambem pela vida do Deputado seu Tio o Marquez de Caravellas, se foi postar por detraz da Cadeira d'elle com hua Pistolla para o defender contra qualquer tentativa de aggressão.

Quanto ao 3.º — Sei, e foi publico e notorio, que do sejo da Assembleia sahão de hora em hora avisos ao Imperador pedindo-lhe que salvasse a ordem publica ameaçada pela desenfreada demagogia.

Quanto ao 4.º — Para responder a este quesito seria preciso remontar á origem de todos os factos os quaes, analysados, necessariamente deviam produzir como produziram o desfecho da revolução do dia 7 de Abril, revolução da que ninguem se quiz considerar autor nem mesmo cumplice; tal era o horror de que, immediatamente que ella foi consumada, toda a população até mesmo os que nas trevas e nos clubs a promoverão, se acharão possuidos e consternados, temendo cada qual pela sua sorte e pela sorte do Brasil.

O que posso asseverar, e consta officialmente dos jornaes desse tempo, he que esses mesmos homens que figurarão e tiveram celebridade na Constituinte, forão alternativamente furiosos Tribunaes e Demagogos e afferrados Monarchistas, segundo as posições em que se achavão. O que posso assegurar, e já é reconhecido pela Historia, he que o Imperador Pedro I foi hum grande Principe, dotado das mais brilhantes qualidades, entusiasta pela gloria e por um nome que o celebrasse na mesma Historia. Se houve erros durante o curte tempo do seu infeliz reinado, esses erros não nascerão d'elle, mas sim dos homens a quem elle encárregou o governo do Paiz, homens que elle procurou em todas as classes; e tanto é exacta esta asserção, que eu ouvi da propria bocca do Imperador Pedro I, indignado pela guerra que lhe fazião, as seguintes memoraveis palavras: — Eu era um menino de 22 annos quando me entreguei em corpo e alma aos Brasileiros, e elles me maltratão e calunnião as minhas mais puras e sinceras intenções.

Obedecendo ao praeito de V. Exa., tenho expendido o meu juízo e opinião sobre os quesitos que se dignou submeter á minha apreciação, apreciação tanto mais franca, verídica e sincera, quanto é certo que nada devi ao Imperador Pedro I, o qual talvez não gostasse de mim.

Tenho a honra de ser

De V. Exa.

o mais respeitador e obrigado

João Mag. Lourenço Vianna

S. C. 4 de abr. de 1863

Illmo. e Exmo. Sr. Conselheiro J. M. de Alencar

Sinto muito não poder satisfazer, como desejava, ao pedido de V. Exa., porque hoje apenas conservo idéas vagas e confusas do que se passou nas sessões de 10 e 11 de Novembro da Assembléa Constituinte, recordando-me porém perfeitamente da sessão do dia 12, em que se verificou a dissolução.

Não ha duvida de que as sessões forão agitadas e tempestuosas, mas não tenho lembrança da occasião em que foi levantada a sessão, nem ouvi as vozes que se soltarão na presença do Imperador. Tambem não sei se do seio da Assembléa partirão avisos ao Imperador, para que salvasse o paiz, pois taes avisos, a serem verídicos, deverião ser feitos em segredo, e sem se communicarem a ninguem.

Quanto á mutilação e supressão de alguns discursos proferidos nos dias 10, 11 e 12, parece-me que a razão não foi outra se não a de não estarem presentes seus autores para os reverem e corrigirem, porque havia falta de tachygraphos, e a publicação andava muito atrasada.

He o que se me offerece a dizer a V. Exa., de Quem sou com a maior estima e consideração

Respeitoso e obrigado venerador

Barão de Pirapama

S. C. 19 de novembro de 1823.

Illmo. e Exmo. Sr. Conselheiro José de Alencar

Accuso a recepção da carta com que V. Exa. honrou-me a 10 do corrente, e passo a dar cumprimento aos seus desejos.

1.º ponto :

Se na sessão de 10 de Novembro de 1823 houve grande tumulto no recinto da Assembléa, apparecendo alli muitos cidadãos armados de punhaes e pistolas ?

Resposta :

A Camara estava nesse dia apinhada de povo, que la assistir aos debates e tinha já occupado, alem das galerias, as salas e corredores contiguos ao recinto da Camara.

A requerimento do sr. deputado José Martiniano de Alencar foram admittidas no recinto da Camara as pessoas que puderam alli caber.

Pediado a palavra o Sr. deputado Andrada Machado, houve rumor entre os espectadores que nos sitiavam, no recinto e nas galerias, dando signaes de approvação; o Sr. Presidente João Severiano Maciel da Costa (depois Marquez de Queluz) advertiu-lhes que elle faria cumprir o regimento da casa, se eguaes manifestações se reproduzissem. Por algum tempo ainda orava o Sr. deputado Andrada Machado, sem que houvesse necessidade de verificar-se a ameaça do Sr. Presidente. Logo que sentou-se aquelle deputado ergueu-se o Sr. deputado Souza França e retirou-se da casa, depois de pedir com instancia ao Sr. Presidente que levantasse a sessão. Posto que este Sr. não motivasse o seu pedido obteve-se a explicação do seu procedimento: por detraz da cadeira em que estava sentado virá elle um homem armado de uma pistola, cujo cabo estava todo de fora. Essa occurrencia levou o Presidente a consultar a mesa sobre o que conviria fazer se os trabalhos da Camara fossem perturbados

de maneira que se pudessem recelar algum facto deploravel. Eu, o Sr. Miguel Calmon (hoje Marquez de Abrantes), assim como os outros dois Secretarios, concordamos em que se levantasse a sessão.

Ao Sr. Andrada Machado succedeu na tribuna o Sr. Martim Francisco, e então começou a haver algum rumor, que o Sr. deputado José de Alencar procurava quanto fol-lhe possível serenar, instando com os espectadores para que se conservassem silenciosos e em attitude respeitosa. Applacou-se por algum tempo a agitação, mas de repente em um topico do discurso do sr. Martim Francisco, que mais agradou os muitos espectadores, levantou-se um grande alarido e amotinaram-se os espectadores, apesar dos constantes portia-dos esforços que fez o Sr. José de Alencar para manter o socego e a ordem.

Na forma do que tinha sido assentado, o Sr. Presidente levantou a sessão.

2.º ponto.

Se na occasião em que o Presidente levantou a sessão o tumulto tinha cessado ou crecera ao contrario?

Resposta.

Estava no seu auge.

3.º ponto.

Se no dia 11 a sessão continuou tumultuaria, pela agitação do povo que concorria ás galerias?

Resposta:

Não houve tumulto. Houve, porém, muita gente que foi retirando-se logo que constou que grande força encaminhava-se ao Paço da Camara.

Bem pudera dar-lhe amplos esclarecimentos, se ainda conservasse os apontamentos que tinha para um dia escrever a historia desses acontecimentos, mas inutilizei-os, porque ainda seria muito cedo, por mais tempo que eu viva, para tocar em factos, que interessam a muitos individuos, uns ainda vivos, ainda que poucos, e outros, que tomam muito a peito a causa dos que deixaram de existir, acontecendo assim ver-me eu talvez, como diz o poeta, *laudatus ab his, culpatus ab illis*, sem ter entretanto de tudo quanto avançasse, a certeza que tenho, quando, interpretando fielmente os meus sentimentos, affirmo a V. Exa. que cordialmente me preso de ser

Seu muito att.o, v.or am.o e cr.o m.to obrig.do

Rio, 17 de novembro de 1863.

Visconde de Maranhão

Illmo. e Exmo. Sur.

Será talvez temeridade minha pedir a V. Exa., a quem todos proclamam competentissimo; sua esclarecida opinião acerca d'uma poesia minha ("Pedro II"), publicada no "Jornal do Porto", n.º 58 — Jornal que por este paquete dirijo a V. Exa. E mais do que temeridade será rogar-lhe a fineza de me dar alguns esclarecimentos em relação ao libretto da opera "Guarany", do maestro brasileiro Carlos Gomes. Falla-se aqui com bastante interesse n'esta opera: é de crer a vejamos, mais cedo ou mais tarde, em alguns dos nossos theatros, tencionando eu então escrever alguma coisa sobre isto.

Já V. Exa. vê o que me determina a importunar V. Exa., de quem sou sincero admirador e a quem todos, que conhecem o nosso



formoso idioma, rendem o maior culto, como a uma das primeiras glorias litterarias do Brazil.

Subscreevo-me com a maior consideração

De V. Exa.
att.o v.or & cr.o obrig.do
Antonio Teixeira de Macedo

Illmo. e Exmo. Sr. José d'Alencar
Rio de Janeiro.
Porto 12 de Março de 1872.

ANTONIO HENRIQUES LEAL

Illmo. e Exmo. Sr. Cons. José d'Alencar

Lisboa, 19 de Maio, 1873

Não respondi ha mais tempo ao delicado e inesperado favor com que V. Exa. honrou-me; porque, não querendo interromper suas tão bem aproveitadas horas senão com uma carta minha, aguardel a remessa do precioso e riquissimo brinde de V. Exa. Beijo-lhe as mãos por elle que me tem proporcionado tão delictuosos momentos.

Dos seus Discursos vieram-me 3 volumes; um da sessão de 1869, e dous exemplares das de 1871. Foi para mim surpresa e grande. Revelou-se-me V. Exa. por mais este aspecto, novo e desconhecido de mim, na altura do romancista e do dramaturgo que muito aprecio e admiro.

Com a leitura do seu Ttl deixa-me sedento pela continuação de tão bem architectado e engenhoso livro. Já conhecia do Tronco do Ipé o 1.º volume. Visitando S. M. no lazareto, conversamos largamente sobre litteratura, dando-me elle para ler esse volume, tecendo ao mesmo tempo merecidos louvores ao auctor.

Quanto a mim, V. Exa. não tem feito às letras patrias apenas o serviço de opulental-as em tão riquissimos thesouros, porém outro maior — o de ter creado uma escola, nacionalizando de todo em todo a nossa litteratura. É felizmente para elle, que a politica activa não tem morto esse fecundissimo e imaginoso talento. Creia V. Exa. que é isso um phenomeno, não só raro, senão unico de que eu tenho noticia. Faço votos ardentés para que si a politica preponderar algum dia no espirito de V. Exa. a ponto de esterilisar a phantasia, deixe-a antes V. Exa. Peramos embora o estadista, mas conserve-se sempre nessa primavera florida a fructear tão esplendidos e saborosos primores quem pode e deve levar longe e bem alto a arte brasileira.

Conto que V. Exa. tomará minhas palayras pelo que valem o pelo que são — sincera expressão de um seu patrio que se desvela pelas nossas cousas e applaude as manifestações do genio onde quer e como se expandam.

Resta-me reiterar os meus agradecimentos e pedir a V. Exa. que me considere

Att.o ven.or adm.or sincero e cr.do obr.o e Rev.o

Dr. Antonio Henriques Leal

Exmo. amigo e Sr. Cons. José de Alencar

Lisboa, 8 de Setembro de 1877

Obrigadíssimo pela sua estimada carta de 21 de julho deste anno. Ainda mais obrigado pelos esforços que empregou para que me fosse mantida a commissão. Com a sinceridade de suas promessas contava eu, e por essa parte estava tão descansado que entendi ser-lhe offensivo o importunar com cartas sollicitando sua efficaz intervenção.

Tenho lido com muito interesse e indizível prazer seus triumphos oratorios, e admira-me que tenha tido forças para estar sempre na brecha: só entranhado patriotismo e a consciencia do dever obrigam-n'o a sacrificar assim uma saude tão necessaria e preciosa para a familia o para as letras.

Com a chegada do Imperador é possível que haja mudança ministerial, e se entrar algum de suas intimas relações e que se avente mandar commissarioes á exposição de Paris, rogo-lhe que interceda por mim lembrando que já está na Europa, sendo a ajuda de custo para passagem muito mais módica, que com mais umas 60 libras mensaes de gratificação, além das que já tenho, e isto durante 3 ou 4 mezes, será bastante. Com os conhecimentos de sciencias naturaes e outros mais creio que poderei observar e traçar um relatório que diga um pouco mais do que outros que têm apparecido sem trazer ao menos alguma utilidade pratica.

Com suas occupações e lidas parlamentares nem mais se lembrou de mandar-me dizer a data da prisão do padre e do príncipe encoberto de que trata a Synopsia do Abreu e Lima para que eu possa descobrir alguns permenores no Límoeiro ou no Archivo Ultramarino.

Está a parecer-me que com a mudança da gabinete terá fim o meu degredo e que valversei á patria. Então estreitaremos nossas relações, sendo tão semelhantes nossos habitos de retiro e aconchego de familia.

Queira ter a bondade de receber e transmittir á exma. esposa e aos filhos os sentimentos de estima e de saudade de minha mulher, filhos e meus.

Creia-me com a maior estima e gratidão

De V. Exa.

Am. e obr.o confr. e att.o e admirador

Dr. Henriques Leal



RESENHA DO MEZ

BIBLIOGRAPHIA

MONTEIRO LOBATO— *O Sacy Perêrê.*

O sr. Monteiro Lobato reuniu em volume, acolchetando-lhes alguns commentarios deliciaes e emparelhando-os entre um prologo e um epilogo refulgentes de graça, os depoimentos, que a proposito do Sacy Perêrê obteve num inquerito aberto ha tempos, na edição nocturna do *Estado de S. Paulo*. Os leitores da *Revista do Brasil* dispensam, naturalmente, que lhes digamos quem é, como escriptor, o sr. Monteiro Lobato: raro será o numero desta Revista em que a sua fantasia, ora alegre, ora tragica, e a sua observação, sempre aguda e quasi sempre risonha, não encantem e divirtam os leitores.

OLAVO BILAC — *Boçage.*

A Renascença Portuguesa fez uma linda edição da conferencia que o anno passado Olavo Bilac realisou nesta capital a respeito de Boçage.

A conferencia já é bastante conhecida e o que sae da penna do grande poeta não precisa de encarecimento.

A. AUSTREGESILLO — *A cura dos nervosos.*

Este livro, interessante pelo assumpto e por outros titulos, é nota-

vel sobretudo pelos progressos, que accusa, na arte do escriptor.

Confessamos, lealmente, que não toleravamos os escriptos literarios, do sr. Austregesillo. Pareciam-nos hyperbolicos, arvezados, incorrectos e desgraçosos. Tinhamos a impressão de que, ao fazel-os o maior empenho do escriptor era fugir á naturalidade e á singeleza fascinado pela magia da complicação e do impenetravel.

Essa impressão foi desfeita pelo livro de que falamos. Não será difficil apontar ainda algumas incorrecções na phrase e colher aqui e allí, alguns fructos seccos da produção antiga, mas é incontestavel que o estylo do escriptor ganhou uma fluidez, um desembaraço, uma elegancia e um colorido que apagam ou diminuem os seus defeitos e transmudam em prazer o desgosto com que outrora se percorriam os seus trabalhos literarios.

A. CARNEIRO LEÃO — *O Brasil e a Educação popular.*

Já está em segunda edição o volume que o sr. Carneiro Leão consagrou ao problema da educação popular no Brazil. Explica-se o exito deste livro: o problema é dos que mais interessam no momento e o sr. Carneiro Leão, optimamente orientado no assumpto, expõe as suas idéas com muita clareza e com muita convicção.

BELISIARIO PENNA—
Saneamento do Brasil.

E' um trabalho de alta significação patriótica. O autor mostra que o problema nacional por excelência não é a reforma constitucional, não é a modificação dos nossos costumes políticos, não é a militarização da moeldade, não é nada em summa d'isso que se diz por ahí: é o saneamento do Brasil. Os factos que expõe são, realmente, de abalar o animo mais sereno e o quadro, que traça, da vida no interior do Brasil é simplesmente de apavorar. Poucos livros merecerão aos nossos homens publicos mais attenta, mais demorada, mais meditada leitura do que este.

AFRANIO PEIXOTO—
O problema sanitario da Amazonia.

O sr. Afranio Peixoto tem o dom de tornar interessantes e attraentes os assumptos em que toca. O estudo do problema sanitario do Amazonas seria para qualquer outro uma opportunidade para esmagar de sciencia e de tedio os profanos: para elle foi apenas a occasião de um trabalho no alcance de todas as intelligencias, leve de forma sem prejuizo do rigor scientifico do fundo, curioso, instructivo e pratico.

MANOEL DUARTE —
Carlos Peixoto e o seu presidencialismo.

O sr. Manoel Duarte procura neste volume traçar o perfil intellectual e moral do illustre politico mineiro, ha pouco fallecido, e expõe as suas ideias capitais sobre o presidencialismo.

Lê-se o livro com facilidade e gosto, mas não se pôde fechar-o sem uma impressão de duvida, que se não o destrõe tira muito do seu valor:

— Seriam estas, realmente, as opiniões do sr. Carlos Peixoto?

O autor nenhuma prova dá de que, effectivamente, o são a não ser a que resulta da sua afirmativa. E'

pouco para um trabalho com a intenção de ser historico.

Outro defeito que nos feriu e que o Autor, intimo como parece ter sido de Carlos Peixoto, podia evitar, é a escassez de episodios significativos e de anedotas expressivas, muito mais úteis para o conhecimento de uma personagem do que todas as dissertações por mais brilhantes que sejam.

De passagem, notamos ainda um equivoco em que o sr. Manoel Duarte caiu. Põe elle, a pagina 41, Caprivi entre os grandes estadistas da Italia. Caprivi, apesar do nome, era allemão, tudo quanto ha de mais allemão, pois era prussiano. Tanto mais de extranhar é o equivoco quanto ha na vida de Caprivi um facto que lhe dá um relevo extraordinario — foi elle o escolhido para substituir Bismark quando o grande chanceller tombou...

JOSE' DE MACEDO —
O conflicto internacional sob o ponto de vista portuguez.

Estuda-se, neste livro, com muita abundancia de dados, a situação economica do mundo antes da guerra, mostrando-se o erro da Alemanha em destruir com o seu delirio militarista o dominio, cada vez mais seguro, que ia conquistando em todos os mercados do Orbe. Depois dessa vista de conjunto, o autor desce a uma exposição minuciosa da politica economica portugueza, analysando-a sob todos os aspectos.

E' um trabalho solido que denota uma rara competencia no assumpto e que, pelas ideias gernas nelle contidas, interessa aos estudiosos da economia e finanças existentes em todos os paizes.

TEIXEIRA DE PASCOES —
A Beira num relampago.

O sr. Teixeira de Pascoes tem uma maneira tão viva, tão luminosa, tão pittoresca de descrever as coisas que se não pôde abandonar-o em meio da viagem que, neste volume, emprehendeu através da pro-



vincia portugueza da Beira. Postos os olhos nas primeiras linhas tem-se de os levar até ás ultimas, tal a seducção do escriptor, taes a riqueza e o brilho das suas imagens...

FIDELINO DE FIGUEIREDO — *Estudos de literatura.*

O sr. Fidelino de Figueiredo toma a critica tão ao serio, dedica-lhe um culto tão cheio de gravidade que obriga a gente a fechar o sorriso zombeteiro deante d'ella e a pensar, por alguns minutos, que ella é effectivamente uma senhora digna de respeito e affeição. Verifica-se logo, porém, que esta affeição e aquelle respeito vão mais para o sacerdote do que para a deusa. O sacerdote põe tanto zelo, põe tanta sinceridade, põe tanta pureza no seu officio que se acaba confundindo ambos—o sacerdote e a deusa—no mesmo sentimento benevolente.

Os estudos de literatura dão-nos, realmente, uma idéa precisa de varios escriptores portuguezes e desenvolvem, com segurança, alguns pontos de vista literarios interessantes e fecundos. São um guia excellento para se travar conhecimento com os principaes espiritos da actual literatura portugueza e para se entrar em contacto com as correntes dominantes no espirito moderno de Portugal.

AUGUSTO DE CASTRO
Fantoches e manequins.

Ha na prosa alerta e desempenhada deste chronista, meo poeta, meo philosopho, uma variedade de cor e um jogo permanente de luz que a fazem quasi sempre, um mimo de joalheria literaria. As chronicas passam, pelo geral, com os factos que as inspiram e qua, só de raro em raro, merecem viver na memoria do publico mais de 24 horas. As do sr. Augusto de Castro parecem ao abrigo desse destino cruel: através da sua frivolidade apparente, percebe-se nellas alguma coisa, de sentimento e de reflexão, capaz de vida e de persistencia.

JOÃO SARAIVA —

Lirica e satyras.

Tudo neste poeta é delicado — até as suas indignações. Ha nas suas satyras de onde em onde, é verdade, um traço mais carregado ou uma idéa menos gentil, mas, nas linhas geraes, a sua poesia, quer lyrica, quer satyrica, é branda, suave e perfumada. Se, num certo trecho elle celebra a entrada de um burro para a Academia, innocente gracejo que a affluencia desses cavalheiros nas poltronas academicas tornou hoje uma trivialidade sem sabor, em outro, para se vingar da indifferença de uma mulher, encontra no seu carnez de satyras apenas esta flecha de ouro:

Esse colar de perolas sem par
Que te rodeia o colo assetinado,
Parece que roçou, brando e magoado,
Dos teus formosos olhos, ao chorar...

Feram rolando as lagrimas... E acharam
O teu seio tão pallido e tão frio
Que, apenas a mais lúmpida rainha,
As pobrezitas, tremulas gelaram!

LEONARDO COIMBRA
— *A Alegria, a Dor e a Graça.*

São meditações, reflexões e variações sobre aquelle triplice thema. Ha quem se deleite com esse genero meo literario meo philosophico. Para esses deve ser muito bem aceito o volume do sr. Leonardo Coimbra.

MOVIMENTO
ARTISTICO

CARLOS OSWALD

O pintor Carlos Oswald, que fez recentemente em S Paulo, uma exposição de desenhos e pinturas, é um joven artista brasileiro cuja reputação se firmou rapidamente nas noesas rodas artisticas. Educado em Florença e tendo percorrido varios centros cultos da Europa, voltou ao

173



PIERROT — (Agua forte de Carlos Oswald)





NA PRAIA DO TIRRENO — (Agua forte de C. Oswald)

173

175



BOIS MOLESTADOS PELAS MOSCAS
(Desenho à penna, por C. Oswald)



RETRATO DO AVÓ
(Pintura a óleo, por C. Oswald)



ANTES DO ALMOÇO — (Pintura a óleo por C. Oswald)



DEPOIS DO ALMOÇO — (Pintura a óleo por C. Oswald)

Brasil pintor feito e seguro de sua arte.

A exposição Oswald teve um raro exito, que se póde attribuir, sem favor, ao merito tambem raro do artista. O sr. Oswald dispõe de uma grande habilidade tecnica que lhe permite abordar todos os generos e tentar todas as maneiras. A facilidade com que se utiliza desses recursos tem contribuido talvez para desorientar o publico a respeito das suas verdadeiras tendencias. Parece certo, entretanto, que este nosso talentoso patricio está mais á vontade na decoração e no retrato do que em outro qualquer genero de pintura. A paisagem, por exemplo, é para o sr. Oswald um simples motivo de decoração; nos seus trabalhos desta categoria não se encontra



nem fidelidade nem emoção. O pintor idealisa sempre e adapta o assumpto á sua concepção decorativa, que é geralmente feliz, de uma grande harmonia e de uma fina sensibilidade. Desejariamos velo neste genero, num trabalho de fôlego, um grande painel de alta inspiração em que elle desenvolvesse as qualidades tão brilhantemente demonstradas no seu friso "Na praia do Tirreno".

No retrato ou no estudo da figura, em geral, já o sr. Oswald revela um temperamento robusto que vibra de poderosa emoção diante do seu modelo. Parece ser esse o seu genero predilecto, tal é a volupia

com que elle ataca as difficuldades da obra, vencendo-as com os recursos de uma technica aprimorada e rica. O "Retrato do avô", que em outro logar vae reproduzido, com a sua iluminação á Rembrandt, é admiravel de expressão, de uma harmonia deliciosa e de factura soberba e original. Não é preciso dizer mais para affirmar que Carlos Oswald desenha com correção, com vigor e espontaneidade. E' porém nas aguas fortes e nos trabalhos a penna que se póde admirar em toda sua pureza o seu bello desenho. Nas reproduções que a *Revista do Brasil* estampa neste numero, estão algumas das suas melhores produções, entre ellas diversas aguas-fortes, processo em que Oswald não tem rival no Brasil.

Em plena mocidade, Carlos Oswald já é um dos nossos mais reputados pintores; dentro em pouco será um mestre prestigioso se quizer accentuar na sua obra os caracteristicos da sua personalidade, fugindo ás variadas, dispersivas e perigosas tendencias para que o atraem simultaneamente a sua larga capacidade tecnica e a vulgaridade do meio.

TULLIO MUGNAINI

No mez de janeiro teve S. Paulo a revelação de um outro artista. Este é um joven paulista de pouco mais de 20 annos e que já se apresenta com a envergadura de um triumphador.

Tullio Mugnaini é um destes temperamentos destinados a vencer, que não conhecem obstaculos e caminham para o seu ideal com a determinação de verdadeiros illuminados.

Partiu das aulas do Lyceu de Artes e Officios para os "atellers" de Florença e em poucos annos remetteu para S. Paulo uma produção assombrosa em relação á sua mocidade e ao seu tempo de estudo. Mas o que ha de notavel nessa produção é uma factura com um poder de synthese e um toque tão seguro e espontaneo que difficil-

mente se acredita possa ser obra de um principiante.

A exposição de estudos deste moço de extraordinário talento, realizada na redacção da "Vida Moderna", ficará na historia da pintura em S. Paulo como um acontecimento memorável: foi a affirmação documentada de que dentro em pouco S. Paulo contará entre os seus filhos um grande pintor.

N.

A EDUCAÇÃO E A DEFESA NACIONAL

... Preparado para a vida e futuro cidadão, cumpre que se tenha feito d'elle um brasileiro: que ás aptidões nelle desenvolvidas com a capacidade de seu aproveitamento util se tenha juntado a de defender a sua terra, a sua gente, esse patrimonio commum de historia, tradições, costumes, lingua, civilização, esperanças, ideias... que tudo constitue a Patria. Ao alumno da aula primaria demos os rudimentos de educação civica, pela acção, com a disciplina e o exercicio previo ás futuras necessidades; ao preparatorio com as humanidades que lhe alargaram o cerebro a todas as capacidades, continuamos a exercitar as facultades de acção e applica-las no seu endereço patriótico. Ao entrar na vida, desenvolvido e apto, cumpre no serviço militar pagar a quota effectiva de dedicação activa á Patria, antes de passivamente servir-a como um brasileiro digno e prestante. Este debito contrahido por todos os brasileiros não pôde ser pago apenas por alguns. E' profundamente desmoralizador que o tributo de fadiga e de perigo e talvez, se a necessidade vier — parece que ella vai chegar — que o tributo de sangue seja reservado a uma classe da sociedade, a menos idonea, e para supprir ás que se esquivam.

O voluntariado, como era outr'ora exercido, pelo engajamento dos que se offerciam para servir nas fileiras fazia justamente a selecção invertida de alguns brasileiros, promovendo a soldado todo o rebutalho

humano — incapazes, rebeldes, tímidos, desclassificados, até criminosos, — que não servindo para nada ou tendo falhado a tudo, se destinavam ao serviço mais nobre, aquelle para o qual se requer a dedicação mais abnegada. A consequencia era esta: um corpo brilhante de officiaes, os jovens que sahiam das escolas militares, não desenganaes — ainda pela realidade que os ha de formar senão corromper — ao contacto dos soldados que — sem a esquadra, sem quartéis, sem disciplina, sem exercicios, sem manobras, e para começar tudo isso, ou dahi isso tudo, sem educação, — ao contacto das patentes superiores, remissas ou já resignadas, que transformavam o serviço da patria na burocracia mais pacata e mais sem fadiga da administração publicen. Não, isto que existia, e que era incapaz de nos defender, desmoralizava não só a instituição militar, como infundia o mais indevido desprezo pelas classes armadas.

A causa maior do mal é o voluntariado: o meio de o evitar cabalmente é o serviço militar obrigatorio, no qual todos os brasileiros, dos mais humildes aos mais felizes, dos mais modestos aos mais capazes, procurando pagar a sua primeira dívida á Patria que os criou e que os educa, com o defende-a, regerem — para todas as grandes responsabilidades que lhe cabem — o organ essencial dessa defesa, que é o exercito nacional.

Quando se fala em defesa nacional a primeira ideia que acode aos levianos, imbuidos de umas philosophias faceis com que pedanteiam conhecimentos profundissimos... é que isso nos conduzirá, fatalmente, donde não queremos, que é a guerra. Dizem elles que este espirito militar despertado, aguçado, preparado, será presa facil da tentação de aventuras, e a ambição do mando, de promoção, de conquista, fará o resto. Preparamos inconscientemente a guerra e a aggressão, cuidando apenas em servir á defesa nacional. O raciocinio pôde ter algum alcance: entretanto o opposto, o que elles



CABEÇA DE ESTUDO — (Túlio Magalhães)



AUTO-RETRATO — (Tullio Mugnai)

querem, é positivamente absurdo. E' como se dissessemos: não preparemos o remedio anti-ophidico porque vamos conservar o veneno ás cobras; licenciemos o corpo de bombeiros porque assim acabamos com os incendios; são advogados, juizes, policia, penitenciarias que perpetuam o crime... Pois bem, no chamado pacifismo estão incluídos todos estes absurdos. O sermos pacificos de indole, de costumes, de interesses, de ideias não nos impedirá — como nas duas vezes em que fomos e que somos obrigados a fazer a guerra — de sermos atacados e agredidos e — ai de nós! se não estivermos em condições de nos defender. Não foi a Grecia deligente, subtil, artistica, philosophica que atacou os Medas; agora mesmo, gafada de socialismo, syndicalismo, humanitarismo, internacionalismo, nem por isso se protegeu a França, e esteve prestes a succumbir contra ambições que não suscitou. No mundo contemporaneo esse pacifismo é a criação, a educação, a preparação para ser cordeiro, quando ha lobos soltos por ahí além. Não ha doutrina mais myope de intelligencia, se tem por acaso boa fé: tambem antes desta guerra os socialistas alemães exhibiam os mais ternos sentimentos internacionais. Fia-se lá a gente em taes lyricas declarações...

Por consequencia, preparemos a defesa nacional, para nos defendermos, se a eventualidade se produzir — será mesmo a melhor maneira de a evitar — sem entretanto esquecer de nos premunirmos contra o espirito de aventura e de conquista que existiu sempre no mundo, que ainda ha de existir, porque o numero dos estultos foi e é infinito. Deve ser mesmo a educação, que nos prepara para a lucta possível, que nos evitará sermos os provocadores della.

Por isso, para impedir tal damno, cumpre que se mude pedagogicamente o velho e perigoso endereço da "educação nacional". Elle é de Fichte e tem mais de um seculo, naquellas exhortações patrióticas á Alemanha, para se libertar, se reconstituir e, finalmente, se impor

ao mundo. Sabemos como o conselho foi tomado: sob aclamações em 64, em 66, em 70, que rendiam honras aos mestres dessa "educação nacional"; na decepção do bote perdido, das riquezas malbaratadas, das gentes sacrificadas, do futuro comprometido, agora em 1918, o que deve ser tambem attribuido aos mesmos autores da "educação nacional".

As razões do erro fundamental dessa educação são entretanto evidentes e elle é insensato e até ridiculo. Cada povo põe-se a fazer, á porfia, invocando o patriotismo, aquillo mesmo que condemnaria a um dos seus nacionaes, se o fizesse a si proprio: é o unico nobre, o unico digno, o unico capaz, mandado por Deus para reger o mundo... Se ouvíssemos isto de um homem, diríamos que elle era louco: ensinamos isto entretanto nas escolas, nas escolas europeas, americanas, asiaticas, não a um, mas a todos os povos. E' o principio da "educação nacional" — o delirio de grandezas, a paranoia collectiva, cultivada nas escolas...

E isto — essa fina flor da cultura pedagogica — é o absurdo mais antigo e mais primitivo da humanidade barbara ou da presumida civilização. Os Judeus eram o povo eleito; os Assyrios eram os donos verdadeiros do mundo; os Gregos chamavam barbaros a todos os demais povos; só os Romanos tinham direito ao imperio... Em quanto isso, insultavam uns aos outros com os proprios appellidos: ladinos, vândalos, ogres, alarves, bugres... são nomes gentílicos, tornados em injuria. A philologia germanica, ao serviço do pangermanismo, deriva alavo, de escravo. Nos tempos modernos é a mesma loucura: o orgulho hespanhol é sem limites, a arrogancia franceza desmedida, a ambição ingleza infinita, a insolencia alemã excede a qualquer qualificativo. E não é a gentalha dos mal educados, que propagam taes dilates, são as forças vivas e agentes da nação, os educadores della, que as propagam e por ellas fazem assim as des-

graças do mundo: foi aquelle mesmo Fichte, pedagogo e philosopho, quem pretendia que a lingua allemã, por ser pura, matrix das outras, devia ser a unica, pois que o povo allemão era o unico povo, o povo simplesmente, por que *allemãidade* significa *todos os homens*, isto é, humanidade: só allemães contam e portanto os outros povos deviam desaparecer. Fichte escrevia isto em 1808: dahi para cá o tom não variou, nos educadores e nos educandos, e deu nisto, nessa tragedia a que assistimos e da qual até nos obriga a loucura solta no mundo tambem a sermos comparsas.

Ora essa megalomania — que é como os technicos chamam ao delirio de grandeza — nem ao menos é só das raças apuradas: não ha povo selvagem ou inferior que não seja como esses Judeus, Assyrios, Hespanhòes, ou Allemães: na Melanesia, na Hoteltonia, na Papuaia, na Rondonia... Para não sair de casa, basta lembrar que os Guaranyes chamavam a seu idioma *abauheenga*; isto é, "lingua dos homens, dos guerreiros", os mais altos elogios que se podiam dar; os Tupys, seus parentes do norte tinham a propria como a "lingua boa" *abecagatu*; as outras não prestavam, não eram puras, como é tambem o allemão... Estes selvagens, convinhavam em chamar aos Gés, o povo inimigo, Tapuyas, que quer dizer "barbaros". Os Caxinanás de Capistrano de Abreu, lá dos confins do Amazonas, falam a *tra-ku-ni-ku-in*, que significa "a lingua da gente verdadeira", da gente fina". A gente verdadeira deve ser a do unico povo, ou o povo simplesmente, como queria Fichte. Não são eloquentes essas coincidencias?

De todos os tempos, e de todos os povos, é pois, um velho e vulgar prejuizo: é um phenomeno de ethnographia, que revela fraqueza psychologica — a ausencia de senso critico. Não ha duas moedas, uma para o individuo, outra para os individuos: ha apenas a moral. Chamariamos doido só homem que se dissesse o unico digno e capaz entre todos, o senhor e o dono de tudo; conside-

raremos insanos tambem os homens ou povos imbuídos dessa loucura collectiva, que os leva ás guerras de conquista, de supremacia, de dominio, em homenagem a uma superioridade delirante, que se cuida com direito á vida e á morte dos povos desprezados. Ora, a conservação e a exaltação dessa barbaria primitiva é devida, nos civilizados, exclusivamente, á famosa educação nacional, ao menos ao errado endereoç dessa educação nacional.

Previnamo-nos, pois, contra essas afirmações vaidosas do patriotismo insensato: o Brasil é o paraíso terreal, o mais rico, o mais lido, o mais prospero paiz do mundo... o brasileiro é o mais forte, o mais intelligente, o mais invejado povo do mundo. Dahi viriamos, dadas taes qualidades presumidas, a nos acharmos com os direitos correlatos, contra todo o direito. E depois, nada disso é verdade; e que o fosse ou o seja algum dia, não é nos gabando, que chegaremos a ser gabados. E' ao envês nos gabando, que ficaremos satisfeitos no que estamos, marcando o passo, sem estímulo para marchar, porque temos os olhos no espelho de uma vaidade, que nos contenta.

A defesa nacional, que devemos e vamos preparar, não visará, pois nenhum sentimento de predominancia, justificado por uma supposta superioridade, que ainda não temos, ou que só teremos num dia longinquo, com esforço e pertinacia. Não ha raças inferiores senão as que se não adaptam á civilização; não superiores as raças que se mostram dignas da civilização... Civilização, que será definida a domesticação do homem, fera bravia como as outras, submissa pela educação aos principios da ordem, da equidade, da tolerancia, para o trabalho, a prosperidade, o conforto, as sciencias e as artes, que se resumem nesse ideal humano — a humanidade.

A defesa nacional que devemos preparar não embicará nenhuma conquista, pois que nos sobejam terras, ainda incultas e até desconhecidas, nem provento nenhum escuso, pois que nos restam todos as possibilida-

des de conseguir os que pretendemos honestamente, mas a defesa contra nós mesmos, contra a nossa inércia, contra a nossa dispersão, contra o nosso descuido, no adiantado preguiçoso ou desatento das nossas aspirações licitas e naturais. E só pela instrução poderemos alcançá-las todas. Instrução imprescindível a um povo livre, que deve começar por governar-se a si próprio. Compreende-se que velhos palizes aristocráticos possam confiar no soberano ou á sua nobreza a missão do governo; não se concebem democracias sem instrução popular, com que se escolhem e fiscalizam os dirigentes, que definem e norteiam os rumos da historia.

A defesa nacional que devemos preparar, nos protegerá no mundo mau que ainda habitamos, em que as paixões de ganho e de posse andam soltas e conduzem á servidão e á morte os povos inertes, nos educará para a posse de nós mesmos, dentro de nós e para a situação de respeito e de apreço na sociedade internacional, educação que dirá ao Brasil essa palavra que ainda anciosos esperamos, sobre o nosso destino — para onde vamos, aonde devemos chegar...

No mundo há lugar para todos. Como nas nossas matias, as arvores grandes devem permittir ás pequenas que á sua sombra subsistam, sem perigo; ellas são grandes exactamente porque a contiguidade, na emulação, em busca da luz, as fez crescerem e as tornou robustas e firmes, para supportarem, sob a intemperie, a infinita ramaria de sua coma. Se no futuro, pelas forças naturais da historia, esse amplo dominio territorial corresponder a um povo immenso e digno delle — e só a educação nos fará e nos proverá neste destino — se como nos promettem os versos propheticos do Patriarcha:

Qual a palmeira que domina ufana
Os altos topos da floresta espessa,
Tal bem presto ha de ser no mundo
[novo

O Brasil bem fadado...

que sejam estas palmas a corôa pacífica de uma civilização, ampla, generosa, feliz, que não faz sombra mas também não tem inveja a ninguém, que ao céu olha com serenidade e confiança, fixas e fortes no chão da realidade as raizes innumeráveis da dedicação e do sacrificio dos Brasileiros, sempre vigilantes e sempre decididos a tudo, para a defesa nacional! (Afranjo Peixoto — Conferencia da Liga da Defesa Nacional, Rio de Janeiro).

O ESTADO COMO FACTOR DA ORGANIZAÇÃO NACIONAL

...Dir-se-ia quasi impossivel chegar a ser esentada a voz da intelligencia, que especula e raciocina, nesta hora em que a especie é chamada á acção mais rude, por que se poderiam traduzir o seu esforço e o seu espirito de sacrificio. O momento é da força, do instinto vital. No homem europeu, os vapores da embriaguez bellicosa acordaram reminiscencias do troglodyta e uma sensibilidade oxydiada á temperatura das cavernas. No creador de valores estheticos e moraes desbota-se aquella coloração robusta de personalidade, que era o traço do seu principio espiritual. Nunca o homem quis mais senheonar o homem; a collectividade absorveu tanto o individuo, annullando-lhe antinomias fundamentais, o Estado appareceu diante dos seus membros reivindicando-lhe direitos mais sagrados. Cada personalidade collectiva representa no corpo-a-corpo com as fórmas de destruição externa que as constrirem, o querer viver humano de Schopenhauer, elevado ao seu maximo de "concentração", de "intensidade", de "ardor" e de "frenesi". Dir-se-ia que as propriedades de Unico, do individuo foram inenarradas e reduzidas a borralho. A só attitude compativel com elle é uma attitude impessoal, de adherencia ao seu grupo, de adaptação ao seu meio e ás necessidades que o opprimem. E' o triumpho do espirito cívico, dessa força de integração, que é a

finalidade do mundo sideral, como do mundo organico e social.

Assistimos a uma crise aguda de nacionalismo. Na sua marcha vagarosa, a especie havia creado a consciencia da familia, a consciencia da cidade e depois a da nação. Imaginou-se facil lhe seria attingir a da humanidade. As fronteiras eram de facto mais permeaveis e a mobilização das massas, traduzida em phenomenos geneticos e migratorios, accusava uma interdependencia sempre mais accentuada dos povos. A miragem... Esta guerra, se bem que nella se defrontem colligações de Estados, choques de idéas de duas culturas, o sentimento mais luxuriante que ella tem estimulado nas massas colligadas é o da nacionalidade. Cada povo, cada nação, cada Estado bate-se procurando affirmar o seu direito á independencia e á vida.

... Por todo o processo da nossa evolução, a latitude das nossas transformações abrange quasi que sómente mutações de forma. As instituições politicas em vez de se tornarem a espinha dorsal de um organismo vivo, são qualquer coisa de invertebrado e de inarticulado. Não nos transformamos organicamente. O conhecimento que possuímos de nossa phenomenologia social é ainda empirico. Desconhecemos a natureza dos phenomenos que nos cercam e quando os enxergamos é sem pol-os em contacto com outros phenomenos, sem estudal-os com a consciencia scientifica, isto é, elevando-nos á sua uniformidade, ás suas leis e ás suas relações com outros factos. O mestiço, que substituiu o escravo, organizando o trabalho agrícola desequilibrado depois da commoção abolicionista, lavra a terra pelos mesmos processos com que a exploramos ha trinta annos. Belém e Manaus são duas perolas de uma joalheria européa. No interior, como desde o dia do desbravamento, é a malaria, o hebetismo de uma população empaludada até á alma; são os seringaes exgotados, a industria da borracha aviltada, o seu commercio em atonia pela concorrência do si-

milar asiatico prosperando com methodos racionais de cultura intensiva, debalde apregoados á Amazonia alienada das mais elementares realidades economicas. E com a fatalidade do meio physico supponho ter explicado effeitos cuja elucidación se encontra tambem nas determinações da vontade.

... Sociedade assás homogénea, o Brasil não attingiu ainda um estado de accentuada differenciación e coordenação crescente. As primitivas fronteiras homogéneas e indistinctas não se transformaram em divisões e linhas de penetração numerosas e dilatadas; não nos fragmentamos em classes com actividades proprias e com limites marcados. Organização suppõe differenciación. Assim nem Estado, nem sociedade, nem industrialismo, nem proletariado, nem politica, nada temos organizado. Exercitamos desatentos o atomismo individualista, neste organismo flaccido sem gymnastica e sem musculas. Mas se o *laissez aller, laissez passer* é um fardo com que estão arcando os paizes que pretendiam ser governados por padrões individualistas, e que o eram outretanto até um certo ponto — qual seria o nosso destino se entregássemos á iniciativa individual a sorte do nosso futuro, o incentivo do nosso progresso e o problema do desenvolvimento da cultura e da organização nacional?

Quando olhamos a Russia, onde o Estado falhou, é que vemos quanto elle constitue um bem positivo, um bem necessario, quanto o seu imperium, que se reconstitue depois do eclipse feudal com a revolução, arcabouçado na forte estrutura romana do Codice napoleónico e nas disposições e leis administrativas do consulado e do Imperio, tem que pela força da logica social, de ser o resultado de uma "organização precisa e consolidada", proposta aos fins governamentais e sociais e nunca a "expressão de um conglomerado amorpho e de funções diffusas". A Russia dá-nos a impressão de uma vasta poeira humana varrida pelo simun da desordem. Desappare-

ceu a ordem nos espiritos e na sociedade. O systema ferroviario, por exemplo, segundo leio na *North American Review* passa a ser collectivista. Exploram-n-o machinistas, guarda-freios, foguistas, conductores, etc. Em conclusão: não ha quasi mais trens. Quando correm, de repente, às vezes, a machina pára. Machinista e foguista descem no meio da viagem, entre uma estação e outra. Descem para um ajuste de contas. Um cahe ferido á margem da estrada, e o comboio recomeça a viagem no meio da stepp... Ha juntas de operarios regionaes que reduziram as horas de trabalho diario a duas. E o Conselho reclama do Governo a decretação geral dessa medida, e mais férias com salario durante a estação calmosa, descanso de trinta dias depois de cada sessenta, para as juntas operarias, por isso que o esforço intellectual é mais penoso e esalfante do que o meca-nico. Isso emquanto soldados baham-se despidos nos lugares mais attraentes, por onde o Neva certa Petrogrado, o que fez dizer a uma dama russa de espirito que se a revolução franceza pôde mostrar os seus *sans culotte*, a revolução russa exhibia pittoresca e poeticamente os seus *sans caelçon*.

... O vinculo politico enlela, identifica, integra como um vinculo historico, espirital ou moral. Um laço de cohesão politica, elle o transforma em liame de cohesão moral; onde havia uma communhão politica, elle insinua, com o seu "contrôle" das relações moraes, economicas, juridicas, etc., uma alma de nação, isto é, vai creando pouco a pouco uma consciencia de unidade e de nacionalidade; e como o ideal consiste em transformar povos em nações, reduzir vinculos politicos a laços ethnicos, sentimentaes, psychologicos, communidade de sympathia e de nivel civilizador — o Estado, na sua lenta elaboração, vai pouco a pouco dissolvendo tendencias particularistas, harmonizando interesses, até assegurar á constituição social a flexibilidade e a plasticidade das estruturas superiores. E para

isso, elle disciplina, organiza e coordena. O Estado ideal, que sonhavam os individualistas utopicos, seria um contrasenso, porque teria que ser no fim de contas um Estado anti-social. Quasi despidido do exercicio da autoridade, facilitando o maximo coefficiente de liberdade á iniciativa individual, elle acabaria tornando impossivel a vida em sociedade. Organização implica autoridade, e disciplina, subordinação. O órgão de commando que encarna a "sociedade investida do poder coercitivo (Ihering, *O fim do direito*) deve ser forte, para a realização mais efficiente dos fins sociais. E aquelle que se revolta contra a disciplina social é porque não traz dentro de si nenhum sentimento de disciplina moral.

A tarefa decisiva no Brasil, pois, antes da educação pópular, da reforma constitucional, dos vagidos parlamentaristas, é a reeducação das "élites", que devem constituir as intelligencias conductoras. O Governo e o Estado significam, sobretudo nos paizes novos, o elemento nobre, o ascendente patricio sobre as massas, petrificadas na ignorancia, no torpor, na sombra das tradições e dos hábitos ou na innocencia sinistra dos fanatismos mais acelerados. E' a reacção contra esses factores, que não são outra coisa senão fórmas da lei de inercia. Tem que agir mais por acção do que por omissão. Desgraçadamente as classes dirigentes no Brasil ainda não se mostraram aptas para enfrentar as soluções de ordem politica, economica e social com que o paiz terá de attigir a plenitude de efficiencia das suas possibilidades. O problema da organização nacional estabelece-se diante dellas como a esphyng, ha um seculo. (Assis Chateaubriand — Conferencia na Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro).

REVISTAS E JORNAES
HOMENS

E COISAS NACIONAES

CAPISTRANO DE ABREU
INTIMO

Assisti uma vez a um concurso para prebenchimento de uma vaga numa grande repartição publica, installada num luxuoso palacio desta capital. Quando cheguei, todos os candidatos e examinadores a postos esperavam pelo examinador que se considerava como o elemento decisivo na banca: o sr. Capistrano de Abreu. Na roda de que fiz parte, falava-se della. Gabavam-lhe os meritos de escriptor e os de historiador. Recordavam o respeito com que o barão do Rio Branco procurava sempre attrahir Capistrano de Abreu, consultando-o innumeradas vezes, e aproveitando-lhe os conhecimentos vastissimos. De repente entra pelo salão a dentro, quasi esbarrando em todo o mundo, muito myope, ás cabeçadas, de paletot suco sujo, calças a cahirem, gravata passada sem laço e recusando-se terminantemente a abraçar o collarinho, barba crescida em desordem e cabello em permanente revolta contra todo e qualquer pente, um homem de apparencia exotica, qualquer coisa como um fugitivo bororó, mal vestido, ás pressas, e horrorizado contra a civilização...

Houve um sussurro.

O director da repartição, mal o viu, apressou-se em lhe dirigir a palavra, chamando-o pelo nome, e offerecendo-lhe a melhor cadeira na mesa dos examinadores.

Era Capistrano de Abreu.

Uma vez, vindo do Cattete, Capistrano trouxe de tal modo a gravata, que o conductor do bondinho por mais que a procurasse descobrir, não a encontrou. Intimou-o:

— Não pôde ir neste carro porque não tem gravata!

Capistrano vinha distrahido, de nariz encostado ás paginas de um folheto, lendo. Não se irritou. Deu o nickel ao conductor, esboçou um gesto no ar apontando com a mão mais

ou menos para o peçoço, e limitou-se a prestar a seguinte informação laconica:

— Ella ha de andar por ahí!

E de novo mergulhou na leitura, chegando aos olhos myopes o folheto. Não sei que seriedade lhe viu no rosto o conductor, que acreditou na palavra do historiador e passou adiante.

Capistrano não veste casaca. Quando tem de comparecer á solemnidade de um concurso para vaga de professor no Collegio D. Pedro II, como todos os collegas usam trajas de rigor, elle então, qualquer que seja a temperatura, esconde-se abotoado dentro de um sobretudo. Faz a barba e corta o cabello uma ou no maximo duas vezes por anno. E essa operação consta do seguinte: correr uma tesoura pelo rosto e pela cabeça, cortando tudo o que fór encontrando pelo caminho... Só. Embora tenha o maior despreso pela roupa, entretanto adora, como um indio, o banho frio.

A respeito de indios, Capistrano de vez em quando recesbe um... Submette-o a interrogatorios continuos, e depois de lhe ter extrahido dos miolos toda a materia prima etnographicamente aproveitavel, devolve-o ás florestas de Goyaz e manda buscar outro. A's vezes, com curiosidade e paciencia, o historiador passava com o seu indio para recolher as impressões delle através da cidade, e registral-as.

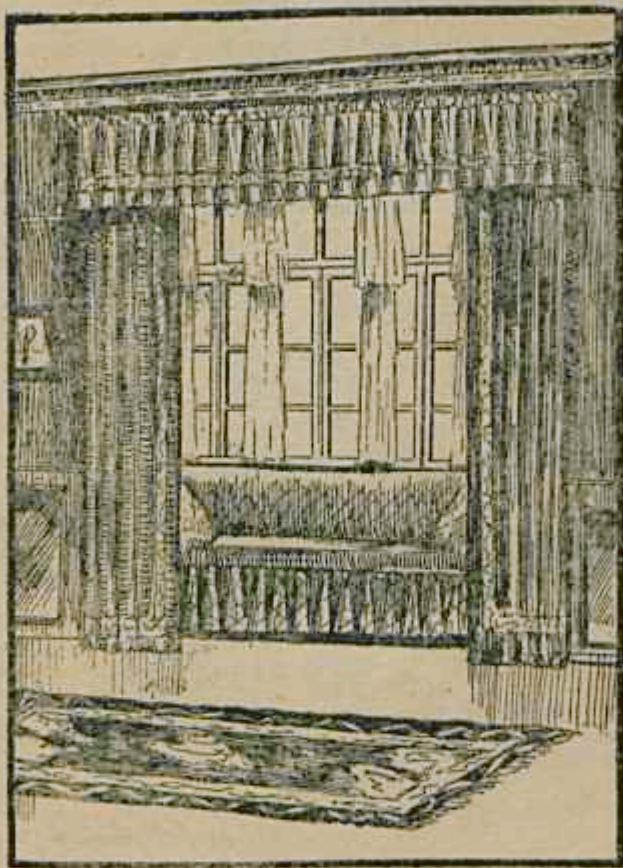
Capistrano é interessante ainda pelas suas phrases de espirito que correm de bocca em bocca. Quando se fundou a Academia Brasileira de Letras, quizeram inclui-lo entre os immortaes. Capistrano recusou dizendo:

— Já faço parte do genero humano, sem ser por meu gosto, e basta-me...

De como Capistrano é distrahido, um facto o attesta. Sei que um dia, na Bibliotheca Nacional, ao tirar o lenço do bolso do casaco deixou eschir todo o dinheiro de seu ordenado de professor, que havia acabado de receber. Felizmente, o cobre cahiu

MAPPIN STORES
SOCIETATE ANONIMA BRASILEIRA

SECÇÃO DE MOVEIS



Permitta-nos ajudar V. S. para a decoração de suas
JANELLAS - Nossa experiencia e estudos sobre esta
importante questão estão ao seu inteiro dispôr.

Fornecemos orçamentos e desenhos gratis e sem compromisso.

Escreve-nos hoje!

MAPPIN STORES - Caixa, 1391
S. PAULO



Mistura sem precedencia
Invejados sempre,
Igalados nunca!



no proprio seio da honestidade, que o foi no caso a cadeira de trabalho de Constancio Alves. A importancia foi logo recolhida ao cofre da Bibliotheca e um continuo foi despachado a avisar o historiador em sua residencia. Capistrano foi encontrado tarde, e ainda não havia dado por falta de dinheiro, que havia guardado com desdem, num bolso tão improprio.

Capistrano de Abreu é o melhor e o maior historiador até hoje surgido no Brasil. Tem elevação de vistas e profundidade philosophica nos seus arestos.

Não cita de segunda mão: é de uma probidade mental absoluta. Vai aos documentos originaes, ou recorre a copias authenticas. E o conjunto de sua vida, passada com o maior desinteresse no trato dos livros, longe da competição dos egoismos vulgares e grosseiros basta para denunciar nos sub-soleos do seu temperamento, um fundo de poesia. Aliás seu bello estylo o denuncia. Acrescente-se a generosidade com que acode a todo mundo, como guia espirital, servindo um numero infinito de pessoas, a offerocer a todos com a maior modestia, os resultados de sua colossal erudição, com a naturalidade com que uma fonte para offeroce a sua agua a qualquer...

Ainda um episodio: da ultima vez que foi ao Ceará, Capistrano, ao chegar á sua cidade natal, tirou os sapatos, na intimidade de amigos que o podiam comprehender, e entrou descalço em homenagem á terra sua e de seus pais.

Não ha homem de coração que sinta, commovido, a belleza simples desse gesto... (Acacio Prado — *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro).

ARTHUR DE OLIVEIRA

A *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, publicou as seguintes cartas ineditas de Arthur de Oliveira: "Paris, 4 de agosto de 1870.

Meu querido pai.

Escrevi-lhe uma carta de Bordeaux e a entreguei aos cuida-

dos de um portuguez em ida para o Rio.

Agora, porém, torna-se mais importante o motivo, porque ainda estou em Paris.

A guerra franco-prussiana tem cortado quasi todas as communicações e ameaçado com perigos os que transpõem as fronteiras francezas. A viagem hoje só pela Hollanda ou Suissa, com muitos dispendios e demoras, por causa das frequentes interrupções do caminho de ferro.

Amanhã vou ao meu consul para visar o passaporte e ao ministro francez e consul americano. Isso é necessario para fazer-se este transito com segurança de não ficar prisioneiro em Colonia ou nos outros pontos intermedios. Muitos brasileiros foram á Inglaterra para tomar o vapor de Hamburgo e dali para Berlim. Não posso dizer-lhe nada desta situação em que se empenharam as mais fortes nações da Europa. Aqui, em Paris, o enthusiasmo é louco, estrepitosa. Nos theatros, nos jornaes, nos boulevards, por toda parte, emfim, cantam a "Marselheza", e os mais febris cantos de patriotismo. Vi ha poucos dias os batalhões da "Garde Mobile", e um acompanhamento de mais de 700 carros!!

Entre tanta gente distingui-se a familia Rotschild, pois que na "Garde Mobile" ha um filho.

Aqui, todos são soldados: estudantes, negociantes, capitalistas, tudo emfim.

A carta que trouxe para o sr. Gustavo Laforgue, escriptor muito distincto e redactor do "Figaro", muito me serviu. Tenho visto muita cousa, convidado pelo mesmo cavalheiro. Tem me mostrado os escriptores e homens de letras de Paris.

"Berlim, 20 de junho de 1871.

Meu querido pai.

JÁ ha muito tempo não recébo cartas de Vm., o que não me impede de escrever-lhe agora mais detalhadamente de assumpto que

muito nos interessa, bem como desta santíssima terra. Pela minha ultima carta falei-lhe do methodo que sigo, do programma dos meus estudos, do tempo que devia empregar para a capacidade de minha profissão, que não deve sobrepassar tres annos, das minhas despesas aqui e da maneira como gasto e applico o que me resta fóra do necessario. Se me permite, torno a inteirar-lhe destas miudezas, que não são fóra de proposito. Pago á minha proprietaria, pelo aluguel do meu quarto e café com pão e alguma coisa de comer (um dia — ovos, outro — presunto), e serviço, isto é, a limpeza dos moveis, o fornecimento da roupa, luz e todo o necessario — 24 a 25 thalers. Ao professor por cada lição 15 silver graschen, o que perfaz no fim do mez 15 thalers. Ao hotel, pelo jantar, 18 a 19 thalers por mez. Em livros, roupa e calçado, 15 thalers. O que perfaz em tudo 74 a 75 thalers, sem contar muitas miudezas, que se é obrigado a satisfazer neste paiz, onde se paga imposto até por um suspiro. A santa Allemanha é por excellencia o paiz da exploração e da filauçia. É necessario o maior cuidado, viveza e muito tino para escapar-se das garras germanicas.

Tenho praticado com muitas familias respeitaveis allemãs e estudado o character e a indole deste bom povo. O allemão é disfarçado, maligno, sarcastico, explorador e filante. As moças allemãs, que são desembaraçadas em alto gráo, são de uma força inaudita para esvasiar as algibeiras de um pobre homem. A prática com as familias allemãs é de grande proveito, por outro lado: aprende-se muito e não se corre risco de cair nas mãos d'alguem abutre ou no embrutecimento das "Hallen" e "Caves", onde fuma-se e bebe-se como no inferno. Eu, até hoje, ainda não pude beber cerveja, o que é aqui o supra-summo do incrível e a maior aberração do homem. Nos hotéis (não pense que os hotéis são como os do Brasil) não se be-

be agua. Este é um liquido que não se conhece em Berlim. Aqui os recém-nascidos se aleitam com cerveja branca e outras drogas como "Moltrank" e "Polla". Os allemães têm sempre alguma autorizada opinião para basearem nella os seus costumes e tendencias. Assim para provar que se não deve beber agua, elles dizem:

"Schon Doctor Luther spricht:

Wasser thut's freilich nicht." e outros preceitos do amavel Luthero e do seu bom compadre Melanchton. A minha proprietaria é uma boa mulher, amavel e bondosa. Assim, eu dou graças a Deus de ter cahido nas suas santas mãos. Ella não fala uma palavra de francez (que eu falo correctamente) e obriga-me a falar-lhe "sprach deutsch", a lingua allemã, e a cantar "Die Wacht am Rhein" (a guarda do Rheno). O enthusiasmo está no seu auge neste momento. As tropas que ficaram em França fizeram a sua entrada no dia 15. A corte e todos os reis da Allemanha achavam-se ao lado do bom rei Guilherme. Não se pôde caminhar. "Unter den Linden" é um inferno, onde saltam em convulsões mulheres de todas as castas e especies e homens de todas as idades e profissões.

O barulho e a multidão têm o dom de me incomodar hoje. Prefiro o isolamento, a leitura de alguns bons livros que trouxe de Paris, e que alguns homens distinctissimos, aos quaes fui apresentado, me offereceram, a esses doídos vae-vens da multidão e da população que esmaga, comprime e abalroa de encontro. As tropas, só para ver passar o rei, o sr. de Bismarck, Roow, de Moltke, e outras personagens da mesma especie. Assim prometti-me não ir assistir a todos esses festejos, que eu acho indignos, pois que na minha muito humilde opinião, a victoria está do lado da França— como eu provo no meu livro "Do Rio a Paris".

A minha boa amiga a Mme. Schumacker convidou-me para



uma partida de campo, que é aqui excelente e necessário durante o tempo da festa... o que aproveitável de bom grado. Cantou-se, fez-se musica, todos os mestres e todos os "virtuosos", Mozart, Beethoven, Schubert, Schumann, Haydn, Bach, Mendelssohn, Wagner, Lange, Weber, Strauss e tantos outros que fazem a delicia do mundo intelto, passaram pelo excellent "Erard" de Mlle. Weleska.

Eu fui condemnado a recitar algumas poesias de Hugo e tiradas de Molière ("L'Avare", "Le Misanthrope"), e Ronsard.

As moças bebiam como homens e eu, para não ficar desconsiderado, tive de inventar uma historia horripilante para convencel-as dos graves motivos por que não bebo cerveja.

OS "CONGOS"

Dos divertimentos e cantos que o negro legou á gente mestiça do nordeste, o que mais caracteriza os pndores da raça africana é a reminiscencia de costumes guerreiros e de barbara pompa dos sôbas que o povo chama "os congos".

Do titulo logo se deprehe de a origem da diversão. Veiu do sertão adusto do Congo e, apesar das modificações implantadas no transcorrer dos annos, ainda ferem os ouvidos dos que presenciam as exóticas danças sons gutturales, garga-rejados, syllabas passas e duras dos dialectos da Africa. A dança quasi se mantém a mesma, contorcio-nada, hieratica, enfadonha, vagarosa e triste. A orchestra, que a accompanha, constava de tambores rudos e gazás. Actualmente, já lhe adicionaram uma clarineta desafina-da e um harmonium fanhoso. As musicas, que eram melopéas nostalgicas e batuques monotonos, hoje se enfeitam com alguns trechos copia-dos de ouvido dos realejos de feira. Em tudo, ha, porém, um tom sinis-tro, que as desvirtuações não conse-guiram matar e é o maior caracte-

ristico de qualquer modalidade africana do folk-lore nacional.

Os congos têm um enredo mais ou menos interessante. São como uma especie de opera importada pelos escravos, por elles desenvolvida e ligada aos descendentes já libertos, porém tão barbaros e ignorantes quanto elles. São como uma relem-brança saudosa de antigas luctas de reis e chefes de tribus do continente negro. Do dia de Natal ao dia de Reis, os Congos dançam num tablado dentro de cercas, nos arrabaldes das cidades e villas, com numerosa assistencia, á luz de to-chas de kerozene. O rei do Congo, de corôa de latão e manto de chita vermelha com os filhos nos lados do throno, cercado de sua côrte em grande gala, chama o seu secretario, um mulatão alto, de snlote azul e espada em punho, com phrases me-lo espirituosas como convem a um rei paternal, desculdoso e ri-diculo:

— "Secretario, meu secretario, vaqueiro de minhas perui'as, chavei-ro do meu throno dourado!"

— "Senhor, senhor, acudo ao vos-so chamado."

— "Tudo está prompto?"

— "Prompto está."

— "Então mandé tocar violas, rabecas, pandeiros e maracás."

O secretario volta-se, faz um si-gnal, a orchestra sôa e dois cordões de negrinhos, de saiotes lantejoulados de cocares de plumas, armados de azagaia de papelão dourado, iniciam uma série infindavel de contradanças e combinações choreo-graphicas, cantando versos puramente africanos como estes, que lem-bram vozes de Loandá e Bengala:

"Maracondê, maracondê
Ede bombalê, é de bombalê."

Outros em que a mistura dos dia-lectos da Africa e do portuguez é patente:

"Gaiola para a feira
Vendê, vendê.
Maria Tirandeira
E' de bombalê."

Nem elles proprios sabem mais o que significam taes palavras, entre as quaes mal se adivinham as tarefas de vender na feira ou trabalhar nas roças dos escravos antigos, palavras repetidas de côr como éo duma liturgia perdida. Ainda outras coplas são canalhadamente bralleiras e foram enxertadas pelos "eruditos" da "troupe" no acervo de rimas antigas:

"Seu cadete da gola encarnada,
Não namore a moça
Que ella é casada!"

"Seu cadete da gola azul,
Não namore a moça
Que ella é do sul!"

"Seu cadete da gola amarella,
Não namore a moça
Que ella é donzella!"

Quasi sempre é o secretario quem diz o primeiro verso e os outros, as duas filas de negros, repetem como um estribilho. O rei passa o tempo a elogiar os dançarinos, a cochichar com os filhos, a sorrir tolamente deante das zumbaias exaggeradas das aulicoas, verdadeiro rei "faineant" do deserto. A critica é mordaz como toda critica popular. Mas os passos choreographicos param, as cantigas extinguem-se nos labios, os instrumentos fazem silencio. Chega o embaixador da Turquia, negro alto, espadaudo, de meias brancas, sapatos de fivelões, grande manto rubro, espadação á cinta e capacete de folha de Flandres, empennachado heroicamente. Seguem-no os seus officinaes, com corpetes de belbute ordinario e velhos kepis de polleia emplumados de vermelho, arrastando espadas antigas da Guarda Nacional.

Entre todo esse apparatus e encenação barbara, a alma grotesca do rei se descobre, dando ordens ao secretario.

— "Secretario, vê quem está fazendo ahi no fundo do meu quintal".

O embaixador entra, dá o seu recado ao rei, e, de um pulo, quer matá-o. Os príncipes atravessam-se, os soldados, os cortesãos accorrem, o

secretario esconde-se tremendo detrás do throno. Lanças e espadas ameaçam o largo peito do estrangeiro, que se ajoelha humildemente. E o príncipe Surenno, filho mais velho do rei, canta, acompanhado unisonamente por todos:

"Praso e morto, embaixador,
Este cruel assassino,
Veiu matar rei meu senhor
Que mandou rainha Gino."

Esse nome de soberana mysteriosa, que ninguém explica mais, deve ser o de uma regua africana, cuja memoria se tornou celebre e veio occorrer nas terras brasileiras como tradição duma raça transplantada, talvez uma Amazona ou uma Sapho das cubatas e aringas do Congo. O embaixador entrega a espada e supplica:

"Senhor rei, não me mateis.
Não me mateis por piedade,
Tambem sou filho de rei.
Tambem tenho majestade!"

Enumera suas qualidades, parentesco e titulos, sua heraldica selvagem:

"Sou filho de rei Cetroquela,
Afilhado da virgem Maria,
Almirante e general,
Embaixador da Turquia!"

A um gesto generoso do soberano, escoltam-no entre chufas até ao fim do tivoação, todos de armas em riste. As danças e cantorias proseguem, depois do secretario se ter gabado de haver primeiro que os outros apontado a espada ao inimigo. Quando a festa vai na maior animação, ouvem-se ao longe rufos de tambor e cantos de guerra. Cai um silencio de expectativa e receio. E as palavras de lucta e animação vêm nas azas do vento, sob o côo estrellado:

"Coragem, meu soldado,
Que nós vamos guerraar!
Quando entrarem na lucta,
E' vencer ou é morrer!"

"Coragem, meu soldado,
Que nós vamos guerrear!
Quando entrares na lucta,
E' morrer ou matar!"

"Pega na arma, meu soldado,
Pega na arma, meu soldado,
Quando entrares na lucta,
Faz pontaria com goito!"

Corre a noticia terrivel, apavoradora. E' o embaixador que á frente do exercito, vem contra o rei e o reino. Os negrinhos de saio te extendem-se em pelotões.

Agitam-se grandes bandeiras de cores berrantes. E o principe Sueno, herdeiro da corôa, passa as tropas em revista, seguido de officiaes, armas desembainhadas, cantando:

"Papai, eu vou á guerra
O inimigo combater."

O côro responde:

"Ou vencer ou morrer,
Ou vencer ou morrer!"

Elle repete:

"Papai, eu vou á guerra
O inimigo batalhar."

E ainda o côro:

"Ou vencer ou morrer,
Ou a bandeira tomar!"

O velho rei levanta-se, chorando: — "Adeus, adeus, meu filho, meu filhinho!" O outro principe, d. Affonso, cai em prantos ao pé do throno. O secretario esconde-se. As tropas partem. Ouve-se o choque das espadas. Depois, os soldados de saio vêm recuando deante dos soldados de kapi do embaixador. Já no tablado, este mata com um golpe de espada o principe Affonso, que cai nos pés do soberano estarrecido. Por todos os lados, o combate prosegue ao som risonho deste estrilho:

"Fogo e mais fogo!
Fogo até morrer!"

Ha brados de furor e gritos de carnagem. Os grandes mantos ru-

bras ondeiam. Corpos tombam na poeira ou surdamente baqueiam no assoalho. Rostos negros, afogueados á luz de archotes resinosos, turbilhavam. Tinem, retinem armas. O rei é vencido. O principe Sueno aprisionado. Corte e soldadesca não passam dum montão de cadaveres. O secretario treme, sentado nos degraus do throno. O embaixador vingativo ordena a morte do principe herdeiro. E' quando o pae tenta a cobicia do vencedor:

"Vem commigo, embaixador,
Vem commigo ao meu thesouro,
Dou-te prata e diamantés,
Dou-te dois milhões de ouro."

O outro altivo e irreductivel responde com orgulhoso entono:

"O general de meu monarcha
Não se vende por dinheiro.
Segue, segue e algemado,
Vais morrer prisioneiro!"

Um guerreiro ergue a alabarda e desfere o golpe. O principe cai debruços, logo se immobilizando. E um grande lamento se eleva das gentes prisioneiras e tristes da derrota, enquanto o pae se abraça, convulsivamente chorando, ao cada-ver querido. (João do Norte — *Correio Paulistano*, S. Paulo).

BRASIL E ARGENTINA

A vizinhança e a prosperidade da Republica Argentina fazem desse feliz paiz um termo inevitavel de comparação no estudo de todos os phenomenos da vida brasileira. Os que julgam que o "nosso mal" é a Constituição, prégam a sua revisão para chegar a um pouco á da Argentina; os que pensam que o "nosso mal" é o café, aconselham que plantemos, como a Argentina, o trigo; os que vêm o "nosso mal" no Portuguez, acham que precisamos, como fez a Argentina, facilitar a vinda de Italianos; ha quem pense que fizemos mal de entrar na guerra porque a Argentina se conservou neutra; enfim, num cumulo de falta

de ciso, já disseram por ahí que o Brasil não endireita se não tiver uma guerra com a Argentina...

De facto, o povo argentino, devido ás condições naturaes do seu territorio, tem prosperado mais facilmente do que o brasileiro. Nossa ignorancia, resultado do noso pouco amor ao estudo das sciencias physicas e naturaes, ao estudo da historia economica das nações modernas, leva-nos a procurar a causa de nossa menor prosperidade nos phenomenos corriqueiros de nossa politica interna ou nos factos geraes de nossa vida social. Assim, esquecidos de que a terra é factor primordial da riqueza de um paiz, attribuímos a differença de resultados economicos, na vida dos dous povos, exclusivamente ao factor *homem*. Por ignorarmos as condições das duas terras, fazemos injusticia contra o povo de menor prosperidade. Sómente quando fossem identicos os dous meios physicos, em que se desenvolve a actividade de dous povos, seria justo, pela produccão delles, ajuizar-se de sua capacidade.

O Brasil inteiro, quasi todo inteiro, está na região tropical; dos seus 8.000.000 de kilometros quadrados, apenas 540.000 acham-se abaixo do tropico de Capricornio e são terras accidentadas, com excepção de menos da metade meridional do Rio Grande do Sul.

O territorio da Argentina todo elle fica ao sul daquelle tropico; o frio, na Patagonia, prejudica menos de um terço dos 3.000.000 de kilometros quadrados da superficie total do paiz. Todo o trabalho do povo argentino se realiza na região que vai de Tucuman, ao norte, a Bahía Blanca, ao sul; é a região cortada pelas estradas de ferro, que do interior conduzem para os portos de mar os productos das terras planas que ficam entre o parallelo de 30° e o de 40° de latitude sul.

Em nenhum paiz do mundo, nas condições de clima do Brasil, prospera a cultura do trigo e nem a criação do carneiro.

Sem que possamos negar as vantagens de clima, de disposição topographica das terras planas e fertéis

da Republica Argentina, onde é barata a construcção das estradas de ferro e onde a *machina* agricola pôde trabalhar facilmente no amanho do solo, conforme as regras da moderna industria que produz muito e a baixo preço, temos de reconhecer que a prospera Republica platina longe está do que por ahí se chama de "emancipação economica". Notemos, de passagem, que, no mundo moderno, essa historia de "emancipação economica" só pôde ser comprehendida pelos autores da expressão, alguns dos quaes já nos governaram no Brasil... A Argentina exporta cereaes, carne e lã; importa tecidos, machinas e carvão de pedra. No anno de sua maior prosperidade, 1913, o saldo da exportação sobre a importação chegou a £ 12.430.401, ouro sufficiente para o serviço de juros e amortização de sua divida externa, nacional, provincial e municipal. A Argentina compra £ 4.949.316 de tecidos diversos, £ 6.889.122 de machinas e ferros, finalmente £ 3.191.900 de carvão de pedra. Ella vende £ 29.287.022 de carne e lã e £ 35.582.895 de cereaes. E' a Argentina o tipo de um paiz agricola, cujo commercio exterior consiste em vender productos da terra e importar machinofacturas e combustivel. Não pôde uma nação ser menos emancipada, na sua vida economica, do que a prospera Republica do Sul.

Para o regular funcionamento do trabalho argentino, nas suas estradas de ferro, nos seus moinhos de trigo, nos seus frigorificos, nos abastecimentos de agua á sua Capital e ás suas grandes cidades, é necessario, é indispensavel, é absolutamente imprescindivel que se desembarquem por dia, todos os dias, quasi 10.000 toneladas de carvão estrangeiro.

Quando a Argentina pudesse passar alguns mezes sem receber ferros e machinas do estrangeiro, jámais ella poderia passar algumas semanas sem receber o combustivel indispensavel ao movimento de suas locomotivas e de suas bombas elevatorias de agua, pois de insignificante valor lhe são ainda os doze

poços de petróleo de Chubut, na Patagonia. Se em tempo de guerra, o carvão fôr considerado mercadoria de contrabando, a Argentina não poderá mover os seus caríssimos couraçados, suas estradas de ferro paralyzarão o trafego, seus habitantes serão ameaçados de sede...

Se uma frota de submarinos dispuzer de base proxima de operação, basta esse recurso do inimigo para convencer os Argentinos de que um paiz que não constroe suas *machinas* de guerra e não tem carvão para seu abastecimento não poderá alimentar o sonho de qualquer imperialismo militar, por mais capazes que sejam os seus brilhantes officinas e exercitados na disciplina os seus bravos soldados.

Nós no Brasil, se a accidentação das nossas terras encarece o seu amanho e torna, muitas vezes, impossível nellas o trabalho da machina agraria, temos a compensação dos cursos perennes enchococirados, cuja energia dynamica, transformada em electricidade, satisfaz as necessidades da vida urbana e permite a exploração de muitas industrias que não dependam immediatamente do combustivel mineral. Se na planura de suas terras, a Argentina consegue produzir mais facilmente, a accidentação das do Brasil offerece um recurso que precisamos não desperdiçar na demora com que delle façamos o estudo racional e a propaganda para o aproveitamento economico. (J. Pires do Rio — *Jornal do Commercio*, São Paulo).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS O POETA CHIADO

O poeta Antonio Ribeiro do Chiado é um dos typos mais curiosos da renascença literaria do seculo XVI. Vindo de Evora, esse frade franciscano chega a Lisboa e dá largas ás chocarriees que o tornaram um dos idolos do plebeismo das ruas. Rasga o habito religioso, annulla os votos que fizera, arrasta e consporea a

estamenha seraphica pelas tascaes e alcoveas da cidade.

O povo fez desse dissoluto frade um thema de anedotas picarescas que correram em outro tempo, e foi elle o primeiro da galeria em que deviam figurar mais tarde o *Camões do Eocio* e o Bocage. Não havia jogralidade ou dieterio obsceno que se lhe não attribuisse; o anedotario popular fazia ali varter, como num escoadouro, todas as immundicies da rua. Porventura, o descegrado frade nada tinha que ver com as desordens da imaginação e da injustiça do povello. Estava no seu destino ser autor ou cumplice de todas as facecias, chalaças, histerionices que tramelevam nas feiras. O seculo de Rabelais e Folengo, o renascimento com sua eiva de paganismo, trazia um programma de tolerancias excessivas.

O Chiado como o Bocage têm uma parte de innocencia nas culpas que lhes attribuem. Contudo, uma boa parte da reputação jogralesca acha a prova em numerosos documentos literarios, em que o quinhão de verosimilhança é perfeitamente admissivel. Chiado vivia nas feiras, nas alfurjas e nas tascaes, e frequentava a mais baixa e vil sociedade do tempo. A renuncia ao habito de frade, inculca o seu desprezo pela hypocrisia como pela sinceridade que é sempre o governo e compostura de vida. Seria muito absolvel-o só por esse rapido incidente; a verdade é que o seu teor de vida pouco se compadecia do amor do proximo: era mordaz, rixoso e lençoire com os inimigos. Rixas principalmente com os officinas do mesmo officio. Lidas, hoje, as obras do Chiado, de inestimavel valor para os estudiosos da linguagem popular ou da civilização portugueza, de modo algum justificam a popularidade que as cercava; mas, entretanto, como toda a literatura dramatica da Escola de Gil Vicente, mostram o cunho idiomático que se perdeu com o influxo italiano e classico de Antonio Ferreira.

Vae para uns trinta annos o illustre escriptor portuguez, entre

imaginoso e erudito, o sr. Alberto Pimentel preparou a edição das *Obras do Poeta Chiado*. Foi o preito mais significativo que se prestou ao velho poeta quasi esquecido.

Os tres autos então reunidos naquello livro, a *Pratica de Oito Figuras*, *Auto das Regateiras* e a *Pratica dos compadres* compunham toda a produção theatral do Chiado, a saber, o que se pode alcançar naquello momento. Entretanto, faltavam ainda algumas obras que se conheciam de referencia em antigos bibliographos e escriptores, dois autos, o de *Gonçalo Chambão* e o *Auto da Natural invenção*, só agora publicado.

O escudeiro famoso ainda escreveu dialogos, chocarriees, letreiros, glosas e produções fragmentarias, de vario assumpto. Se não temos ainda a sua obra completa, a que nos deu Alberto Pimentel caracteriza satisfactoriamente o poeta e tambem o homem, sob os aspectos essenciaes. A sua obra de theatro na especie, é muito falha e imperfeita; a acção é minima, não ha entrecho; e apenas dialogos successivos dão idéa da especie dramatica em que foram usados esses escriptos. O que ha melhor são as coarectadas, o improviso das replicas e a herimonia ou o incoherente disparate das chufas e pulhas com que se mimoseam as personagens. E' evidente a falta de *theatralidade* de todas as composições do Chiado. E' evidente que o theatro para elle seria talvez o pretexto de popularismo malsão. (João Ribeiro, — *O Imparcial*, Rio de Janeiro).

OS IMPOSTOS INTERNOS

Na historia financeira dos povos civilisados pôde observar-se quasi sempre, nos periodos de funda perturbação economica ou de má situação financeira, a adopção dos impostos internos de consumo como medida de emergencia para salvamento da ruina. Appellando assim, em momentos de panico e desesper-

ração, para recursos que só podem ser admittidos temporariamente, e excepcionalmente, o governo demonstra que não sabe como conjurar um mal por elle mesmo produzido. Na Republica Argentina, os desastres economicos que sobrevieram á celebre crise de 90 — devida quasi exclusivamente a uma brutal especulação sobre a terra, em que o governo collaborou em boa parte, — obrigaram os dirigentes, desorientados, a lançar mão de recursos que, em occasiões semelhantes, haviam sido empregados em outros paizes. Foi assim que em nosso paiz nasceram os impostos internos, em momentos anormaes. E é assim que os nossos governos os transformaram em recursos ordinarios do Estado, sobre cuja productividade se fazem calculos infantis, no afan de perpetuar a rotina e o privilegio.

Quando o governo argentino propoz ao congresso a adopção dos impostos internos, o fez como medida de emergencia para salvar o paiz da ruina imminente e para libertar-o de um possivel conflicto internacional. Jámais se pensou em fazer delles uma fonte permanente de recursos, e muito menos em ir augmentando o numero de artigos a gravar. Entretanto, os resultados verificados nos primeiros annos e o desconhecimento absoluto da intensidade e effeitos perniciosos que esses impostos iam causando na economia nacional, fizeram com que elles se fossem tornando uma fonte não desprezível dos recursos nacionaes, que se satisfazem quasi exclusivamente com o dinheiro das classes mais necessitadas e laboriosas.

Os financistas de 90 acreditavam haver resolvido definitivamente a grave crise economica e financeira por que passava o paiz com a adopção dos impostos internos como uma nova fonte de recursos. Com effeito, nos primeiros annos o Estado auferiu delles boas entradas. Mas logo se começou a notar os seus defeitos. Foram descobertos os seus inconvenientes, e viu-se que os fraudavam de duas maneiras: fabricando clandestinamente artigos como os



sujeitos aos impostos internos e collocando-os sem pagar imposto; e adoptando para o consumo artigos succedaneos ou de uso semelhante que desalojavam o artigo gravado. Assim, já em 1902 a renda dos impostos internos diminuia, até que em 1906 começou a crescer de novo, attingindo em 1913 ao seu maximo de arrecadação, que foi de 61.337.974 pesos. Dessa forma se foram transformando em impostos permanentes, que pesam tão desigualmente sobre as classes sociais. E são ainda mantidos, como panacéa para salvar o paiz de qualquer situação difficil que atravesse.

A primeira oportunidade que se apresentou para pôr á prova a efficacia e a segurança dos impostos internos como fonte de recursos fiscaes foi a presente crise nacional argentina. O fracasso dos impostos internos começou-se a notar em 1914, primeiro anno em que se começaram a sentir os effeitos de uma crise nacional provocada pelo nosso regimen impositivo. Nesse anno foi arrecadada a somma de 53.001.936 pesos, isto é, 8.300.000 pesos menos do que no anno anterior. No anno de 1915 houve outro tanto de *deficit*, e no anno de 1916 a diminuição dessa renda é realmente alarmante para o governo. Bem claros são, pois, os effeitos provenientes dos impostos internos como fonte de recursos de um Estado, e se algumas vezes se tem lançado mão delles como medida de urgencia, embora seja isso um mal, pôde tolerar-se em momentos excepcionaes; mas nunca é possível justificar o seu imperio de maneira permanente, fazendo delles um fundo de recursos que é injusto, desigual e contraproducente. E' necessario deixal-os de lado e buscar em outras elaborações mentaes suggeridas pela vida collectiva a melhor forma de harmonisar os justos interesses sociais com as elevadas aspirações nacionaes.

Nos bons tempos de toda a nação, nota-se um augmento no consumo e abundancia de tudo quanto nos máos tempos se chama de artigos indispensaveis, abundancia que aproveitada

por certa gente, faz crer numa riqueza illimitada do paiz. Nessa situação, ante a testação das grandes ganancias, tudo augmenta exageradamente de valor e o paiz, sem perceber, precipita-se numa queda vertiginosa, arrastando após si grande numero de pessoas e aterrorizando a população. O capital que consegue escapar, esconde-se e prefero não ganhar a comprometter-se. As industrias e o commercio com a retracção dos capitales, caem em quebra, liquidam ou fecham os seus negocios, e a população aterrorizada diminuo o seu consumo. Ora, estes estados anormaes do desenvolvimento de um paiz, a que se dá o nome de crise, jámais se pôdem enrar com o remedio dos impostos internos. Effectivamente, como é possível conceber impostos productivos sobre artigos de consumo, quando elles só o seriam nas boas épocas de abundancia e bem estar, em que a procura desses artigos é grande, e nunca em épocas de restricções, quando todos diminuem o seu consumo? Estes impostos não rendem então o necessario para poder tirar o paiz da prostração em que se encontra, e resultam estereis.

A sciencia e a experiencia nos mostram que os impostos internos em parte alguma salvaram um paiz da crise. Apenas conseguem simular que o restabelecem, mas na realidade cavam a sua propria ruina. Prejudicam muitas industrias nacionaes; debilitam e corrompem a nossa mocidade, levando-a a fazer uso de artigos de pessima qualidade, quando sem imposto poderiam consumir-os de excellente qualidade.

Por volta de 1841 a Nova Zelândia encontrou-se a braços com uma intensa crise, provocada por uma desenfreada especulação de terras, e que se caracterizou pela profunda depressão industrial, retracção do credito, baixa de todos os valores, bancarrotas, carestia da vida, emigração e todos os symptomas que sempre acompanham estes estados pathologicos de sociedades mal organisadas. Foi nessas circumstancias que aquelle paiz estabeleceu o im-

posto territorial, sobre a terra unicamente. A principio este imposto foi infimo, augmentando muito lentamente. Os seus resultados foram, contudo, excellentes; salvaram a Nova Zelândia da ruina, resolveram o problema dos desoccupados, elevaram os salarios e diminuíram as horas de trabalho, e como coroa-mento de tudo isto, voltou a imigração e logo se ergueram as forças economicas dessa florescente e joven democracia. (André Maspero Castro. — *Revista Argentina de Ciencias Políticas*, Buenos Aires).

OS CEGOS E OS LIVROS BRAILLE

Não serão muitos os soldados cegos que recorrerão á leitura como excellento conforto moral. O alfabeto Braille é facilissimo de aprender tanto ás creanças como nos adultos. Não obstante, muitos soldados cegos se mostram indifferentes aos attractivos da leitura pelos livros Braille, porque, operarios ou camponeses, não sabiam ler antes de ficar cegos. Assim, é de supôr que o numero de cegos que têm não passará de 20 0/0. Seja como fôr, é preciso tratar de suavisar-lhes o horror da sua cegueira, dando-lhes um alimento intellectual tão variado e interessante quanto possível: obras technicas para os trabalhadores, obras de cultura e profissionais para os que já tinham a sua profissão, de sciencia para os estudantes.

O cego não pôde ter uma grande bibliotheca particular, por uma razão muito simples: é que os livros Braille são muito dispendiosos. Taes livros exigem, com effeito, grande consumo de papel forte e caro, porque, sendo papel de qualidade inferior o ponto não resistiria á repetida pressão dos dedos. Além disso, sendo limitada a clientela, a tiragem se faz em numero reduzido de exemplares, o que torna muito elevado o preço de cada um. Uma tragedia, que uma bibliotheca popular vende por 25 centimos ao leitor commum, custa, na edição Braille, cinco ou seis francos. Um romance de tres francos e cincoenta custaria

na edição Braille, sem ganho para o autor ou para o editor, 35 ou 40 francos, talvez mais. E é preciso notar que o mesmo romance encontrará editor que o venderá a 95 centimos, em edições baratas.

Os cegos possuem, em geral, um numero limitadissimo de livros predilectos, além dos que lhes são estritamente indispensaveis ao exercicio da sua profissão. Isso porque qualquer obra reduzida ao alfabeto Braille, torna-se de grandes proporções como, por exemplo, a "Europa e a Revolução" de Albert Sorel (114 volumes), as "Memorias" da duquesa de Abrantes (130 volumes), "Port-Royal", de Sainte-Beuve (60 volumes), as "Memorias" de Marbot (31 volumes), o "Conde de Monte Christo" de Alexandre Dumas (41 volumes), os "Miseraveis" de Victor Hugo (40 volumes), etc. Só esses livros bastariam a encher um quarto cujas paredes estivessem mudadas de estantes.

Os livros Braille dividem-se em duas categorias bem distinctas: as que os cegos quererão possuir (manuaes profissionais, livros escolares, de orações, etc.), e que deveriam ser impressos á machina; e as que os cegos quererão tomar de emprestimo (livros de leitura amena ou instructiva), os quaes deveriam ser escriptos á mão para que se tenha delles a maxima variedade com a despesa minima. Foi assim que se organisou essa obra prima da caridade humana que é a Bibliotheca Braille. Em 1895 os copistas eram 60; já em 1910 attingiam a 1.500, e hoje são 1800. Assim tambem, o numero de volumes, que eram de 1100 em 1895, é hoje de 50.000, representando cerca de 12.000 obras, entre as quaes se salientam os romances, os dramas, as obras historicas e religiosas.

Os livros impressos são mais de 500, aos quaes é preciso juntar as colleções das revistas *Louis Braille* e *Evoc Braille*.

Quando um livro Braille começa a ser consumido pelo contacto repetido dos dedos, é receitado por um cego que vive desse trabalho. A pratica de copiar os livros á mão tem muitos

adversarios que receiam que os livros manuscritos deixem de ter correção, não sendo possível revel-os todos por inteiro. A esses se pôde responder dizendo que os livros Braille são rigorosamente revistos e que com esse methodo de escripta é muito difficil commetter erros.

Duas vezes por semana se abrem nos cegos de Paris as portas da Bibliotheca Braille. Mas, geralmente só os cegos que residem nas vizinhanças vão ler na Bibliotheca, e os outros preferem ir, com intervallos mais ou menos longos trocar os livros que já leram, por outros que levam a lêr em casa. Assim tambem fazem os cegos das provincias.

Um copista bem pratico poderá transcrever cinco ou seis paginas por hora. A copia de um volume Braille de 120 paginas representa pois, um trabalho de 20 a 25 horas no maximo. Com a machina de escrever, que custa sómente 60 francos, podem-se produzir 12 paginas por hora. Para os livros impressos ha dois excellentes instrumentos: a machina typographica de tipos moveis, e a estereotypia, esta permitindo compôr oito a nove paginas por hora. Ambas imprimem pontos sobre os dois lados da folha. Ha ainda as machinas Vaughan, que são muito simples e custam, cada uma, 250 francos, graças ás quaes as pessoas de boa vontade podem fazer em casa a impressão dos livros Braille. E como ha muitas dessas machinas funcionando actualmente, é heito esperar que o numero de livros Braille augmente logo.— (Pierre Villey — *Revue hebdomadaire*, Paris).

AS ESTRADAS DE FERRO DO MUNDO

Publicou-se nos Estados Unidos, recentemente, esta interessante estatistica de todas as estradas de ferro mundiaes, no tocante á extensão e á possessão das mesmas por particulares e pelo Estado:

Paizes	Anno	Total	Do Estado
Argentina . . .	1914	22,688	4,134
Australia . . .	1915	22,263	20,062

Austria - Hungria	1914	20,328	24,000
Belgica	1914	5,451	2,700
Brasil	1916	14,294	2,930
Canada	1915	35,582	1,768
Chile	1915	5,015	2,224
China	1916	4,467	—
Chile	1915	5,015	2,224
Egypto	1916	4,381	2,401
França	1914	34,958	5,600
Allemanha	1914	39,600	36,550
India	1916	35,833	29,599
Italia	1916	11,635	8,524
Japão	1915	7,131	5,684
Mexico	1913	16,988	13,224
Hollanda	1915	2,075	1,129
Nova Zelandia	1916	2,969	2,960
Noruega	1916	1,973	1,685
Peru	1915	1,800	1,100
Rumania	1914	2,382	2,350
Russia	1916	48,955	27,800
Hispanha	1914	9,277	—
Suecia	1915	9,228	2,045
Suissa	1916	2,571	2,527
Turquia	1914	4,376	1,200
U. S. Africana	1915	8,984	7,834
Reino Unido	1915	23,701	—
Estados Unidos	1917	245,218	—
Outros	—	26,426	3,719

Total 712,120 237,010

A Europa conta 217,000 milhas de linhas ferreas; America do Norte, 323,000; America do Sul 52,000.

Pertencem aos governos respectivamente, 118,000, 15,000 e 16,000 milhas. A Asia conta 69,000 milhas. A Africa 29,000 e a Oceania 23,000. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

A SCIENCIA E A INDUSTRIA NA INGLATERRA E NA ALIEMANHA

Não ha mais duvida sobre a necessidade de empregar todos os esforços afim de que na Inglaterra sejam reparadas depois da guerra as perdas industriaes por esta produzidas. O que não se sabe, entretanto, é se os ingleses estão bem certos da sua missão como já o estão os allemães. Num discurso pronunciado na Universidade de Leeds o professor Foster mostrou a habili-

dade dos allemães em applicar a sciencia á industria: "O homem instruído pela Allemanha, disse elle, tinha conhecimento inteiramente diverso do seu semelhante na Inglaterra, onde, por exemplo, as palatras *acido nítrico* ou *acido picrico* lidas num jornal seriam incompreensíveis para o vulgo."

Não faltam na Inglaterra homens de intelligencia para conserval-a na vanguarda do progresso. Mas é preciso fazer bastante nesse sentido, e aproveitar mesmo os exemplos offerecidos nesse terreno pela Allemanha.

Considerando a questão do ponto de vista educativo, é de notar que a instrução dos rapazes se equivale nos dois paizes até a idade de quatorze annos, sendo a frequencia superior na Allemanha, onde attinge a 94 0/0. Depois dessa idade, o rapaz allemão deve proseguir os seus estudos. Em 1909, com effeito, foi approvada uma lei que obriga os directores de empresas a fazerem com que seus empregados continuem a instruir-se. Assim, em Berlim, todo o joven empregado dentro dos limites da cidade deve frequentar até os 17 annos as escolas municipaes, onde é ensinada grande variedade de materias, desde a geometria até a correspondencia commercial. O maximo do horario attinge a 300 horas por anno, o minimo a 200. A instrução é gratuita, devendo o chefe da officina fornecer nos seus empregados os livros e instrumentos necessarios, assim como conceder-lhes o tempo de que precisam para frequentar as escolas. Ha escolas para varias especialidades, que podem ser frequentadas por aprendizes que as preferam ás escolas municipaes, e que são bem providas de machinismos modernos de sorte a poderem educar optimos operarios. Os aprendizes comecam o seu estudo nos quatorze annos, por um periodo de quatro annos, durante nove ou dez horas por dia, em seis dias da semana. Findo esse periodo, o operario deve sujeitar-se a um exame theorico-pratico, offerecendo uma prova do seu trabalho, denominada "*Gezellentuck*" e ten-

do bom exito, pôde ganhar cerca de 80 centesimos por hora. Depois de alguns annos de pratica, ha outro exame para o aprendiz se tornar *Meister*, podendo estabelecer-se por conta propria ou empregar-se. Para os graus sociais mais elevados, existem gymnasios e outros institutos especializados entre os quaes os *Lehrer Seminarier*, as *Fachschulen*, e aquellas onde se ensinam especialmente as linguas modernas, como as *Oberrealschulen* e as *Realschulen*.

Ora, embora a Inglaterra tenha progredido maravilhosamente no passado, não ha no paiz um methodo seguro de ensaio, e possuindo brilhantes scientistas a nação não pôde em conjuncto considerar-se culta. Relativamente ao campo chimico da industria, ha notorias deficiencias na Inglaterra, como por exemplo no tocante ás investigações scientificas. O chimico é em geral muitissimo mal pago, com grave prejuizo para as empresas indusriales, ao passo que na Allemanha as coisas são muito diversas, pois além de existirem em grande numero, os chimicos são muito bem pagos. Dahl resulta que os allemães conseguem grande economia de custo de produção e enorme expansão de commercio. Com relação aos methodos commerciaes, é sabido que a Allemanha conseguiu estender um commercio enorme, não só no continente mas tambem nas Ilhas Britannicas e nas colonias. E' que os allemães empregam meios verdadeiramente scientificos para attingir o seu objectivo: os seus caixeiros-viajantes conhecem os costumes, a lingua, os usos commerciaes dos paizes aonde vão, coisas que são geralmente ignoradas pelos caixeiros-viajantes Ingleses; além disso, trazem grande porção de catalogos, nas linguas dos varios paizes que visitam, e assim por deante. Aqui estão, por exemplo, os dados estatisticos do valor das mercadorias vendidas e do numero dos caixeiros-viajantes entrados na Suissa, num tempo pouco anterior á guerra: Allemanha, . . . 520.000 libras esterlinas de mercadorias vendidas; 4.711 caixeiros-viajantes; França, 12.720.000 libras

esterlinas de mercadorias; 1.531 caixeiros-viajantes; Italia, 8.160.000 libras esterlinas de mercadorias; 1.045 caixeiros-viajantes; Reino Unido, 3.640.000 libras esterlinas de mercadorias e 61 caixeiros-viajantes.

Muito se poderia escrever sobre este assumpto. Bastam, porém, as linhas acima, para explicar a nossa energia, porque se a Alemanha continuar a ser senhora das indústrias químicas e das do acido nítrico e do ferro, não haverá mais paz no mundo. Não poderemos esperar a victoria na lucta industrial e commercial se todos os homens capazes do paiz não trabalharem intensamente nesse sentido. (E. Fearon — *Chamber's Journal*, Londres).

O MIMETISMO DOS ANIMAES

O mimetismo nos animaes explica-se pela telepathia. Assim, por exemplo, um passaro contempla com olhos indagadores um verme, quasi a perguntar-lhe se não será por acaso uma serpente, e inspira assim telepathicamente ao proprio verme, a idéa logo realisada de se tornar quando lhe fór possível semelhante á serpente para fugir ao perigo. Muitas vezes essa telepathia não dá resultado nenhum, mas repetida em milhares de casos, através dos seculos, pôde exercer um fortissimo effeito, de forma a tornar uma borboleta igual a uma folha secca, outra a um ramo verde. A forma mimica adoptada estará sempre em relação directa com o genero de perigo a evitar. E' preciso recordar que não existe uma linha nítida de divisão entre os factos psychicos e physicos, os quaes se fundem uns nos outros. O homem, justamente porque é tão complicado na sua organização, perde o contacto com muitas coisas, as quaes entretanto são sensibilissimas para os orgaos especializados dos animaes. Com que finura de olfacto o cão segue os passos de um homem ou de uma caça! Nada, pois, existe de extranhavel no affirmar que o mimetismo é produzido por influencias telepathicas, visto como a estrutura

nervosa do animal pôde ser tão sensível que perceba o trabalho mental de um inimigo. O mimetismo animal é até agora um problema sem solução, e para muita gente não se explica senão pela presença de um Deus omnipresente e omnipotente, que adapta os animaes ao ambiente. Contudo, elle pôde explicar-se scientificamente. Desde que se reconheça que todas as coisas existentes recebem impressões de tudo quanto as circundam, deve-se tambem admittir que toda a vida tende a influenciar outras vidas ou a soffrer a influencia dellas. Essa faculdade telepathica dos animaes é para nós incompreensível, porque não a possuímos. E' de crer, entretanto, que os nossos remotos progenitores já a possuiram, tendo-a perdido com o desenvolver dos meios de communicação, especialmente da palavra, da mesma forma como perdemos a nossa antiga capacidade de segurar os objectos com os pés. (Hudson Maxim — *North American Review*, Nova York).

UM PRECURSOR DE TOLSTOI

E' sabido que um dos mais apaixonados innovadores no terreno da religião, assim como um dos mais importantes semeadores de doutrinas sociaes e evangelicas, foi Leão Tolstoi. Tolstoi apparece, pois, geralmente, como um desses creadores de doutrinas mornas fundadas sobre a interpretação do Evangelho. Entretanto, elle não fez outra coisa senão desenvolver sem nenhuma modificação substancial as idéologias de um pobre mujik do governo do Toer: Sutalef. E' contado, certo que Tolstoi conheceu Sutalef, e não só o conheceu como tambem com elle entreteve frequentes palestras, em que por vezes discutiam sobre a salvação da sociedade.

O pobre mujik, permaneceu analfabeto até uma idade avançada, e após longos esforços, impellido por um intenso desejo de conhecer o sentido verdadeiro do Livro dos Livros — o Evangelho, conseguiu aprender a ler em Petrogrado, roubando horas ao somno. Ler e meditar

ta: o Evangelho foi para elle a occupação principal de todos os dias. E como consequencia directa das suas primeiras especulações, formou uma idéa nova da religião, como devia na realidade ser professada e pregada ao povo. Em 1880 o *Mensageiro de Toer* annunciava entre muitas outras a apparição de uma seita nova: o Sutaiefismo. A apostasia de Sutaief tinha uma origem curiosa: elle, que de principio era devotissimo ás regras religiosas e que havia dado provas irrefragaveis da sua devoção num momento, por uma pequena questão casual que surgira quando se tratava do sepultamento de um filho, abandonou toda a pratica da fé: "Eu não frequento mais a Igreja, porque tudo alli se paga. Eu tenho a Igreja em mim mesmo, dizia aos seus visinhos Sutaief, e sobre essa maxima fundou toda a sua doutrina. Logo se acercaram delle outras pessoas, o improvisado pastor foi admoestado pelo pope, foi perseguido pela policia, mas a nova communhão se formou apesar disso, repudiando o nome de seita: "Nós não formamos uma seita, dizia o rude reformador, nós queremos sómente ser verdadeiros christãos, baseando nosso christianismo sobre o amor". Mas a ideologia nada nova de Sutaief não ficou sómente em ideologia: como bom slavo, elle quiz traduzil-a na pratica, pretendendo transformar toda a vida por meio da caridade que se apoiasse sobre o Evangelho, afim de se estabelecer entre os homens a paz universal e a justiça. A verdade, diz elle, é o amor na vida commun. Assim, pois, não havia necessidade de sacramentos e o baptismo se tornava coisa superflua. Por isso elle não baptisava os seus filhos, achando ainda que o matrimonio é uma imposição mentirosa, perfectamente dispensavel quando dois seres são levados a unir-se pelo amor.

Tal Evangelho, baseado sobre a quasi completa ignorancia do mundo, e que tinha por fundamento o amor universal quasi franciscano, applicado por elle com a rigidez propria do homem inculto ás leis

sociaes, não foi outra coisa senão um principio de subversão do Estado. O reino de Deus que o *mujik* sonhador quer formar na terra não pôde explicar-se senão por um completo communismo. Abolida definitivamente a propriedade, tambem ficariam abolidos os odios, o furto e o egoismo. Por isso os ricos devem "resstituir a terra" e os que ajuntaram muito dinheiro devem repudiar esse elemento desmoralizante do homem. Em consequencia não haveria questões, sendo supprimidos os tribunaes, os arrecadadores de impostos e os funcionarios que vivem como parasitas do povo. E sendo a guerra uma enorme injustiça, contraria á maxima expressa por Deus no Decalogo — "não matará" — tambem seria abolido o exercito. Nessas condições, tendo sido chamado o ultimo filho de Sutaief a prestar serviço militar, recusou-se a isso. Foi preso e posto a pão e agua. Recusava o alimento. Tres dias depois, para não o deixarem morrer de fome, foi retirado do carcere e removido para outro lugar. Mas já varios dos seus companheiros se tinham convertido á nova doutrina.

Essa theoria feita de ingenuidade ideologica nós a encontramos ponto por ponto em Tolstoi, que advogou nos seus romances e a espalhou nas classes mais cultas. De modo que os adeptos de Sutaief que a principio eram em número escasso, chegaram a milhares em vista da popularidade do romancista. E os que sympathisavam com as suas idéias começaram a ser incontaveis. Como Sutaief, Tolstoi formou para si uma religião, cujas linhas geraes vêm no livro "A minha religião". (Francesco Paolo Giordani — *Il Marzocco*, Florença).

A PERSONALIDADE SENTIMENTAL

Dissertando sobre a "natureza das cousas", Lucrecio vê no amor uma lei suprema, nobre e cruel, magnifica e temivel, que põe frente a frente o prazer e a melancholia de perseguir um ideal sem jámais alcançal-o. E' a lei das leis. Assim, toda a existencia humana em geral



se complica com um ou mais episódios de amor e torna-se estéril e absurda a vida que nunca foi perturbada por este sentimento. Entre todas as manifestações da vida affectiva, nenhuma tem sido mais estudada. Uns investigaram sobre as suas raízes nas tendências instinctivas, outros descreveram as emoções que seguem a excitação dos sentidos, ainda outros analysaram como se forma o sentimento amoroso propriamente dito ou referem como a imaginação humana elabora certas representações vasias de conteúdo real. Mas todos, philosophos, sábios e artistas, são accordes em assignalar dois grandes temperamentos de namorados: os que amam para soffrer e os que amam para gozar, Werther, o pessimista, e D. Juan, o optimista. Com muita imaginação, e pouco instincto Werther é a victima da sua incapacidade para agir no momento opportuno, perturbando-se pela demasiada preocupação mental. D. Juan, com forte pujança de instincto e exigua imaginação, triumpho sempre pelo seu tacto opportuno e porque já em todos os seus desejos ha o começo de acção. Werther divaga, D. Juan executa. E quasi todos quantos dizem venerar Werther e aborrecer D. Juan mentem, porque não ha homem que prefira ser Werther a ser D. Juan. Todos que amam possuem um desses dois temperamentos, predominando em alguns os sentidos e em outros a imaginação. E' se mais Werther ou mais D. Juan. Não se ama como se quer: ama-se como se póde. Cada vez que num homem nasce um novo amor, podemos assegurar que o novo sentimento terá certos caracteres communs a todas as manifestações da sua vida affectiva. Estudando como florescem os sentimentos, porque se transformam e quando morrem, observa-se que em cada individuo, como um producto da sua herança e de sua educação, se forma naturalmente uma *personalidade sentimental*. Todo o ser humano herdado ao nascer determinadas tendencias instinctivas: a affectividade commum á especie e as variações de raça, sociedade e fa-

mília. O conjunto constitue o temperamento affectivo, que é uma predisposição inicial para desenvolver de certa maneira os sentimentos individuaes. As diversidades do temperamento revelam desigualdades hereditarias. A educação sentimental em seu sentido mais lato é o processo continuo de adaptação aos sentimentos alheios no correr de successivos episodios amorosos que vão formando a experiencia de cada individuo. A repetição de amores homogenos crea verdadeiros habitos affectivos. Com um temperamento e uma educação determinados, tornamo-nos Werther ou D. Juan. A experiencia sentimental se enriquece com a successão de episodios de amor, de sorte que todos os passados constituem uma base permanente para os futuros. Quer isto dizer que num dado momento da vida humana a personalidade sentimental é a confluencia de todos os episodios de amor que durante a vida modificaram o temperamento nativo. Por isso, ao ser amado cada amante se aproveita do trabalho dos que o precederam e semeia para os que o seguirão. Ha designaes aptidões amorosas, devidas ao temperamento: amantes ternos e imperativos, tímidos e impetuosos. Ha diferenças de educação amorosa, segundo a diferente experiencia pessoal: torpes e refinados, tímidos e audazes. Ha variações da personalidade sentimental num mesmo amoroso. A personalidade sentimental é em summa o resultado das variações do temperamento mediante a educação. Sendo distinctos os temperamentos, ha entre as personalidades certa "desigualdade individual". Sendo diversa a educação, tendem as personalidades até á "differenciação individual". Sendo incessante a educação, cada personalidade é objecto de uma constante "variação individual". Cada namorado ama de maneira diversa nos diversos momentos de sua vida.

Da differença de educação sentimental resultam as differenças que existem entre as personalidades affectivas. O "analfabetismo do coração" dura pouco nos indi-

viduos normaes. Flaubert nos deu uma personificação tristissima da mediocridade sentimental no infeliz Bovary. Charles Bovary, entretanto, não era um personagem excepcional. E' antes, vulgar. Como elle ha milhares de maridos tranquilos, incapazes de sentimentos que comprometam a sua unica aspiração bem definida: a tranquillidade. Sob esses innumeraveis Bovarys existem os "retardados sentimentaes", os imbecis do coração, os idiotas. Neste é absoluta a incapacidade de amar: não amam nem podem amar muito, como se lhes faltasse o instinto que serve de base á formação do sentimento amoroso. (José Ingenieros — *Revista de Filosofia*, Buenos Aires).

ONDE ESTÁ A ALMA NA INCONSCIENCIA?

Minha attenção foi fortemente atrahida para este assumpto por dois factos recentes: um pessoal e outro occorrido em minha familia. O primeiro desses acontecimentos, menos significativo que o outro, foi a mim que mecedeu. Ha duas semanas me foi ministrado um anestesico pelo meu dentista. Eu tinha ido ao gabinete em carro fechado, acompanhado por minha mulher e pelos nossos dois filhos, os quaes permaneceram no carro, que continuou a excursão. Sob a influencia do anestesico eu estava realmente conscio de ter voltado á carruagem em movimento, e pude perfeitamente ver os que a occupavam, ao passo que estava certo de que elles me não viam. Esta sensação naturalmente pôde ter sido inteiramente subjectiva, mas a impressão era muito clara.

O segundo acontecimento é mais convincente. Meu filho Adriano, de cinco annos, achava-se gravemente doente de pulmonite e estava estendido no leito, em estado meio comatoso, com uma temperatura de quarenta e um grãos. Minha mulher, que o tratava, deixou-o por um momento, afim de ir procurar qualquer coisa no quarto das creanças,

separado por outros dois quartos. Meu filho mais velho Diniz, que alli se encontrava, estava do pé sobre uma cadeira, e ao descer della amassou dois soldadinhos de estanho que se achavam no chão. Minha mulher, preocupada em não abandonar o enfermo muito tempo, apressou-se então em voltar para o quarto d'elle, e acercando-se da cama ouviu de Adriano: — Diniz malvado! Está quebrando os meus soldadinhos.

No entanto, durante os cinco dias de doença elle não havia nem uma vez falado dos soldadinhos, de sorte que essa observação estava longe de qualquer coincidência approximativa. Nem mesmo podia tratar-se de transmissão de pensamento da mente de minha mulher, porque esta estava certa de que no momento pensava sómente no enfermo. O que eu posso explicar em vista disso é que provavelmente em certos momentos e em certas condições a alma pôde afastar-se do corpo e transmittir a este as observações que fez durante o seu vôo independente. Essas condições parece que occorreram no caso classico de sir E. Rider Haggard, que escreveu uma carta ao *Times*, ha alguns annos, contando-lhe o seguinte factó: tinha perdido o cão favorito. Em sonho, viu-o estendido em certo ponto da estrada de ferro, e das investigações feitas, resultou que realmente o corpo do animalzinho estava lá. Não havia outra razão especial para que aquelle ponto dos trilhos mais do que qualquer outro, occorresse á mente de sir Haggard. Outro caso classico é o de um assassinio celebre do seculo XVIII, tendo a mãe da assassinada sonhado por tres vezes que via o cadaver de sua filha escondido em certa localidade. O lugar foi explorado e o corpo foi realmente encontrado. Ha um grande numero de casos semelhantes, que se poderiam citar. A explicação delles está na supposição de que a alma se lance fóra do corpo, á semelhança de um ballão captivo, ficando presa a elle por um fio. (Arthur Conan Doyle — *Ultra*, Roma).

AS CARICATURAS DO MEZ

UMA VIDA EM PERIGO



Tio Sam — Agora nós vamos aparar esses bigodes á americana.

(J. Carlos — "Caretá", Rio)



Hindenburg — As exigencias de vosso estomago ameaçam o equilíbrio da dynastia.

(J. Carlos — "Caretta", Rio)



— Fieis, Allah assim o quiz! Foi elle quem m'o disse. A cidade do Propheta não será mais Jerusalém! Será Belém!

("D. Quixote", Rio de Janeiro)

Joailierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude □

△ □
Dr. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

▽ Calva do Corraio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560 ▽



A' ILLUMINADORA.

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO
DE ELECTRICIDADE.

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL,
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escritorio: Largo da Sé, 15
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE,
LEVEN VAMPRE e PEDRO
SOARES DE ARAUJO—Traves-
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritorio: R.ka Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-
RA — Das Universidades de Ge-
nebra e Munich. — Cirurgia —
Operações — Rua Libero Badaró,
181. Telephone 3492, das 13,30
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA—Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clínica medica especialmente das
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 139
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA—Medi-
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Paris.
— Consultas das 9 às 11 e das
14 às 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escritorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Te-
leph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titu-
los — Escritorio: Travessa do
Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-
querque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Penteadó — S.
Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos:
Praça da Republica, 23. Teleph.
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.
Telegrammas: "Bellico", Genova
(Italia), Piazza Scuole Pie 10 —
Casella 1.459. End. tel. "Bel-
lico".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira Inglesa. — Importação di-
recta. — Rua Amarel Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

- Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Seguros maritimos e contra fogo
- J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."
- Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"
- Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"
- Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"
- Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"
- William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido
- Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"
- J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"
- P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento
- Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Acceitam pedidos para importação directa mediante
modica commissão



REVISTA DO BRASIL

Summario do n. 24, Dezembro — Psychologia das Revoluções meridionaes, por F. J. Oliveira Vianna; Notas do tempo, por Tristão da Cunha; O mata-pau (novella), com illustração, por Monteiro Lobato; Um livro prejudicial ao ensino, por Joaquim Lisboa; Maffio Pederneiras, com retrato, por Rodrigo Octavio Filho; A concepção federal de Alberto Torres, por Porfirio Soares Netto; Vida Ociosa (romance), por Godofredo Rangel — RESENHA DO MEZ: Na Academia Brasileira, por Medeiros e Albuquerque; Brasil e Argentina, por Paulo Pestana; Silva Jardim, por J. Marques; O primeiro voador, dor L. Guimarães Filho; As Caixas Economicas no Brasil, por Alcindo Guanabara; O Brasil esquecido, por João Ribeiro; Joaquim Nabuco, por José Maria Bello; Os brasileiros e a lingua alleman, por L. P. Barreto; Notas de Sciencia, Bibliographia, Movimento artistico (com quatro illustrações). Revistas e jornaes, Variedades, as melhores caricaturas do mez, etc.

O numero de Janeiro da "Revista do Brasil" (3.º anno), traz a seguinte materia: A nossa doença, por Monteiro Lobato; Parabolaa, por Afranio Peixoto (da Academia Brasileira); O professor da Mombaca, novella, por Alberto de Oliveira (da Academia Brasileira); Do Archivo de José de Alencar (cartas de Lamartine, F. Octaviano, Q. Bocayuva, Gonçalves Dias, Castro Alves, J. Serra, L. Guimarães Junior, Benalcanfôr, Gomes de Castro); A concepção federal de Alberto Torres, por Porfirio Soares Netto; Mattas ou florestas, por F. Badaró; Vida ociosa, romance, por Godofredo Rangel. — RESENHA DO MEZ: Questões pedagogicas, por Carlos da Silveira; Liga Humana, por Mario de Alencar; Autores e leitores, por Constancio Alves; Arthur de Oliveira, por Jorge Jobim; O nosso theatro, por Carlos de Laet; Hora decisiva, por A. Chateaubriand; Carlos Gomes na Italia, por Agostinho de Campos; Amadeu Amaral, por J. A. Nogueira; Movimento artistico, Movimento scientifico, Bibliographia, Revistas e Jornaes, As caricaturas do mez; Illustrações: Areal, A rajada, Canto do Rio, Junto ao mar, quadros de E. Parreiras.

Aproveitar o seguinte coupon:

Sr. secretario-gerente da "REVISTA DO BRASIL")

Caixa, 1373 — S. Paulo

Remetto-lhe 15\$000 réis para uma assignatura annual da "REVISTA DO BRASIL", a começar em Janeiro e a terminar em Dezembro de 1918. Peço-lhe enviar-me gratuitamente os numeros de Novembro e Dezembro de 1917, que a Revista offerece a todos os assignantes.

Nome

Localidade

O SACY PERÊRÊ

RESULTADO DE UM INQUERITO

Um bello volume de 300 paginas, com numerosas illustrações fóra do texto.

A' venda em todas as livrarias e na Revista do Brasil

PREÇO: 4\$000; pelo correio, 4\$500

